

# UM ESTUDO EM VERMELHO

COLEÇÃO  
SHERLOCK HOLMES

# UM ESTUDO EM VERMELHO

Sir Arthur Conan Doyle

1ª Edição

 EDITORA  
RIDEEL

## PREFÁCIO

*Sir* Arthur Conan Doyle nasceu em Edimburgo, a 22 de Maio de 1859, de ascendência aristocrática anglo-irlandesa. Seus pais, com poucos recursos financeiros, tiveram de fazer consideráveis sacrifícios para oferecer-lhe o que, então, se considerava uma educação condigna. Assim, como fidalgo pobre, entre colegas privilegiados, Doyle estudou nas escolas qualificadas de Hodder e Stonehurst; depois em colégios de Jesuítas, tanto na França, como na Alemanha. Aos dezessete anos dominava o latim e o grego, falava fluentemente francês e alemão, além do inglês e irlandês, e adquirira uma formação metodológica que viria a ser-lhe útil como investigador e escritor.

O polivalente Doyle acabou se formando em Medicina, na Universidade de Edimburgo, após o que resolveu embarcar num veleiro, como cirurgião de bordo, para uma expedição predatória à baleia, no Mar Ártico. No final desta viagem, ele percorreu as costas da África, ocidental e oriental, como médico de um navio mercante.

Em 1885, casou-se com Jane Hawkins que, vítima de uma enfermidade crônica, ficou inválida durante muitos anos, até falecer em 1906. Foi no ano seguinte ao seu casamento que, sempre escrevendo para a Imprensa, Doyle criou a famosa figura de Sherlock Holmes.

Recordando-se do professor de Cirurgia, Dr. Joseph Bell, com o seu nariz aquilino que lhe dava uma expressão de ave de rapina, a sua inclinação frustrada para a música e os seus hábitos peculiares, Doyle moldou Sherlock Holmes à imagem daquele médico com quem estudou na “Enfermaria Real” de Edimburgo, anexa à Universidade.

O Dr. Bell, com base nas autópsias, contribuiu com algumas descobertas no campo da Medicina Legal, fundamentando-as na Anatomia, na Antropometria e até na nova teoria científica da Frenologia, correlacionando as deformações cranianas com a Psicopatologia; e soube encantar os discípulos com as suas faculdades de análise e dedução lógica.

Assim, à imitação do mestre, Doyle dedicou a atenção a alguns casos criminais, chegando, posteriormente, a ser convidado a participar de vários inquéritos policiais. Mas não foi só à influência do Dr. Bell — e sim a todo um conjunto de circunstâncias — que se deve o seu interesse pela criminologia. Em 1807, foi criada, na Universidade de Edimburgo, a cadeira de Jurisprudência Médica (Medicina Legal). O professor catedrático era *Sir* Henry Littlejohn, Cirurgião-Chefe da Polícia daquela cidade.

Embora Doyle tivesse se apaixonado pelos métodos dedutivos e confessasse ter se inspirado no Dr. Bell ao criar Sherlock Holmes, não foi com Bell, mas sim com *Sir* Henry Littlejohn que estudou investigação criminal e que, como seu assessor, teve vontade de ser “testemunha da Coroa” (Acusação) em casos de homicídio debatidos no tribunal. Enquanto o personagem de Sherlock Holmes, pelo seu temperamento idiossincrático, não podia ser considerado encantador; o Dr. Bell, pelo contrário, possuía um coração terno e um vivo senso de humor.

Contribuíram para a escolha do nome, Sherlock Holmes: um detetive particular chamado Wendell Scherer que ficou famoso em Londres, pois, em tribunal, se recusou a revelar o segredo de um cliente, alegando — tal como os médicos — o sigilo profissional. E Wendell Holmes, o autor cuja leitura Doyle preferia. Ora, o apelido Scherer assemelhava-se ao termo alemão Shearer, que significa “barbeiro”, assim como Sherlock na gíria inglesa. Assim, a personagem que Doyle criou à semelhança do Dr. Bell foi batizada com o nome de Sherlock Holmes.

Na realidade, Doyle fez de Sherlock Holmes uma espécie de cavaleiro andante na luta do Bem contra o Mal, embora profissionalmente, o herói apenas procurasse a verdade, sobrepondo a análise científica a qualquer tipo de sentimentalismo.

Foi realmente pelo indiscutível mérito de Doyle que, em 1902, o governo britânico induziu a Coroa a homenageá-lo com um título de nobreza .

Outro fato significativo que altamente dignifica a obra de *Sir* Arthur Conan Doyle reside na adoção, por parte de todas as Polícias do mundo civilizado, dos métodos e investigação estruturados pelo genial personagem fictício Sherlock Holmes. Nas palavras do seu companheiro, Dr. Watson:

“(...) a dedução elevada à categoria de ciência exata”.

Publicando no “Strand Magazine” a sua primeira novela, “Um Estudo em Vermelho”, Doyle recebeu por ela apenas 25 libras, ou seja, quinhentas vezes menos do que hoje se paga por um exemplar dessa edição. O interesse manifestado pelo público inglês não parecia promissor. Mas, um editor americano encomendou-lhe outra obra que veio a se chamar “O Signo dos Quatro” e que, sendo publicada em 1890, obteve um êxito surpreendente.

No ano seguinte, o “Strand Magazine” propôs-lhe a edição de doze contos, e depois outros doze e, então, o sucesso de Sherlock Holmes não teve limites, verificando-se a constante procura por suas obras, não só seqüentes, mas também anteriores, mesmo após a morte do autor, na sua casa de Sussex, a 7 de Julho de 1920, com 71 anos de idade.

Mais tarde fundaram-se sociedades e clubes em várias cidades da Europa e da América, e muitos outros escritores têm feito análise “biográfica” sobre esse investigador da Baker Street, como se este tivesse realmente existido. Atualmente, nos Estados Unidos, o preço de cada exemplar das primeiras edições de Sherlock Holmes chega a atingir, conforme a sua raridade, 7500 dólares.

Assim, a Editora Rideel lança agora a “Coleção Sherlock Holmes”.

# PRIMEIRA PARTE

## MEMÓRIAS DO DOUTOR JOHN H. WATSON, EX-OFICIAL MÉDICO DO EXÉRCITO DE SUA MAJESTADE BRITÂNICA

### I – MR. SHERLOCK HOLMES

---

No ano de 1878 formei-me em medicina pela Universidade de Londres e logo parti para Netley a fim de seguir o curso exigido aos médicos militares. Terminados os estudos, fui destacado para o Quinto Regimento de Fuzileiros de Northumberland como cirurgião assistente. Nessa época, o Quinto estava na Índia, mas, antes da minha apresentação na unidade, eclodiu a segunda guerra afgã. Ao desembarcar em Bombaim, soube que meu regimento já tinha atravessado os desfiladeiros e se achava embrenhado em território inimigo. Tomei o mesmo caminho, com muitos outros oficiais que estavam em idêntica situação, e consegui chegar são e salvo a Candahar, onde encontrei a minha unidade e imediatamente assumi as novas funções.

A campanha proporcionou honras e promoções para muitos, mas a mim só trouxe infortúnios e desastres. Fui transferido da minha brigada para as tropas do Berkshire, com as quais tomei parte na fatídica batalha de Maiwand. Ali, uma bala de mosquete afgão atingiu-me o ombro, fraturando o osso e raspando a artéria subclávia. Teria caído nas mãos dos ferozes ghazis, se não fosse a devoção e a coragem de meu soldado, Murray, que me pôs num cavalo de carga e conseguiu levar-me para as linhas britânicas.

Debilitado pelo sofrimento e pelas contínuas privações que havia suportado, fui removido, numa longa composição de ambulâncias, para o hospital central de Peshawur. Ali fui-me restabelecendo, e já tinha melhorado o suficiente para andar um pouco pelas enfermarias ou estender-me ao sol

na varanda, quando apanhei essa praga das nossas possessões indianas: uma gastroenterite, inflamação do estômago e do intestino. Durante meses, tive a vida por um fio e quando, finalmente, voltei a mim e entrei em convalescença, estava de tal modo fraco, magro e pálido, que uma junta médica me mandou regressar imediatamente à Inglaterra. Fui colocado no vapor Orontes e, um mês depois, desembarquei no cais de Portsmouth com a saúde irremediavelmente arruinada, mas com a permissão, dada por um governo paternal, de tentar melhorá-la dentro dos próximos nove meses.

Não tendo relações nem parentes na Inglaterra, achava-me tão livre como o ar... ou pelo menos tão livre quanto pode ser um homem cujo rendimento não passa de onze xelins e seis pence por dia. Em tais circunstâncias, fui naturalmente atraído por Londres, essa grande fossa a que irresistivelmente vão ter todos os vadios e desempregados do Império. Ali fiquei algum tempo, instalado num hotel do Strand, levando uma existência sem conforto nem sentido e gastando todo o dinheiro que recebia. Tão alarmante se tornou o estado das minhas finanças que em breve me vi na obrigação de deixar a metrópole e ir viver no campo, ou alterar completamente o meu modo de vida. Escolhendo esta última alternativa, resolvi sair do hotel e instalar-me num domicílio mais barato e menos pretensioso.

Exatamente no dia em que cheguei a essa conclusão, encontrava-me no bar Criterion quando alguém me bateu no ombro. Voltando-me, reconheci Stamford, um jovem que fora meu assistente em Barts. Ver um rosto amigo no imenso deserto londrino é coisa muito agradável para um homem solitário. Nos velhos tempos da universidade, não tínhamos grande intimidade, mas cumprimentei-o com entusiasmo, e ele, por sua vez, pareceu feliz em ver-me. Na exuberância do momento, convidei-o para almoçar comigo no Holborn, e subimos juntos para um trem.

— Que diabo tem feito, Watson? — perguntou-me, sem esconder o espanto enquanto passávamos pelas ruas apinhadas de Londres. — Vejo-o magro como um chicote e escuro como uma castanha.

Fiz-lhe um breve relato das minhas aventuras e, ao concluir, chegamos ao nosso destino.

— Coitado! — exclamou, condoído pelos meus infortúnios. — Que faz agora?

— Procuo alojamento — respondi. — Tento resolver o problema de encontrar um quarto confortável a preço razoável.

— É curioso — disse o meu companheiro. — Você é a segunda pessoa que me diz isso hoje.

— E quem foi a primeira? — interessei-me.

— Um sujeito que trabalha no laboratório químico do hospital. Queixava-se, ainda esta manhã, de não encontrar com quem dividir o aluguel de uns aposentos ótimos, mas demasiado caros para o seu bolso.

— Magnífico! — exclamei. — Se ele procura alguém para compartilhar o lugar e as despesas, sou exatamente essa pessoa. Prefiro ter um companheiro a morar sozinho.

Stamford olhou-me de um modo estranho, por cima do seu copo de vinho.

— Você ainda não conhece Sherlock Holmes — considerou ele. — Não sei se lhe agradará tê-lo por companheiro permanente.

— Por quê? Haverá alguma coisa que não o recomende?

— Oh! Eu não disse isso. É que é um pouco esquisito... tem paixão por certos ramos da ciência mas, que eu saiba, é uma pessoa muito correta.

— Estudante de medicina?

— Não. Não faço a menor idéia a respeito da carreira que pretende seguir. Creio que entende muito de anatomia e é um químico de primeira ordem. Mas, ao que me consta, nunca fez um curso sistemático de medicina. Estuda sem método, de uma maneira excêntrica, e já acumulou uma série de conhecimentos pouco vulgares que espantariam os seus professores.

— Nunca lhe perguntou qual o ramo da ciência em que deseja especializar-se?

— Não — respondeu Stamford. — Não é dado a confidências, embora seja bastante comunicativo quando lhe dá na telha.

— Pois gostaria de conhecê-lo. Visto que preciso morar com alguém, agrada-me que seja um homem tranqüilo e estudioso. Ainda não estou bastante forte para suportar ruídos ou estardalhaços. Já tive muito dessas coisas no Afeganistão... e chegam-me para o resto da existência. Onde poderei encontrar seu amigo?

— Ele deve estar no laboratório — respondeu Stamford. — Às vezes passa semanas inteiras sem aparecer, mas noutras ocasiões não sai de lá o dia inteiro e boa parte da noite. Se quiser, vamos procurá-lo depois do almoço.

— Combinado — respondi, e passamos a falar de outros assuntos.

Quando nos dirigíamos para o hospital, ao sairmos do Holborn, Stamford deu-me mais algumas informações acerca do cavalheiro com quem eu me propunha morar.

— Se não se der bem com ele, não me culpe — disse o meu ex-assistente. — Tudo quanto sei a respeito de Holmes vem dos encontros ocasionais no laboratório. Esse acordo é idéia sua e não me responsabilizo por nada.

— Se não nos entendermos — respondi —, será fácil nos separarmos. Parece-me, Stamford — acrescentei —, que você tem algum motivo para lavar as mãos de responsabilidade. O temperamento do homem é assim tão temível? Vamos lá, não tenha papas na língua!

— Não é fácil exprimir o inexprimível — respondeu ele, rindo-se. — Holmes talvez seja demasiado científico para o meu gosto... quase cruelmente científico. Posso até imaginá-lo capaz de administrar a um amigo uma pitada do último alcalóide vegetal, não por malvadez, mas simplesmente por espírito de pesquisa e para ter uma idéia precisa dos efeitos. Faça-lhe, porém, a justiça de admitir que ele próprio a tomaria com a mesma desenvoltura. A sua paixão é o conhecimento exato e absoluto.

— Não vejo mal nisso.

— Sim, mas é preciso respeitar certos limites. Quando se trata, por exemplo, de esfacelar cadáveres na sala de dissecação, esse espírito assume sem dúvida uma forma bizarra.

— Esfacelar cadáveres?!

— Sim, para verificar até onde as escoriações podem ser produzidas depois da morte. Vi com os meus próprios olhos quando ele fazia essa experiência.

— E ainda me diz que ele não estuda medicina?

— Não. Sabe Deus qual é o objetivo dos seus estudos. Mas estamos chegando e você deve formar a sua própria opinião.

Entramos por um beco estreito e descemos do trem defronte a uma pequena porta lateral que se abria para uma ala do grande hospital. Eu conhecia perfeitamente aquelas dependências e, ao subirmos a gelada escadaria de pedra, não precisava de guia: desembocamos no comprido corredor de paredes caiadas e portas escuras. Quase ao fundo, sob as arcadas baixas, havia uma passagem que dava acesso ao laboratório químico.



Este era uma vasta sala guarneçada de prateleiras lotadas de toda a espécie de recipientes. Aqui e ali havia mesas baixas e largas, cheias de retortas, tubos de ensaio e pequenos bicos de Bunsen com as suas trêmulas chamas azuis. Via-se apenas um estudante na sala, curvado sobre uma das mesas, absorto no seu trabalho. Ao ouvir nossos passos, olhou para trás e levantou-se com uma exclamação de alegria.

— Encontrei! Encontrei! — gritou ele para o amigo, correndo para nós com um tubo de ensaio na mão. — Encontrei um reagente que é precipitado pela hemoglobina e por nada mais!

Se ele tivesse descoberto uma mina de ouro, suas feições não denotariam tanta satisfação.

— Dr. Watson, Mr. Sherlock Holmes — disse Stamford, apresentando-nos.

— Como está? — saudou Holmes cordialmente apertando-me a mão com uma força de que não o julgaria capaz. — Vejo que andou pelo Afeganistão.

— Como sabe? — perguntei-lhe atônito.

— Isso não vem ao caso — replicou com um risinho. — Agora o que interessa é a hemoglobina. Já percebeu, sem dúvida, a significação desta minha descoberta!

— Sim, quimicamente é muito interessante — respondi —, mas praticamente...

— Ora, meu amigo, é a descoberta mais prática de toda a medicina legal neste últimos anos. Não compreende que isto vai permitir-nos obter uma prova infalível quanto às manchas de sangue? Venha aqui!

Na sua exaltação, segurou-me pela manga do casaco e puxou-me para a mesa na qual estivera trabalhando.

— Precisamos de um pouco de sangue fresco — programou ele, cravando no dedo um comprido punção e recolhendo uma gota de sangue com uma pipeta. — Agora, ponho esta pequena quantidade de sangue num litro de água. Note que a mistura resultante tem toda a aparência de água pura. A proporção de sangue não pode ser mais do que um para um milhão. Contudo, não tenho a menor dúvida de que poderemos obter a reação característica.

E, assim falando, introduziu no vaso alguns cristais brancos, adicionando depois algumas gotas de um líquido transparente. Num instante o conteúdo

assumiu uma cor escura de mogno e um pequeno depósito escuro formou-se no fundo do recipiente.

— Ah! Ah! — exclamou Holmes batendo as mãos e parecendo tão satisfeito como um menino com um brinquedo novo. — Que pensa disso?

— É uma prova muito delicada — observei.

— Esplêndida! Esplêndida! A velha prova do guáiacó era pouco prática e incerta. O mesmo acontece com o exame microscópico dos glóbulos vermelhos, que é absolutamente sem valor quando as manchas têm poucas horas. A minha reação, pelo contrário, parece verificar-se da mesma forma quando o sangue é fresco ou quando é velho. Se esta prova já tivesse sido feita, centenas de malfeitores que circulam agora livremente pelas ruas já há muito estariam cumprindo as penas dos seus crimes.

— Realmente? — murmurei.

— Muitos processos por homicídio esbarram continuamente nesse ponto. Por vezes um homem torna-se suspeito quando já decorreram meses após o crime. As suas roupas são examinadas e nelas se encontram manchas escuras. Serão manchas de sangue, de lama, de ferrugem, de fruta ou de quê? Eis uma pergunta que tem intrigado mais do que um perito. E por quê? Simplesmente porque não havia qualquer prova de laboratório que fosse irrefutável. Agora temos a “reação Sherlock Holmes”, e acabaram-se todas as dificuldades.

Com os olhos quase cintilantes, levou a mão ao peito e fez uma reverência, como se agradecesse o aplauso de uma multidão imaginária.

— Os meus parabéns — disse eu, realmente surpreso com o seu entusiasmo.

— No ano passado, em Francfort, ocorreu o caso de Van Bischoff. Não teria escapado à força se já existisse esta reação. E houve também o de Mason, em Bradford, e o do famoso Müller, e o de Lefèvre de Montpellier, e o de Samson, de Nova Orleans. Poderia enumerar toda uma série de casos nos quais essa prova teria sido decisiva.

— Você parece uma enciclopédia ambulante do crime — comentou Stamford rindo. — Está habilitado a fundar um jornal dedicado ao assunto. Poderia chamá-lo “Notícias Policiais do Passado”.

— E seria uma leitura muito interessante — observou Sherlock Holmes, pondo um pequeno adesivo na picada que fizera no dedo. — Preciso

precar-me, explicou, voltando-se para mim com um sorriso — pois lido continuamente com venenos.

Assim falando, estendeu a mão. Notei que estava cheia de curativos semelhantes e descorada pela ação de ácidos fortes.

— Viemos tratar de negócios — anunciou Stamford, sentando-se num tripé e empurrando outro para mim. — O meu amigo está à procura de um lugar para morar e como você andava se queixando de que não encontrava ninguém com quem dividir as despesas, pensei que conviesse apresentá-los um ao outro.

Sherlock Holmes pareceu encantado com a idéia de alugarmos o mesmo aposento.

— Estou interessado num apartamento de Baker Street — confirmou ele. — Seria ótimo para ambos. Espero que você não se incomode com o cheiro de tabaco forte.

— Eu fumo sempre tabaco de marinheiro — respondi.

— Tanto melhor. Geralmente tenho em casa produtos químicos e, às vezes, faço experiências. Isso o incomoda?

— De forma alguma.

— Deixe-me ver quais são meus outros defeitos... De vez em quando fico de mau humor e não abro a boca durante dias inteiros. Não pense que estou zangado quando isso acontecer. Esqueça-se de mim, pois logo me recomponho. E você, que tem a confessar? É muito conveniente que dois sujeitos, antes de decidirem morar juntos, conheçam as suas piores características.

Ri daquela exposição e declarei:

— Tenho um feitio de cão de fila e oponho-me a quaisquer barulhos porque os meus nervos estão abalados. Levanto-me tarde e sou terrivelmente preguiçoso. Tenho outros vícios quando estou de boa saúde, mas atualmente estes são os principais.

— Inclui o som de violino na categoria dos barulhos? — perguntou Holmes com certa ansiedade.

— Depende de quem o toca — respondi. — Um violino bem tocado é uma melodia para os deuses, mas quando é arranhado...

— Isso basta-me — respondeu com uma risada jovial. — Acho que podemos considerar o assunto como resolvido... Isto é, se os aposentos lhe agradarem.

— Quando iremos vê-los?

— Procure-me aqui, amanhã ao meio-dia, e iremos juntos tratar do assunto.

— Perfeitamente... ao meio-dia em ponto — concordei, apertando-lhe a mão.

Deixamos Holmes trabalhando com os seus produtos químicos e voltamos a pé para o meu hotel.

— A propósito — perguntei de repente, detendo-me e olhando Stamford —, como, diabos, ele soube que eu tinha vindo do Afeganistão?

O meu companheiro sorriu enigmaticamente.

— Essa é precisamente uma das suas pequenas particularidades. Há muita gente que desejaria saber como ele descobre as coisas.

— Ah! Trata-se de um mistério? — exclamei, esfregando as mãos. — Muito interessante. Não sei como agradecer esta excelente apresentação. Você sabe que o ser humano é o melhor assunto para se estudar.

— Pois comece a estudá-lo — disse Stamford, ao despedir-se de mim. — Encontrará em Holmes um problema bastante intrigante. Aposto que ele vai descobrir mais coisas a seu respeito do que você a respeito dele. Até a vista, Watson.

— Até a vista — respondi e entrei no hotel, muito interessado pelo meu novo conhecimento.

## II – A CIÊNCIA DA DEDUÇÃO

---

Nos encontramos no dia seguinte e fomos ver o apartamento no 221-B da Baker Street, que oferecia dois quartos confortáveis e uma espaçosa sala de estar, alegremente mobiliada e iluminada por duas amplas janelas. Tão bem correspondia às nossas necessidades e o preço era tão acessível, assim dividido por dois, que imediatamente o alugamos e recebemos a chave. Nessa mesma tarde, mandei vir do hotel as minhas coisas e, na manhã seguinte, Sherlock chegou com as suas diversas caixas e malas. Durante um dia ou dois estivemos ocupados com a arrumação dos nossos objetos pessoais. Depois, pouco a pouco, começamos a adaptar-nos ao nosso novo ambiente.

Evidentemente, a convivência com Holmes não era difícil. Tinha hábitos tranquilos e regulares. Era raro vê-lo de pé depois das dez horas da noite e, invariavelmente, já preparara o seu pequeno almoço e saía quando eu me levantava da cama. Às vezes passava o dia no laboratório químico, outras, na sala de dissecação, e ocasionalmente em longos passeios, que pareciam levá-lo aos bairros mais sórdidos da cidade. Nada podia esgotar a sua energia quando tomado por um acesso de atividade.

À medida que as semanas passavam, o meu interesse por ele e a minha curiosidade quanto aos seus objetivos na vida iam aumentando em extensão e profundidade. Até o seu físico era tal que despertava a atenção do mais descuidado observador. Quanto à estatura, passava de um metro e oitenta, mas era tão magro que parecia mais alto ainda. Tinha olhos agudos e penetrantes, e o nariz delgado, aquilino, acrescentava às suas feições um ar de vigilância e decisão. Também o queixo, quadrado e forte, indicava ser um homem resoluto. As mãos andavam invariavelmente salpicadas de tinta e manchadas por substâncias químicas, mas possuíam uma extraordinária delicadeza de tato, como freqüentemente tive ocasião de notar ao vê-lo manipular os seus frágeis instrumentos de alquimista.

Sob pena de ser considerado intrometido, confesso que aquele homem despertava a minha curiosidade. Minha saúde não deixava que eu me aventurasse a sair de casa, a menos que o tempo estivesse excepcionalmente bom, e não tinha amigos que, com as suas visitas, quebrassem a monotonia da minha existência quotidiana. Em tais circunstâncias, o pequeno mistério que cercava o meu companheiro constituía para mim uma rara oportunidade de distração e eu passava a maior parte do tempo a analisá-lo.

Holmes não estudava medicina. Ele próprio, respondendo a uma pergunta minha, confirmara a opinião de Stamford acerca desse ponto. Também não parecia ter feito qualquer curso regular que o habilitasse a qualquer ramo da ciência ou a penetrar nos umbrais do mundo erudito. Contudo, o seu zelo por outros estudos era notável e, dentro de limites excêntricos, o seu conhecimento era tão extraordinariamente amplo e minucioso, que as suas observações me espantavam. Evidentemente, nenhum homem trabalharia tanto para adquirir informações tão precisas, se não tivesse em vista um objetivo bem definido. Leitores desorganizados dificilmente se fazem notar pela exatidão dos seus conhecimentos. E ninguém sobrecarrega o cérebro com pormenores, a menos que tenha um bom motivo para fazê-lo.

Por outro lado, aquilo que Holmes ignorava era quase tão notável quanto a sua cultura. Sobre literatura, filosofia e política contemporâneas, parecia saber pouco ou nada. Ouvindo-me citar Thomas Carlyle, perguntou-me com a maior ingenuidade quem era e o que tinha feito. No entanto, a minha surpresa atingiu o máximo quando verifiquei que não conhecia a teoria de Copérnico e a composição do sistema solar. Ver uma pessoa civilizada, em pleno século XIX, desconhecer que a Terra girava em torno do Sol parecia-me um fato tão extraordinário que eu mal podia acreditar.

— Você ficou atônito — comentou sorrindo, ante a minha expressão de surpresa. — Pois agora que sei disso, tratarei de esquecer o mais depressa possível.

— Esquecer?!

— Evidentemente — explicou-me: — Considero o cérebro humano como sendo inicialmente um sótão vazio, que devemos mobiliar conforme desejamos. Um tolo atulha-o com todos os trastes que vai encontrando pelo caminho, deixando que os conhecimentos de alguma utilidade para ele fiquem soterrados ou, na melhor das hipóteses, tão ocultos entre as demais coisas que será difícil alcançá-los quando precisar. Um trabalhador especializado, pelo contrário, é muito cuidadoso com o que leva para o sótão da sua cabeça. Não quer mais nada além dos instrumentos que possam auxiliá-lo no seu trabalho. Destes é que possui uma larga provisão, e todos na mais perfeita ordem. É um erro pensar que o dito quartinho tem paredes elásticas e pode ser distendido à vontade. Segundo as suas dimensões, há sempre um momento em que para cada nova entrada de um conhecimento as pessoas esquecem qualquer coisa que sabiam antes. Conseqüentemente, é da maior importância não ter fatos inúteis ocupando o espaço dos úteis.

— Mas o sistema solar! — protestei.

— Que importância tem para mim? — interrompeu ele com impaciência. — Você diz que giramos em torno do Sol. Se girássemos em volta da Lua, isso não faria a menor diferença para o meu trabalho.

Estive a ponto de perguntar-lhe qual era esse trabalho, mas qualquer coisa nas suas maneiras me indicava que a pergunta não seria bem recebida. Refleti, no entanto, sobre a nossa breve conversa, e esforcei-me por fazer algumas deduções. Ele dissera procurar exclusivamente os conhecimentos que se relacionassem com o seu objetivo. Por conseguinte, todos os conhecimentos que possuía eram-lhe necessariamente úteis. Enumerei

mentalmente todos os diversos pontos sobre os quais se revelara excepcionalmente bem informado. Peguei um lápis e anotei-os. Não posso deixar de sorrir ao ver o documento resultante dessas minhas observações:

### CONHECIMENTOS DE SHERLOCK HOLMES

1. Literatura: zero.
2. Filosofia: zero.
3. Astronomia: zero.
4. Política: escassos.
5. Botânica: variáveis. Conhece a fundo a beladona, o ópio e os venenos em geral. Nada sabe sobre jardinagem e horticultura.
6. Geologia: práticos, mas limitados. Reconhece, à primeira vista, as diversas qualidades de solo. No regresso dos seus passeios, mostra-me manchas nas calças e diz-me, pela sua cor e consistência, em que parte de Londres as apanhou.
7. Química: profundos.
8. Anatomia: exatos, mas pouco sistemáticos.
9. Literatura sensacionalista: imensos. Parece conhecer os pormenores de todos os horrores ocorridos neste século.
10. Toca bem o violino.
11. É habilíssimo em boxe, esgrima de armas brancas e de bengala.
12. Tem um bom conhecimento prático das leis inglesas.

Quando cheguei a este ponto da minha lista, perdi o ânimo e atirei-a para o fogo. “Se a única maneira de descobrir o objetivo deste homem é conciliar tais qualidades e, depois, buscar uma profissão que as exija — disse comigo — é melhor desistir logo...”.

Já me referi aos seus dotes de violinista. Eram, com efeito, notáveis. Mas tão excêntricos quanto as suas demais habilidades. Já sabia que ele tocava peças difíceis, pois, a meu pedido, havia executado alguns Lieder de Mendelsson e outras músicas da minha preferência. Todavia, quando entregue a si próprio, raramente interpretava alguma peça ou melodia conhecidas. Recostado na sua poltrona, ao cair da tarde, fechava os olhos e ficava a passar o arco no violino que então colocava sobre os joelhos. Às

vezes os acordes eram sonoros e melodiosos; outras vezes, fantásticos e vivazes. Refletiam, evidentemente, os pensamentos que o dominavam, mas eu não conseguia descobrir se a música ajudava esses pensamentos, ou se tocar era apenas o resultado de um capricho ou de uma fantasia. Teria os meus motivos para protestar contra semelhantes solos, não fosse por ele, geralmente, acabar tocando em rápida sucessão toda uma série das minhas peças prediletas, para recompensar a minha paciência.

Durante uma ou duas semanas, não recebemos visitas. Comecei a pensar que o meu companheiro tinha tão poucos amigos quanto eu. Mas pouco depois descobri que ele mantinha numerosas relações, e nas mais diferentes classes da sociedade. Havia, por exemplo, um homenzinho pálido, de olhos escuros, com cara de rato, que apareceu três ou quatro vezes numa semana e me foi apresentado como Mr. Lestrade. Certa manhã surgiu uma jovem, elegantemente vestida, que se demorou cerca de meia hora ou mais. Na mesma tarde veio um sujeito grisalho, cansado, com tipo de negociante judeu, que parecia muito alvoroçado e foi imediatamente seguido de uma senhora idosa e mal vestida. Noutra ocasião, um senhor de cabelos brancos teve uma entrevista com o meu companheiro e, noutra ainda, um chefe da estação de trem com o seu uniforme.

Quando surgia algum desses estranhos visitantes, Sherlock Holmes costumava recebê-los na sala de estar e eu recolhia-me ao meu quarto. Nunca deixava de pedir desculpas por tal inconveniente.

— Tenho de usar esta sala como escritório — justificava. — Todas estas pessoas são meus clientes.

Era uma excelente oportunidade para fazer-lhe uma pergunta direta, mas a minha discrição novamente me impedia de forçá-lo a confiar em mim. Parecia-me, então, que devia ter fortes motivos para não falar sobre a sua profissão, mas rapidamente dissipou essa minha impressão ao referir-se espontaneamente ao assunto.

Era 4 de março. Levantei-me um pouco mais cedo do que de costume e encontrei Sherlock Holmes tomando café. A nossa criada estava tão habituada à minha rotina de dorminhoco, que ainda não se preocupava com o meu café. Com a despropositada petulância do gênero humano, toquei a campainha e anunciei que o esperava. Depois, tirei uma revista de cima da mesa e tentei passar o tempo, enquanto o meu companheiro mastigava silenciosamente a sua torrada. Um dos artigos tinha o cabeçalho



sublinhado a lápis e eu, naturalmente, comecei a percorrê-lo com os olhos.

O título, um tanto pretensioso, era O Livro da Vida, e ali se procurava demonstrar quanto um homem observador podia aprender por meio do exame cuidadoso e sistemático de tudo o que encontrasse. Aquilo dava-me a impressão de uma curiosa mistura de perspicácia e absurdo. O raciocínio era denso e penetrante, mas as deduções pareciam-me rebuscadas e exageradas. O autor pretendia que uma expressão momentânea, o contrair de um músculo ou um volver de olhos eram o bastante para que se pudesse sondar os pensamentos mais íntimos de um homem. Na sua opinião, era impossível iludir a observação e análise de quem se exercitasse com método e afincado. As conclusões seriam tão infalíveis como outras tantas propostas de Euclides. E os resultados seriam de tal maneira surpreendentes para os leigos, que considerariam coisa de adivinhos.

“Toda a vida é uma grande cadeia cuja natureza se revela ao examinarmos qualquer dos elos que a compõem. Como todas as outras artes, a Ciência da Dedução e Análise só pode ser adquirida por meio de um demorado e paciente estudo e a vida não é tão longa que permita a um mortal aperfeiçoar-se ao máximo nesse campo. Antes de passar aos aspectos morais e mentais de um assunto que apresente as maiores dificuldades, o pesquisador deve começar conhecendo as questões mais elementares. Ao encontrar um indivíduo, aprender a descobrir imediatamente a sua história e a atividade que exerce. Por mais ingênuo que este exercício possa parecer, aguça o sentido de observação. Pelas unhas de um homem, pela manga do seu casaco, pelos seus sapatos, pelas joelheiras nas calças, pelas calosidades do seu indicador e polegar, pela sua expressão, pelos punhos da camisa... em cada uma destas coisas a profissão de um homem é claramente indicada. Que o conjunto delas não esclareça um indagador competente é virtualmente inconcebível.”

— Que grande tolice! — exclamei, batendo com a revista na mesa. — Nunca li tamanha incoerência em toda a minha vida.

— De que se trata? — perguntou Sherlock Holmes.

— Ora, deste artigo — respondi, apontando com a colher, ao sentar-me para comer o meu ovo. — Vejo que já leu, pois está sublinhado. Não nego que esteja escrito com inteligência. Contudo, irrita-me. Trata-se, evidentemente, das teorias de algum desocupado que elabora todos esses paradoxos sem se erguer da poltrona do seu gabinete. Não têm aplicação

prática. Gostaria de vê-lo encerrado num vagão de terceira classe de um trem e de perguntar-lhe quais as profissões de todos os demais passageiros. Apostaria com ele mil contra um.

— Perderia o seu dinheiro — observou Holmes calmamente. — Quanto ao artigo, fui eu que o escrevi.

— Você?!

— Sim, tenho certa queda, tanto para a observação, como para a dedução. As teorias aí expostas e que lhe parecem tão utópicas são, na verdade, muitíssimo práticas... tão práticas que dependo delas para viver.

— Como? — perguntei involuntariamente.

— É esse o meu ofício. Suponho, aliás, que seja o único em todo o mundo. Sou um detetive consultor, se é que me entende. Aqui em Londres, temos uma grande quantidade de detetives oficiais e particulares. Quando ficam desorientados, eles vêm falar comigo e eu trato de colocá-los na pista certa. Expõem todos os indícios e eu, geralmente, com a ajuda dos meus conhecimentos da história criminal, aponto as suas falhas e esclareço-as. Entre os vários delitos há um acentuado ar de parentesco, e quem possui todos os pormenores a respeito de mil deles dificilmente falhará ao desvendar o milésimo primeiro. Lestrade é um detetive muito conhecido. Recentemente ficou perdido num caso de falsificação e foi isso que o trouxe aqui.

— E as outras pessoas?

— Na sua maior parte, são enviadas por agências particulares de investigação. São pessoas em dificuldade e precisam de esclarecimentos. Ouço as histórias, elas ouvem os meus comentários e eu embolso os meus honorários.

— Em outras palavras, você afirma que, sem sair do seu quarto, é capaz de desatar certos nós que outros homens não conseguem desfazer, apesar de terem visto todos os pormenores com os seus próprios olhos?

— Exatamente. Tenho uma certa intuição nesse sentido. De quando em quando, surge um caso mais complexo do que os outros. Só então preciso andar um pouco por aí para ver as coisas de perto. Como vê, disponho de conhecimentos especiais que aplico aos problemas surgidos, conhecimentos que facilitam maravilhosamente a minha tarefa. As regras de dedução expostas nesse artigo que provocou o seu desprezo são preciosas e eu aplico praticamente no meu trabalho. A observação é, em mim, uma segunda natureza. Você pareceu surpreendido quando eu lhe disse, ao vê-lo pela primeira vez, que voltara do Afeganistão.

— Fora, sem dúvida, informado disso.

— Não. Apenas vi que você voltava do Afeganistão. Devido a um hábito de longa data, cheguei a essa conclusão, sem ter consciência dos elos intermediários. Mas esses elos estavam no meu inconsciente. E o fio que o meu raciocínio seguiu foi mais ou menos este: “Eis aqui um homem com ar de médico, mas ao mesmo tempo com gestos de militar. É evidentemente um médico do exército. Acaba de regressar dos trópicos, porque tem o rosto bronzeado e essa não é a pigmentação natural da sua pele, já que os punhos são brancos. Sofreu privações e enfermidades, conforme demonstra o seu rosto abatido. Além disso, sofreu um ferimento no braço esquerdo, pois o mantém numa posição rígida, pouco natural. Em que lugar dos trópicos poderia um médico do exército inglês ter passado por tantas dificuldades e ser ferido no braço? No Afeganistão, naturalmente”. Toda essa série de raciocínios não demorou mais do que um segundo. Observei, conseqüentemente, que você voltava do Afeganistão e constatee a sua surpresa.

— Explicada dessa forma, a coisa parece bastante simples — concordei, sorrindo. — Você me faz lembrar o Dupin, de Edgar Allan Poe. Não fazia a menor idéia de que tais pessoas existissem na vida real.

Sherlock Holmes levantou-se e acendeu o cachimbo.

— Julga, sem dúvida, fazer-me um cumprimento comparando-me a Dupin — observou. — Pois, na minha opinião, Dupin era um tipo medíocre. Aquele seu estratagema de intervir nos pensamentos do seu amigo depois de quinze minutos de silêncio é pretensioso e superficial. Acho que tinha, sem dúvida, certa capacidade analítica, mas não era, de modo algum, o fenômeno que Poe imaginava.

— Já leu as obras de Gaboriau? — perguntei. — Lecoq corresponde à sua concepção de um detetive ideal?

Sherlock Holmes fungou ironicamente:

— Lecoq era um mistificador — replicou com veemência. — Só uma coisa o recomendava: a sua energia. A leitura de Monsieur Lecoq causou-me náuseas. O problema consistia em identificar um prisioneiro desconhecido. Eu teria feito isso em vinte e quatro horas. Lecoq precisou de mais ou menos seis meses. Esse livro bem poderia ser um manual para ensinar aos detetives o que não devem fazer.

Fiquei um tanto indignado ao ver tratados, dessa maneira, dois personagens que eu admirava. Caminhei até a janela e fiquei olhando o

movimento da rua. Talvez aquele homem fosse muito esperto, mas não havia dúvida de que era pretensioso.

— Não há mais crimes nem criminosos nos nossos dias — acrescentou em tom lamentoso. — De que serve possuir inteligência na nossa profissão? Sei perfeitamente que tenho qualidades para tornar o meu nome famoso. Não há, nem houve até agora no mundo, um homem que tenha dedicado à investigação criminológica tanto estudo e vocação natural como eu. E qual é o resultado? Não há nenhum crime a desvendar, ou, quando muito, tão grosseiro e tão transparente que até um agente da Scotland Yard é capaz de resolvê-lo.

Aborrecia-me aquela sua maneira presunçosa de falar e, por isso, resolvei mudar de assunto.

— Que estará procurando aquele tipo? — perguntei, apontando para um homem forte, modestamente vestido, que caminhava vagarosamente pela calçada, examinando os números das casas. Trazia na mão um grande sobrescrito azul e era, evidentemente, portador de uma mensagem.

— Refere-se a esse sargento reformado da Marinha? — perguntou Sherlock Holmes.

“Grande fanfarrão!”, pensei. “Sabe perfeitamente que não posso verificar essa afirmação”.

Mal esse pensamento me passara pela mente, o homem que estávamos observando, vendo o número da nossa porta, atravessou a rua rapidamente. Ouvimos pancadas enérgicas na porta, uma voz grave e, em seguida, um ruído de passos decididos na escada.

— Para Mr. Sherlock Holmes — declarou ao entrar na sala, entregando a carta ao meu amigo.

Ali estava uma oportunidade para lhe desmascarar a presunção.

— Posso perguntar-lhe, meu amigo — solicitei com a maior brandura possível —, qual é a sua profissão?

— Carteiro, Senhor — respondeu ele rudemente. — Meu uniforme está no conserto.

— E antes disso, o que fazia? — perguntei lançando um olhar malicioso ao meu companheiro.

— Era sargento, Senhor, sargento de infantaria da Marinha. Não tem resposta, Mr. Holmes? Perfeitamente, Senhor — bateu os calcanhares, fez uma continência enérgica e saiu.

### III – O MISTÉRIO DE LAURISTON GARDENS

---

**C**onfesso que fiquei muito desconcertado perante aquela nova prova quanto à utilidade prática das teorias do meu companheiro. O meu respeito pelas suas faculdades analíticas aumentou enormemente. Todavia, ainda me restava a desconfiança de que aquilo poderia ter sido previamente combinado somente para me deslumbrar, embora eu soubesse que ele não se daria ao trabalho de comprovar as suas afirmações. Olhei para Holmes e percebi que tinha terminado a leitura da carta. Os seus olhos, vagos e apagados, indicavam que estava absorto em meditação.

— Como, diabos, pôde deduzi-lo? — perguntei.

— Deduzir o quê? — inquiriu num tom irritado.

— Ora, que o homem era sargento reformado da Marinha.

— Não tenho tempo para futilidades — respondeu bruscamente. Depois, com um sorriso, acrescentou: — Desculpe-me a irritação. Você interrompeu o fio dos meus pensamentos, mas talvez fosse melhor assim. Então não percebeu logo que o homem era sargento da Marinha?

— Não.

— Pois era fácil. Mesmo do alto da nossa janela, dava para ver que o homem tinha uma grande âncora azul tatuada nas costas da mão. Isso cheirava logo a maresia. Tinha, além disso, um porte militar e a barba típica da Marinha. Tratava-se, evidentemente, de um marujo. Possuía, também, um certo ar de importância, de quem está habituado a comandar. Você deve ter observado o aprumo com que ele mantinha a cabeça e o modo de manobrar a bengala... No resto, devia ser um homem respeitável, decidido e maduro... fatos estes que me levaram a crer que tivesse sido sargento das forças navais.

— Extraordinário! — exclamei.

— Banal — comentou Holmes, mas a sua expressão indicava que a minha evidente surpresa e admiração lhe agradavam. — Ainda há pouco eu lhe dizia que já não há crimes. Pois parece que estava enganado... veja isto!

E passou-me a carta que o ex-sargento acabara de entregar.

— Que diabos! — exclamei ao correr os olhos pelo papel. — É horrível!

— Parece um pouco fora do comum — observou Holmes calmamente.  
— Peço-lhe que leia alto para eu ouvir.

“Estimado Mr. Holmes

Esta noite ocorreu um fato grave no nº 3 de Lauriston Gardens, nas proximidades da Brixton Road. Por volta das duas da madrugada, o nosso guarda viu ali uma luz e, como a casa está desabitada, suspeitou de que houvesse algo de anormal. Encontrou a porta aberta e, na sala da frente, inteiramente vazia, deu com o cadáver de um homem bem vestido, com cartões de visita encontrados num dos bolsos. Chamava-se Enoque J. Drebbler, de Cleveland, Ohio, EUA. Não houve roubo e não há qualquer indício quanto à natureza da morte. Há sinais de sangue na sala, mas o cadáver não apresenta nenhum ferimento. Não podemos compreender como foi parar naquela casa vazia; o caso é um verdadeiro enigma. Se o meu amigo puder dar um pulo a casa de Lauriston Gardens antes das doze horas, lá me encontrará. Deixei tudo tal e qual foi encontrado, à espera da sua chegada. Se não puder vir, lhe enviarei todos os pormenores e ficarei imensamente grato, se quiser dar a sua opinião.

Cordialmente,  
TOBIAS GREGSON.”

— Gregson é o melhor agente da Scotland Yard — observou Holmes.  
— Ele e Lestrade são os únicos que valem alguma coisa no meio de toda aquela multidão. São rápidos e enérgicos, mas têm métodos convencionais... terrivelmente convencionais. Além disso, há entre eles uma grande rivalidade profissional. O caso promete ser bastante divertido, se ambos forem designados para a investigação.

Espantava-me a calma com que se detinha nestes pormenores.

— Não há um momento a perder! — exclamei. — Desço, chamo um carro para você?

— Ainda não sei se irei — disse Holmes. — Sou o mais incurável preguiçoso que usa sapatos... isto é, quando me falta a disposição, porque às vezes consigo ser muito ativo.

— Mas não é esta a oportunidade que você esperava?

— Meu caro amigo, que importância terá este assunto para mim? Supondo-se que consiga desvendar o caso, fique certo de que o mérito irá todo para Gregson, Lestrade e companhia. É o que acontece a um investigador não oficial.

— Mas esse Gregson pediu o seu auxílio, Holmes.

— Sim, é verdade. Sabe que sou superior a ele e reconhece isso perante mim, mas cortaria a língua antes de confessá-lo a uma terceira pessoa. Contudo, bem podemos dar uma olhada. Esclarecerei a coisa à minha maneira. E, além disso, podemos rir deles. Vamos!

Enfiou o sobretudo e pôs-se a andar pela sala, demonstrando que um acesso de energia acabava de substituir a apatia.

— Pegue seu chapéu — indicou Holmes.

— Deseja que eu também vá?

— Sim, se não tem nada de melhor a fazer...

Um minuto depois estávamos num coche, correndo a trotes largos para a Brixton Road.

Era uma manhã sombria, nevoenta, e uma neblina escura, que parecia o reflexo da superfície lamacenta das ruas, pairava acima dos telhados. O meu companheiro mostrava ótima disposição, tagarelando sobre violinos de Cremona e explicando a diferença entre um Stradivarius e um Amati. Quanto a mim, não dizia uma palavra, pois o mau tempo e o assunto melancólico que nos esperava me deprimiam.

— Parece-me que o caso não o preocupa muito — observei finalmente, interrompendo a dissertação musical de Holmes.

— Ainda não há dados — justificou. — É um erro capital teorizar antes de possuir todos os indícios. Isso deforma o raciocínio.

— Pois já vai ter todos os dados — observei, apontando. — Esta é a Brixton Road, e aquela é a casa, se não estou errado.

— É verdade. Pare, cocheiro, pare!

Ainda estávamos a uma centena de metros de distância, mas ele insistiu em descer ali mesmo. Fizemos o resto do caminho a pé.

A casa nº 3 da Lauriston Gardens tinha um aspecto agourento e ameaçador. Juntamente com outras três, ficava um pouco recuada: duas delas estavam ocupadas e duas vazias. Nestas últimas, duas filas de janelas,

tristes e abandonadas, olhavam para a rua como outros tantos olhos vagos e apagados, exceto nas vidraças turvas em que um “Aluga-se” fazia o efeito de uma catarata ocular. Um pequeno jardim, salpicado aqui e ali de plantas anêmicas, separava da calçada cada uma das quatro construções, e era atravessado por uma passagem estreita, amarelada, que parecia uma mistura de saibro e argila. Todo o terreno estava muito mole em consequência da chuva caída durante a noite. O jardim era fechado por um pequeno muro, com cerca de um metro de altura, rematado por grades de madeira. Apoiado a esse muro via-se um policial, rodeado por um grupo de desocupados que esticavam o pescoço na vã esperança de ver o que acontecia no interior da casa.

Eu imaginara que Sherlock Holmes, logo ao chegar, entrasse rapidamente a fim de esclarecer o mistério. Nada, porém, parecia mais longe da sua intenção. Com um ar indiferente, quase afetado, pôs-se a passear de um lado para o outro na calçada, olhando distraidamente o chão, o céu, as casas fronteiras e a linha das grades de madeira. Terminada esta inspeção, avançou lentamente pela faixa de relva que a rodeava, sempre com os olhos pregados no chão. Deteve-se duas vezes e, numa delas, o vi sorrir com uma exclamação satisfeita. Havia muitas pegadas no solo úmido e argiloso; mas como a polícia tinha andado de cá para lá, bem pouco o meu companheiro poderia deduzir qualquer coisa delas.

Na porta da casa, fomos recebidos por um homem de tez muito branca, ruivo, com um caderno de notas na mão, que se precipitou apertando efusivamente a mão de Sherlock Holmes.

— Ainda bem que veio. Não toquei em nada.

— Com exceção disto! — respondeu o meu amigo, apontando para a estreita passagem. — Se uma manada de búfalos tivesse passado por aí, não ficaria em pior estado. Mas, sem dúvida, Gregson, você já tinha tirado as suas conclusões.

— Tive muito que fazer dentro da casa — respondeu evasivamente o detetive. — O meu colega, Mr. Lestrade, também está aqui. Calculei que ele cuidasse disso.

Holmes olhou de relance e ergueu ironicamente as sobrancelhas.

— Com dois homens como você e Lestrade na pista, não haverá muito que fazer para um terceiro.

Gregson esfregou as mãos com ar satisfeito.



— Creio que já fizemos tudo o que devia ser feito — respondeu. — Contudo, é um caso estranho, e sei que é esse o seu gênero preferido.

— Você veio de coche — perguntou Sherlock Holmes.

— Não.

— Nem Lestrade?

— Não.

— Então vamos dar uma olhada na sala.

E com esta observação inconseqüente o meu companheiro entrou na casa, seguido por Gregson, cujas feições exprimiam espanto.

Um pequeno corredor, de soalho nu e empoeirado, conduzia à cozinha e às divisões de serviço. Havia nele duas portas, uma para a direita e outra para a esquerda. Uma delas estava evidentemente fechada, havia muitas semanas. A outra dava para a sala de jantar, onde ocorrera o misterioso fato.

Era uma ampla sala retangular, que a ausência de mobília tornava ainda maior. Um papel vulgar, de cores berrantes, revestia as paredes e, além de estar manchado de bolor em alguns pontos, pendia em longas tiras, deixando à vista o reboco amarelado. Diante da porta, via-se uma lareira pretensiosa, cuja escharpa imitava o mármore branco. Num dos lados desta havia um coto de vela vermelha. A única janela existente estava tão suja que a luz era brumosa e incerta, dando a tudo um tom cinzento, acentuado pela espessa camada de poeira que cobria o aposento.

A minha atenção concentrou-se na figura inerte e macabra que jazia estendida no soalho e olhava para o teto com olhos vazios e sem vida. Era um homem de quarenta e três a quarenta e quatro anos, de estatura mediana, ombros largos, cabelo preto e crespo, barba curta e pontuda. Vestia fraque e colete de um tecido pesado, calças claras, e os punhos e o colarinho eram imaculadamente brancos. Um chapéu alto bem cuidado estava caído no chão, a seu lado. Tinha os punhos cerrados e os braços abertos, ao passo que os membros inferiores, pela posição retorcida, pareciam indicar que a agonia fora muito penosa. No rosto sem vida havia uma expressão de horror e, talvez, de ódio como jamais vi num semblante humano. Aquela contração terrível, aliada à testa baixa, ao nariz chato e ao queixo saliente do morto, davam-lhe um aspecto singularmente simiesco, ainda mais acentuado pela sua postura contorcida. Já vira a morte sob muitas formas, mas nunca a encontrei com tão medonho aspecto como naquela sala, escura e macabra, que dava para uma das principais vias suburbanas de Londres.

Lestrade, com o seu habitual ar de furão, estava junto da porta, e cumprimentou-nos.

— Este caso vai dar o que falar — observou. — Bate todos os precedentes que conheço... E eu não nasci ontem.

— Há algum indício? — perguntou Gregson.

— Absolutamente nenhum — respondeu Lestrade.

Sherlock Holmes aproximou-se do cadáver e, ajoelhando-se, examinou-o atentamente.

— Estão certos de que não há qualquer ferimento? — perguntou ele, apontando para as inúmeras manchas e salpicos de sangue que se viam em torno.

— Certíssimos! — responderam em coro os dois investigadores.

— Então, é evidente que este sangue pertence a um segundo indivíduo... provavelmente ao assassino, se é que houve um assassinato. Isto recorda-me as circunstâncias que rodearam a morte de Van Jansen, em Utreque, no ano de 1834. Lembra-se do caso, Gregson?

— Não, senhor.

— Pois leia-o... é para seu interesse. Não há nada de novo debaixo do sol. Já tudo aconteceu.

Enquanto falava os seus dedos ágeis iam tateando, apertando, desabotoando, examinando, ao passo que os seus olhos mostravam aquela mesma expressão distante que já mencionei. O exame foi realizado com grande rapidez. Finalmente, cheirou os lábios do morto, e depois examinou os seus sapatos de verniz.

— Não mexeram nele? — perguntou.

— Apenas o essencial.

— Então podem levá-lo para o necrotério — concluiu Holmes. — Nada mais há que ver.

Gregson tinha quatro homens com uma maca à espera. Entraram na sala e levaram o cadáver do desconhecido. Quando o transportavam, um anel caiu no chão e rolou pelo soalho. Lestrade apanhou-o e examinou-o de olhos arregalados.

— Esteve aqui uma mulher! — exclamou. — Isto é uma aliança de mulher!

Mostrava-a na palma da mão. Nos reunimos em volta dele e olhamos para o anel. Sem dúvida alguma, aquela simples argola de ouro já adornara o dedo anelar de uma noiva.

— Isto complica o assunto — considerou Gregson. — E ele já era bastante complicado.

— Está certo de que não o simplifica — observou Holmes. — De nada nos valerá ficarmos a contemplá-lo. O que encontrou nos bolsos dele?

— Temos tudo aqui — disse Gregson, apontando para um monte de objetos sobre um dos últimos degraus da escada. — Um relógio de ouro, nº 97163, da casa “Baurraud”, de Londres. Uma corrente de ouro maciço. Um anel de ouro com o símbolo maçônico. Um pregador de ouro em forma de cabeça de buldogue com olhos de rubi. Um estojo de couro da Rússia com os cartões de visita de Enoch J. Drebber, de Cleveland, o que combina com as iniciais E. J. D., encontradas na roupa branca. Nenhuma carteira, mas havia dinheiro nos bolsos, somando sete libras e treze xelins. Uma edição de bolso do Decameron, de Bocácio, com o nome de Joseph Stangerson na capa. Duas cartas... uma dirigida a E. J. Drebber e outra a Joseph Stangerson.

— Qual o endereço?

— “American Exchange”, Strand, Londres, para serem entregues quando procuradas pelos destinatários. Ambas provêm da Companhia de navegação “Guion” e referem-se à partida dos seus vapores de Liverpool. É claro que o pobre se dispunha a regressar a Nova York.

— Fez algumas indagações sobre esse tal Stangerson?

— Assim que cheguei — respondeu Gregson. — Mandeí pôr anúncios em todos os jornais, e um dos meus homens foi até o “American Exchange”, mas ainda não voltou.

— Pediu informações a Cleveland?

— Telegrafamos esta manhã.

— Em que termos?

— Expusemos simplesmente as circunstâncias, dizendo que agradeceríamos quaisquer informações.

— Não pediu pormenores sobre qualquer ponto especial, sobre algo que lhe parecesse importante?

— Solicitei informações acerca de Stangerson.

— Nada mais? Não vai telegrafar novamente pedindo informações detalhadas?

— Já disse tudo o que tinha a dizer — replicou Gregson, num tom ofendido.

Sherlock Holmes sorriu, parecendo prestes a fazer uma observação, quando Lestrade, que ficara na sala da frente enquanto conversávamos no corredor, entrou em cena esfregando as mãos com ar satisfeito e pomposo.

— Mr. Gregson — anunciou —, acabo de descobrir algo muitíssimo importante e que passaria despercebido se eu não tivesse feito um minucioso exame das paredes.

Os seus olhos cintilavam. Evidentemente, exultava por ter marcado um ponto contra seu colega.

— Venham — convidou, voltando apressadamente para a sala, cuja atmosfera parecia aliviada após a remoção do macabro inquilino. — Fiquem agora onde estão.

Riscou um fósforo na sola do sapato e ergueu-o contra a parede.

— Vejam isto! — apontou triunfante.

Como disse, o papel que forrava as paredes estava rasgado e pendente em vários lugares. Naquele canto da sala faltava um pedaço e havia um retângulo de reboco amarelo e descoberto. Através desse espaço desnudado via-se, rabiscada com sangue, uma única palavra:

RACHE

— Que pensa disto? — perguntou Lestrade com o ar de um pregoeiro que anuncia o espetáculo da sua barraca. — Não tínhamos reparado porque estava no canto mais escuro da sala e ninguém pensou em olhar aqui. O assassino... ou a assassina, escreveu esta palavra com o próprio sangue. Vejam esta mancha que escorreu pela parede! Isto anula a hipótese de suicídio. E por que escolheu este canto para tal? Vou dizer. Vejam esta vela sobre a lareira. Estava acesa naquele momento e, sendo assim, este canto seria a parte mais iluminada e não a mais escura da sala.

— E o que significam essas letras agora que as encontrou? — sondou Gregson, em tom depreciativo.

— Que significam? Ora, que alguém ia escrever o nome feminino de Rachel quando foi interrompido, ou interrompida, antes de terminar. Ouçam o que eu digo: quando este caso for esclarecido, verificarão que

uma mulher chamada Rachel está ligada a ele. O senhor pode rir como quiser, Mr. Sherlock Holmes. Será talvez muito astuto, mas um velho cão de caça tem melhor faro.

— Peço-lhe humildemente perdão! — disse o meu companheiro, que tinha irritado o homenzinho com a sua explosão de riso. — Sem dúvida alguma, cabe-lhe o mérito de ter sido o primeiro a ver essa inscrição. Conforme observou, parece mesmo ter sido obra de outro participante deste mistério noturno. Eu ainda não examinara esta sala, mas, com a sua permissão, faço agora.

Assim falando, tirou uma fita métrica e uma grossa lente de aumento que trazia no bolso. Com esses dois instrumentos, começou a andar rápida e silenciosamente pela sala, ajoelhando-se de vez em quando, e, em dados momentos, estendendo-se no chão. Estava tão envolvido, que parecia ter esquecido da nossa presença, pois não parava de falar sozinho, a meia voz, soltando ligeiros assobios de júbilo. Lembrava-me um cão de caça bem ensinado e de puro sangue quando corre de cá para lá atrás da presa ganindo de ansiedade, até que encontra o rasto certo. Durante cerca de vinte minutos, continuou as pesquisas, medindo as distâncias entre marcas inteiramente invisíveis para mim. Num determinado ponto, recolheu cuidadosamente um monte de poeira cinzenta e guardou-a num envelope. Finalmente examinou com a lente a palavra escrita na parede. Feito isto, pareceu dar-se por satisfeito, e meteu no bolso a lente e a fita métrica.

Gregson e Lestrade tinham observado aquelas manobras do seu colega amador com curiosidade e certo desprezo. Era evidente que não podiam compreender o objetivo dos gestos de Sherlock Holmes.

— Qual é a sua opinião? — perguntaram-lhe ambos.

— Seria roubar o mérito das suas pesquisas, se eu pretendesse ajudá-los, — observou o meu amigo. — Estão fazendo tantos progressos que uma interferência estranha seria lamentável — acrescentou com ironia. — Se tiverem a bondade de deixar-me a par de vossas investigações — continuou Holmes —, terei a maior satisfação em prestar-lhes todo o auxílio ao meu alcance. Entretanto, gostaria de falar com o policial que encontrou o corpo. Podem dar-me o seu nome e endereço?

— John Rance — indicou Lestrade. — Está de folga agora. Poderá encontrá-lo no 46 da Audley Court, em Kennington Park Gate.

Holmes tomou nota do endereço

— Venha, doutor — convidou. — Vamos procurar Rance. Posso dizer uma coisa que talvez os ajude neste caso — continuou, voltando-se para os dois investigadores oficiais. — Trata-se realmente de assassinato e o autor do crime foi um homem. Tem mais de um metro e oitenta de altura, ainda é relativamente jovem; usa sapatos um tanto grosseiros, com a ponta quadrada e, quando chegou aqui, fumava um charuto Trichinopoly. Veio a esta casa com a sua vítima numa carruagem de quatro rodas, puxada por um cavalo com três ferraduras velhas e uma nova, na pata dianteira esquerda. Com toda a certeza, o assassino tem o rosto vermelho e as unhas da mão direita bastante compridas. São apenas algumas indicações, mas talvez possam servir-lhes.

Lestrade e Gregson entreolharam-se com um sorriso incrédulo.

— Se o homem foi assassinado, como teira morrido? — perguntou o primeiro.

— Veneno — respondeu Sherlock Holmes laconicamente, e encaminhou-se para a porta. — Outra coisa, Lestrade — acrescentou, voltando para a sala: — “Rache” significa “vingança” em alemão, e por isso não perca seu tempo procurando uma jovem Rachel.

E com essa tirada final afastou-se, deixando os dois rivais boquiabertos.

## IV – A VERSÃO DE JOHN RANCE

---

**E**ra uma hora da tarde quando deixamos a casa nº 3 de Lauriston Gardens. Sherlock Holmes levou-me à agência telegráfica mais próxima, de onde expediu um longo telegrama. Chamou depois um coche e ordenou ao cocheiro que nos levasse ao endereço fornecido por Lestrade.

— Não há nada como as informações em primeira mão — considerou. — Para dizer a verdade, já tenho uma opinião sobre o caso, mas sempre é conveniente recolher todos os dados possíveis.

— Você me surpreende, Holmes — observei. — Não creio que possa estar tão certo a respeito dos pormenores que acaba de fornecer.

— Não há possibilidade de erro — replicou. — A primeira coisa que observei ao chegar lá foi que uma carruagem fizera dois sulcos com as rodas, junto à esquina. Ora, até ontem à noite, tivemos uma semana sem

chuva, de maneira que esses sulcos assim tão fundos datam de ontem à noite. Também havia marcas dos cascos do cavalo, uma das quais mais nítida do que as outras três, o que indicava uma ferradura nova. Uma carruagem parou ali depois de ter começado a chover e nenhuma durante a manhã, sobre este ponto tenho o testemunho de Gregson. Conclui-se que chegou durante a noite trazendo os dois desconhecidos à casa nº 3.

— Isso parece simples — murmurei. — Mas como sabe a altura do outro homem?

— Ora, a altura de um homem, em nove casos sobre dez, pode ser deduzida pelo comprimento dos seus passos. É um cálculo muito simples, mas será inútil aborrecê-lo com cifras. O homem imprimiu os seus passos tanto na argila do jardim como na poeira da sala. Além disso, tive possibilidades de verificar a exatidão dos meus cálculos. Quando um homem escreve numa parede, o instinto leva-o a escrever à altura dos olhos. Pois bem, aquela inscrição estava a cerca de um metro e oitenta do chão. Uma brincadeira de criança.

— E a idade? — perguntei ainda.

— Bem, se um homem pode dar uma passada de um metro e vinte sem o menor esforço, é impossível que tenha as articulações duras. Era essa a largura de uma poça de água no jardim que ele evidentemente atravessou. O homem dos sapatos de verniz contornou-a e o dos sapatos quadrados saltou-a. Não há nenhum mistério nisso. Estou simplesmente aplicando à vida normal alguns daqueles preceitos de observação e dedução que expus no meu artigo. Há mais alguma coisa que o intrigue?

— A história das unhas e do charuto Trichinopoly — confessei.

— Aquela palavra na parede foi escrita com um indicador masculino molhado em sangue. A lente permitiu-me observar que o reboco fora ligeiramente arranhado, o que não teria acontecido se o homem tivesse as unhas curtas. Quanto ao charuto... juntei um pouco de cinza espalhada pelo assoalho. Era escura e escamada... uma cinza que só um Trichinopoly produz. Fiz um estudo especial sobre cinzas de charutos... até escrevi uma monografia a esse respeito. Gabo-me de poder distinguir a cinza de qualquer marca conhecida de tabaco. É exatamente nesses pormenores que um detetive especializado difere do tipo representado por Gregson e Lestrade.

— E o rosto vermelho?

— Ah! Esse foi um vôo temerário, mas estou certo de que acertei. Na atual fase da pesquisa, não me interrogue sobre esse ponto.

Passei a mão pela testa.

— Quanto mais penso, mais o caso me parece misterioso. Como é que esses dois homens, se realmente eram dois homens, puderam entrar numa casa vazia? Que foi feito do cocheiro que os levou? De que maneira um indivíduo poderia obrigar um outro a ingerir veneno? Como explicar o sangue? Qual era o motivo do crime, já que não houve roubo? Como foi parar ali aquele anel de mulher? E, acima de tudo, porque teria o segundo homem escrito a palavra alemã RACHE antes de partir? Confesso que não compreendo como poderão conciliar-se todos esses fatos.

Holmes sorriu.

— Você acaba de resumir, clara e sucintamente, as dificuldades da situação — elogiou. — Mas ainda há muita coisa obscura, apesar de eu já ter um conceito definido sobre os fatos principais. Quanto à descoberta feita por Lestrade, trata-se simplesmente de uma pista falsa, deixada para que a Polícia veja o caso como sendo obra de socialistas ou de qualquer sociedade secreta, O “A”, conforme você terá notado, dava certa impressão de gótico, mas um verdadeiro alemão, quando escreve em letras de imprensa, o faz invariavelmente em caracteres latinos. Desta maneira, podemos seguramente concluir que a palavra não foi escrita por um alemão, mas por um grosseiro imitador que exagerou o seu papel. Aquilo foi mera astúcia para desviar a investigação. E não direi nada mais sobre este caso, meu caro doutor, pois você sabe que o ilusionista perde o mérito quando explica os seus truques. Se eu o puser mais a par do meu método de trabalho, você chegará à conclusão de que, afinal de contas, sou um indivíduo como outro qualquer.

— Isso nunca acontecerá — repliquei. — Os seus estudos conduziram a investigação à altura de uma ciência exata e jamais serão superados.

O meu companheiro corou de satisfação. Eu já notara que ele era tão sensível aos elogios feitos à sua arte como uma menina à sua beleza.

— Diria outra coisa — acrescentou Holmes. — Quanto ao homem dos sapatos de verniz e o dos sapatos de biqueira quadrada, vamos chamá-los de Verniz e Quadrado. Vieram no mesmo trem e caminharam juntos pela vereda do jardim da maneira mais amistosa possível... de braço dado, provavelmente. Depois de entrarem naquela sala, no mesmo lugar o Quadrado pôs-se a andar de um lado para outro. Verniz ficou no mesmo



lugar e Quadrado pôs-se a andar de cá para lá. Li tudo isso no pó do assoalho; e também pude ler que ele se ia exaltando enquanto andava. Demonstra-o a largura crescente dos passos. Ele não parava de falar e, sem dúvida, ia ficando cada vez mais colérico. Ocorreu então a tragédia. É tudo quanto sei, pois o resto não passa de suposições e conjecturas. Temos, no entanto, um bom ponto de partida. Agora devemos apressar-nos, porque esta tarde desejo ir ao concerto de Norman Neruda, no Hall.

O nosso coche caminhava por uma tortuosa série de ruas sujas e vielas melancólicas. Na mais imunda de todas, o cocheiro parou subitamente.

— Ali está Audley Court — disse ele, apontando para a entrada de uma rua, que era pouco mais de uma fenda entre duas paredes de tijolos escuros. — Espero aqui até voltarem.

Audley Court não era um lugar atraente. A estreita passagem levou-nos a um pátio retangular, pavimentado com lajes e delimitado por casas miseráveis. Fomos abrindo caminho através de um bando de crianças sujas, de cordas com roupas desbotadas, até chegarmos ao nº 46, cuja porta ostentava uma pequena placa de latão com o nome RANCE gravado. Disseram-nos que o guarda estava na cama, e fizeram-nos entrar numa saleta onde ficamos à espera dele.

Rance surgiu pouco depois, parecendo irritado por lhe terem perturbado o sono.

— Já apresentei o meu relatório no Posto — resmungou.

Holmes tirou uma moeda de ouro do bolso e começou a brincar distraidamente com ela.

— Pensamos que seria melhor ouvir toda a história diretamente.

— Terei o maior prazer em contar o que desejarem — respondeu o policial, sem tirar os olhos da moeda de ouro.

— Conte-nos apenas o que aconteceu e à sua maneira.

Rance sentou-se no sofá de crina e enrugou a testa como se estivesse resolvido a não omitir qualquer pormenor na narrativa.

— Vou começar pelo princípio. A minha ronda é das dez da noite às seis da manhã. Às onze, houve uma briga no White Hart, mas, exceto isso, tudo estava calmo na minha zona. À uma hora, começou a chover, e eu encontrei Harry Murcher, o colega que ronda a zona de Holland Grove. Ficamos conversando um pouco na esquina da Henrietta Street. Mais tarde...

aí pelas duas horas ou pouco mais, resolvi dar uma olhadela pela Brixton Road para ver se tudo estava em ordem. Ia andando devagar, pensando com os meus botões o quanto me cairia bem um pouco de gin quente, quando repentinamente vi uma luz na janela daquela casa. Ora, eu sabia que as duas casas de Lauriston Gardens estavam vazias porque o proprietário não quer mandar limpar os esgotos, apesar de o último inquilino de uma delas ter morrido de tifo. Vendo aquela luz na janela, fiquei surpreso e desconfiei logo que havia algo de anormal. Quando cheguei à porta...

— Deteve-se e depois voltou até ao portão do jardim — interrompeu-o o meu companheiro. — Por que fez isso?

Rance deu um pulo no sofá, e arregalou os olhos para Sherlock Holmes.

— Exatamente! — exclamou ele. — Mas como soube isso? Quando cheguei à frente da porta, estava tudo tão calmo e solitário que pensei que não seria mau se tivesse alguém comigo. Não tenho medo de nada que pertença a este mundo... mas o inquilino que morrera de tifo bem podia andar assombrando os esgotos que o levaram desta para a melhor. Essa idéia arrepiou-me. Foi por isso que voltei ao portão, esperando avistar a lanterna de Murcher. Mas não vi sinal dele nem de mais ninguém.

— Não havia ninguém na rua?

— Nem valma, nem sequer um cão. Enchi-me de coragem e abri a porta. Lá dentro tudo estava silencioso e entrei na sala, onde ardia uma vela sobre a chaminé... uma vela vermelha de cera... Foi então que vi...

— Sim, sei o que viu. Você deu várias voltas pela sala, ajoelhou-se junto do cadáver, depois atravessou a casa para verificar se a porta da cozinha estava fechada, e então...

John Rance pôs-se de pé com a cara assustada e um olhar desconfiado.

— Onde é que estava escondido para ver tudo isso? — inquiriu. — Parece-me que o senhor sabe mais do que devia.

Holmes riu e atirou o cartão de visita para cima da mesa do policial.

— Não queira prender-me pelo assassinato. Sou um dos cães de fila e não o lobo. Gregson e Lestrade lhe darão todas as garantias. Continue. Que fez, a seguir?

Rance tornou a sentar-se, mas ainda parecia desorientado.

— Voltei ao portão e apitei. Murcher e mais dois colegas vieram imediatamente.

— E nessa ocasião a rua estava deserta?

— Bem, quanto a pessoas que pudessem servir para alguma coisa, estava praticamente deserta.

— Como assim?

Um largo sorriso apareceu no rosto do agente.

— Já vi muitos bêbados na minha vida — disse ele —, mas nenhum como aquele sujeito. Estava no portão, encostado às grades, quando eu saí, e não parava de cantar a Newfangled Banner ou coisa parecida. Não podia ficar em pé, quanto mais ajudar em alguma coisa.

— Que tipo de homem era? — perguntou Sherlock Holmes.

John Rance mostrou-se irritado.

— Era um beerrão — respondeu. — E teria ido para a “gaiola” se não tivéssemos coisa mais importante a fazer.

— Mas não lhe observou o rosto, e a roupa? — interrompeu Holmes, com impaciência.

— Mas é claro. Se até tive de colocar o homem em pé, com o auxílio de Murcher! Era um sujeito alto, de cara vermelha, com um cachecol que lhe cobria o queixo...

— É o suficiente! — exclamou Holmes. — Que foi feito dele?

— Tínhamos mais que fazer do que cuidar do sujeito. Garanto que acabou por encontrar o caminho de casa.

— Como estava vestido?

— Tinha um sobretudo castanho.

— Com um chicote na mão?

— Um chicote?... Não.

— Deve ter deixado em qualquer lugar — murmurou Holmes. — Não viu ou ouviu um carro afastar-se, logo a seguir?

— Não.

— Aqui tem meia libra — ofereceu Holmes, levantando-se e pegando o chapéu. — Parece-me que você não vai subir muito como policial, Rance. A sua cabeça só serve de ornamento. Ontem à noite poderia ter ganhado as suas divisas de sargento. O homem que você teve nas mãos é precisamente o assassino. Vamos, doutor.

Voltamos para o coche que nos esperava, deixando o nosso informador incrédulo, mas evidentemente perturbado.

— Que grande idiota! — exclamou Holmes, quando voltamos para casa.  
— Pensar que teve uma sorte incrível e não soube aproveitá-la!

— Ainda não percebi bem — confessei. — É verdade que o tipo desse homem combina com a sua idéia a respeito do segundo personagem deste mistério. Mas por que voltaria ele àquela casa, depois de ter fugido? Um criminoso não deveria arriscar-se...

— O anel, homem de Deus, o anel! Foi por isso que ele voltou. Mas, meu caro doutor... aposto dois contra um em como o apanho. E fico-lhe muito agradecido por tudo isto. Se não fosse a sua insistência, eu talvez não tivesse ido a Lauriston Gardens, perdendo assim o estudo mais interessante que já encontrei: um estudo em vermelho, não? Por que não usarmos um pouco a linguagem artística? Na meada incolor da vida corre o fio vermelho do crime, e o nosso dever consiste em desvendá-lo. E agora vamos almoçar e, depois, ouvir o concerto de Norman Neruda. A sua execução é estupenda. Como é aquela peça de Chopin que ela interpreta tão bem? Trala-lira-la-lá...

O detetive amador recostou-se no assento do trem e continuou a cantarolar, enquanto eu meditava sobre a versatilidade do espírito humano.

## V – O ANÚNCIO ATRAI UM VISITANTE

---

A atividade matinal fora demasiado intensa para o meu estado de saúde, e à tarde estava exausto. Depois de Holmes ter saído sozinho para o concerto, estendi-me no sofá e procurei dormir um pouco. Inútil tentativa! Tudo o que acontecera tinha estimulado de tal modo minha mente que a sentia povoada pelas mais estranhas hipóteses e fantasias. Cada vez que fechava os olhos via diante de mim o rosto contraído e simiesco do homem assassinado. Enoch J. Drebber, de Cleveland, devia ter sido um homem mau. Contudo, eu admitia que era necessário fazer justiça, e que a maldade da vítima não constituía uma atenuante perante os olhos da lei.

Quanto mais pensava nisso, mais extraordinária me parecia a hipótese, formulada pelo meu companheiro, de que o homem fora envenenado. Virar o cheiar os lábios da vítima e não tinha dúvidas de que Holmes sentira qualquer coisa que lhe inspirara semelhante idéia. Por outro lado, se não

fosse o veneno, que mais poderia ter causado a morte do homem, visto que não havia ferimentos nem sinais de estrangulamento? Nesse caso, de quem era o sangue que manchava o assoalho? Não havia indícios de luta, nem a vítima possuía qualquer arma com a qual tivesse ferido o seu antagonista. A confiança de Holmes assegurava-me que ele já havia elaborado uma teoria que explicava todos os fatos, embora eu de forma alguma pudesse conjecturar qual fosse.

Regressou muito tarde... e o concerto não bastava para explicar semelhante demora. O jantar estava na mesa.

— Foi magnífico — elogiou, ao sentar-se. — Lembra-se do que Darwin escreveu a respeito da música? Afirmou que a capacidade de produzi-la já existia no gênero humano muito antes de ter sido atingida a faculdade da linguagem. Talvez seja por esse motivo que ela exerça em nós tão sutil influência.

— É uma idéia um tanto vasta — observei.

— As nossas idéias devem ser tão vastas quanto a natureza, se quisermos interpretá-la — sentenciou Holmes. — Mas que se passa? Você não parece o mesmo. Ficou perturbado com esse caso da Brixton Road?

— Para falar a verdade, fiquei. Depois das minhas experiências no Afeganistão, eu deveria ser menos sensível. Vi os meus camaradas serem massacrados na batalha de Maiwand e não perdi a calma.

— Compreendo perfeitamente. No caso presente há um mistério que estimula a imaginação. Já leu o jornal da tarde?

— Não.

— Traz uma notícia bastante pormenorizada sobre o ocorrido. Porém, não menciona o fato de que ao erguerem o homem caiu uma aliança de mulher no chão. Tanto melhor.

— Por quê?

— Veja este anúncio — convidou, como resposta. — Mandei publicá-lo em todos os jornais.

Atirou-me o jornal por cima da mesa e lancei os olhos pela coluna indicada. Era o primeiro anúncio dos “Objetos Achados”.

“Na Brixton Road, uma aliança de ouro foi encontrada esta manhã, no caminho entre a White Hart Tavern e Holland Grove. Procurar Dr. Watson, 221-B, Baker Street, entre oito e nove horas desta noite...”

— Desculpe-me por ter usado o seu nome. Se tivesse posto o meu, qualquer desses policiais tontos seria capaz de reconhecê-lo e querer intrometer-se no assunto.

— Não tem importância. Mas se aparecer alguém, não terei qualquer anel a entregar.

— Tem, sim — redarguiu Holmes, passando-me uma aliança de ouro. — Este servirá perfeitamente. É quase uma réplica da verdadeira.

— E quem você espera que venha buscá-la?

— Ora, o homem do sobretudo castanho... o nosso rubro amigo de saltos quadrados. Se não vier pessoalmente, mandará um cúmplice.

— Não achará perigoso?

— De modo algum. Se a minha reconstituição dos fatos for exata, esse homem preferirá correr o risco a perder o anel. Segundo penso, deixou cair ao inclinar-se sobre o corpo de Drebbler, e só depois é que deu pela falta. Após deixar a casa, viu que tinha perdido o anel, voltou apressadamente, e topou com a polícia já no local, devido à asneira de ter deixado a vela acesa. Teve de fingir-se bêbado a fim de evitar as suspeitas que a sua presença no portão poderia causar. Ponha-se no lugar desse homem. Ao refletir sobre o assunto, deve ter-lhe ocorrido que talvez houvesse perdido o anel na rua, depois de sair da casa. Que faria, nesse caso? Procuraria sofregamente os jornais da tarde, na esperança de vê-lo mencionado entre os objetos achados. Por que temeria uma armadilha? A seu ver não haveria nenhuma razão para ligar o encontro do anel com o crime. Nada o impedirá de vir aqui.

— E depois?

— Oh! Encarrego-me de falar com ele. Tem armas?

— Tenho o meu velho revólver de serviço e alguns cartuchos.

— É melhor limpá-lo e carregá-lo. O homem deve estar desesperado... E mesmo que eu o apanhe de surpresa, convém estar preparado para o que der e vier.

Fui até o meu quarto e segui o seu conselho. Quando voltei com o revólver, a mesa já estava arranjada e Holmes estava entregue à sua ocupação favorita, arranhando as cordas do violino.

— Os acontecimentos precipitam-se — anunciou. — Acabei de receber a resposta ao meu telegrama para a América. A minha opinião sobre o caso estava certa.

— E qual é ela?

— O meu violino está precisando de cordas novas — observou, sem me responder. — Ponha o seu revólver no bolso. Quando o sujeito chegar, fale com ele normalmente. Deixe o resto comigo. Não o assuste com um olhar muito fixo.

— São oito horas — avisei, olhando para o meu relógio.

— Sim. Provavelmente estará aqui dentro de poucos minutos. Deixe a porta entreaberta. Agora, ponha a chave por dentro. Muito obrigado. Já viu este livro? É um volume curioso que encontrei ontem numa prateleira. *De Jure inter Gentes...* publicado em latim, em Liège, nos Países Baixos, em 1642. Carlos I ainda tinha a cabeça sobre os ombros quando este livrinho foi impresso.

— Quem é o impressor?

— Filipe de Croy... um nome que nunca ouvi. Na frente, em tinta quase apagada, lê-se: *Ex-libris Gulielmi Whyte*. Quem terá sido esse Gulielmi Whyte? Algum juriconsulto do século XVII, creio eu. Mas aí vem o nosso homem, se não me engano.

Enquanto falava soou uma forte campainha. Sherlock Holmes levantou-se sem ruído e colocou a sua cadeira diante da porta. Ouvimos a criada passar pelo corredor e o estalido seco do trinco.

— O Dr. Watson mora aqui? — perguntou uma voz clara, mas um tanto áspera. Não pudemos ouvir a resposta da criada, mas a porta se fechou, e alguém começou a subir as escadas. Os passos eram incertos e arrastados. Aproximaram-se lentamente pelo corredor e em seguida ouviu-se uma leve pancada na porta.

— Entre — indiquei.

A esse convite, em lugar do homem violento que esperávamos, uma velha encarquilhada entrou coxeando no aposento. Parecia ofuscada pela luz da sala e, depois de fazer uma reverência desajeitada, ficou piscando para nós os seus olhos turvos e remexendo nos bolsos com dedos trêmulos e nervosos. Olhei para Holmes: cujo rosto mostrava agora uma expressão tão desconsolada que mal pude manter-me sério.

A velha desembolsou um jornal vespertino e apontou para o nosso anúncio.

— Vim por causa disto, meus senhores — disse com outra reverência.

— Uma aliança de ouro na Brixton Road. Pertence à minha filha Sally, que está casada só há doze meses. O marido é camaroteiro de um vapor da Union e é capaz de zangar-se, quando descobrir que ela já não tem o anel. Já não é muito delicado e, então, quando bebe... Ontem à noite Sally foi ao circo com...

— É esta a aliança dela? — perguntei.

— Deus seja louvado! — exclamou a velhota. — Sally ficará radiante. É essa mesma!

— E qual é o seu endereço? — perguntei, pegando num lápis.

— Duncan Street, nº 13, em Houndsditch. Fica muito longe daqui.

— Para ir de Houndsditch a qualquer circo que seja — observou Sherlock Holmes bruscamente —, não se passa pela Brixton Road.

A velha voltou-se e encarou-o penetrantemente com os seus olhinhos orlados de vermelho.

— Este senhor perguntou pelo meu endereço — disse ela. — Sally mora numa pensão em Peckham. Fica em Mayfield Place, nº 3.

— Como se chama a senhora?

— O meu nome é Sawyer... o dela é Dennis depois que casou com Tom Dennis. É um rapaz decente, quando está trabalhando. Não há melhor camaroteiro na Companhia. Mas em terra, com mulheres e bebidas...

— Eis aqui o seu anel, Mrs. Sawyer — atalhei, obedecendo a um sinal do meu companheiro. — É evidente que pertence à sua filha, e tenho muito prazer em devolvê-lo à legítima dona.

Mastigando bênçãos e protestos de gratidão, a velha meteu-o no bolso e arrastou-se escada abaixo. Sherlock Holmes pôs-se em pé no momento em que ela se retirou e precipitou-se para o seu quarto. Voltou poucos segundos depois, embrulhado no seu impermeável e com um cachecol no pescoço.

— Vou segui-la — anunciou rapidamente. — Ela é a cúmplice que me conduzirá ao assassino. Espere-me.

Mal a porta do corredor se fechara nas costas da nossa visitante, Holmes descia as escadas. Da janela, avistei-a na calçada, andando tropeçadamente e seguida a pouca distância pelo seu perseguidor.

Eram quase nove horas, quando saiu. Enchi-me de paciência e sentei fumando o meu cachimbo e folheando as páginas da *Vie de Bohème*, de Henri Murger. Quando bateram as dez, ouvi os passos da criada que se



recolhia à cama. Às onze, reconheci as passadas mais dignas da senhorita, que tomava o mesmo destino. Era quase meia-noite quando ouvi o ruído de uma chave que girava na fechadura. No momento em que Holmes entrou, vi-lhe no rosto que não fora bem-sucedido. Vontade de rir e pesar pareciam debater-se na sua fisionomia, até que a primeira venceu e começou a rir sonoramente.

— Por nada deste mundo eu gostaria que os meus amigos da Scotland Yard soubessem o que aconteceu! — proferiu, atirando-se para uma poltrona. — Tenho zombado tanto deles que nunca mais deixariam de falar nisso. Posso dar-me ao luxo de rir porque sei que no fim das contas levarei a melhor.

— De que se trata, então? — perguntei.

— Não hesito em contar uma história pouco edificante para mim. Aquela criatura não tinha andado muito quando começou a coxear e dar todos os sinais de cansaço. Finalmente parou e chamou um coche que ia passando. Consegui aproximar-me o bastante para ouvir o endereço, mas poderia ter-me poupado a essa sofreguidão porque ela o gritou com voz suficiente para ser ouvida na calçada inteira. “Leve-me ao nº 13 da Duncan Street, em Houndsditch”. Pensei que aquilo começava a ter laivos de verdade, e após certificar-me de que ela entrava no coche, empoleirei-me na traseira. Essa é uma arte que todo o detetive deveria treinar. Lá fomos até a rua em questão. Saltei antes de chegarmos diante da porta, e comecei a descer a rua descansadamente. Vi o coche parar. O cocheiro desceu da boléia, abriu a porta e ficou à espera. Mas não saiu ninguém. Quando me aproximei dele, o homem estava a apalpar freneticamente o assento vazio do trem e a pronunciar a mais bela série de pragas que jamais ouvi. Não havia o menor sinal da sua passageira, e receio que passe muito tempo antes que ele receba o custo da corrida. Pedindo informações no nº 13, soubemos que a casa pertencia a um respeitável tapeceiro chamado Keswick e que, ali, ninguém ouvira falar em pessoas com o sobrenome de Sawyer ou Dennis.

— Não está querendo dizer — exclamei atônito — que aquela velha débil foi capaz de saltar do carro em movimento, sem ser vista por você ou pelo cocheiro.

— Velha, coisa nenhuma! — resmungou Sherlock Holmes asperamente. — Nós é que parecemos duas velhas fáceis de enganar. Deve ter sido um homem moço muito desempenado, e excelente ator. O disfarce era perfeito.

Sem dúvida, notou que estava sendo seguido e usou esse expediente para despistar-me. Isso prova que o homem tem amigos dispostos a arriscar-se por ele. Mas vejo-o exausto, doutor. Aceite o meu conselho: vá para a cama.

Sentia-me realmente muito fraco, e aceitei a sugestão. Deixei Holmes sentado diante da lareira e ainda ouvi, por algum tempo, os gemidos abafados e nostálgicos do seu violino, certo de que ele continuava a meditar sobre o estranho problema que se propunha resolver.

## VI – A INVESTIGAÇÃO DE TOBIAS GREGSON

---

**O**s jornais do dia seguinte estavam cheios daquilo a que chamavam “O Mistério da Brixton”. Todos faziam um longo relato do caso. Havia neles alguns pormenores que me eram desconhecidos. Ainda guardo no meu álbum vários recortes.

O Daily Telegraph observava que na história do crime raramente se encontrava uma tragédia com características tão estranhas. O nome alemão da vítima, a ausência de qualquer motivo aparente e a sinistra inscrição na parede, tudo indicava que o crime tinha sido cometido por refugiados políticos ou revolucionários. Os socialistas possuíam muitas ramificações na América, e o defunto, que sem dúvida havia infringido as suas regras secretas, fora seguido por eles. Depois de aludir ligeiramente ao Vemgericht, à água-tofana, aos carbonários, à marquesa de Brinvilliers, à teoria darwiniana, ao princípio de Malthus e aos assassinatos da Rateliff Highway, o artigo concluía censurando o governo e pedindo uma vigilância mais severa para os estrangeiros instalados na Inglaterra.

O Standart comentava o fato de que tais violências geralmente ocorriam quando o partido liberal estava no poder. Eram a consequência da inquietação das massas e do enfraquecimento da autoridade. A vítima era um cidadão americano que residia na metrópole havia algumas semanas. Esteve hospedado na pensão de Madame Charpentier, no Torquay Terrace, em Camberwell. Viajava em companhia de um secretário particular chamado Joseph Stangerson. Ambos se despediram da proprietária na terça-feira, 4, encaminhando-se para a Euston Station, onde deviam tomar o expresso para Liverpool. Tinham sido vistos, mais tarde, na plataforma da estação. Nada mais se soube a respeito deles até encontrarem o corpo de Mr. Drebber numa casa vazia da Brixton Road, a vários quilômetros de

Euston. As circunstâncias que o teriam levado até ali ainda estavam envoltas em mistério. “Temos a satisfação de registrar — prosseguiu o artigo — que Mr. Lestrade e Mr. Gregson estão incumbidos das investigações, o que nos autoriza a prever um rápido esclarecimento do mistério, dadas as suas notórias qualidades profissionais”.

O Daily News afirmava não haver dúvidas de que se tratava de um crime político. O despotismo dos governos continentais e o seu ódio ao liberalismo tinham levado um grande número de homens a refugiar-se na Inglaterra. Entre eles existia um rígido código de honra, e qualquer infração ao mesmo era punida com a morte. Nenhum esforço devia ser poupado para localizar o secretário Stangerson, e verificar certos pormenores sobre os hábitos da vítima. Um grande passo já fora dado ao descobrir o endereço da casa onde ele esteve hospedado, o que se devia inteiramente à perspicácia e à energia do Mr. Gregson, da Scotland Yard.

Sherlock Holmes e eu líamos essas notícias, durante o café, e elas pareciam diverti-lo imensamente.

— Já lhe disse que, fosse como fosse, Lestrade e Gregson colheriam os louros.

— Isso depende da forma como o caso acabar.

— Ah! Meu caro, aí está o que não tem a menor importância. Se o homem for apanhado, será graças às atividades dos policiais. Se escapar, será apesar dos seus esforços. “Cara ou Coroa”, ganham sempre. Façam o que fizerem, terão sempre os seus partidários. “Um sot trouve toujours un plus sot L’admire”<sup>(1)</sup>.

— Que diabos é isso? — exclamei, pois naquele instante soou grande alvoroço no corredor e na escada, acompanhado por claras expressões de desgosto por parte da dona da casa.

— É a patrulha de Baker Street — disse gravemente o meu companheiro. Mal ele acabava de falar, a sala foi invadida por meia dúzia dos mais sujos e andrajosos garotos que jamais vi.

— “Sentido”! — gritou Holmes num tom imperioso, e os seis garotos maltrapilhos perfilaram-se como se fossem estatuetas. — Daqui por diante mandem somente Wiggins e o resto que espere na rua. Então, Wiggins, encontraram?

---

<sup>(1)</sup> *Um tolo acha sempre outro mais tolo que o admira.*

— Não, senhor, não encontramos — informou um dos rapazes.

— Eu já esperava isso. Continuem à procura. Aqui está o pagamento de vocês — acrescentou Holmes, dando um xelim a cada um deles. — E para a próxima vez, tragam melhores informações.

A um sinal seu, a garotada debandou escada abaixo como ratos e, logo a seguir, ouvíamos na rua as suas vozes estridentes.

— Qualquer desses velhacos vale mais do que uma dúzia de agentes da polícia — observou Holmes. — A simples presença de um funcionário fecha a boca de toda a gente, mas aqueles garotos vão a toda parte e ouvem tudo. São vivos como ninguém, mas falta organização.

— E é para o caso da Brixton Road que você usando os serviços deles? — perguntei.

— É, sim. Há um ponto que desejo apurar, mas é preciso muita paciência. Olá! Vêm aí notícias sem dúvida alguma! Gregson vem descendo a rua com a felicidade estampada no rosto.

Ouviu-se uma campainha enérgica e, instantes depois, o detetive ruivo subia as escadas, de três em três degraus, irrompendo na nossa sala de estar.

— Meu caro amigo — exclamou, apertando calorosamente a mão passiva de Holmes —, felicite-me! Consegui tornar todo o assunto claro como o dia.

Pareceu-me que uma sombra de ansiedade se estampava no rosto do meu companheiro.

— Quer dizer, então, que está na pista certa?

— Já metemos o homem na “gaiola”.

— Como se chama?

— Arthur Charpentier, segundo tenente da Marinha Real — anunciou Gregson pomposamente, esfregando as mãos gordas e inchando o peito.

Sherlock Holmes soltou um suspiro de alívio e recostou-se a sorrir.

— Sente-se — convidou — e prove um desses charutos. Estamos ansiosos por saber como conseguiu isso. Aceita um whisky?

— Não cairia mal — respondeu o detetive. — Os tremendos esforços que fiz nestes últimos dois dias quase deram cabo de mim. Não é tanto o cansaço físico, mas a fadiga mental. Compreende? Mr. Sherlock Holmes sabe bem do que se trata, pois ambos trabalhamos com o cérebro.

— Faz-me uma grande honra — disse Holmes gravemente. — Conten-nos, então, como chegou a esse esplêndido resultado.

O detetive enterrou-se numa poltrona e complacentemente começou a tirar baforadas do charuto. De súbito, deu uma palmada na coxa e rompeu num acesso de riso.

— O mais engraçado de tudo — exclamou — é que esse pateta do Lestrade, que se julga tão esperto, está embrenhado numa pista falsa. Anda à procura do secretário Stangerson, que é tão culpado do crime quanto eu. Não duvido que, a esta hora, já o tenha apanhado.

A idéia divertia-o de tal modo que desatou novamente a rir.

— E como conseguiu a sua pista?

— Vou contar-lhes todos os pormenores. Naturalmente, doutor Watson, isto fica estritamente entre nós. A primeira dificuldade era obter os antecedentes desse americano. Muitos teriam esperado uma resposta a anúncios publicados nos jornais, ou que alguém se apresentasse espontaneamente para fornecer informações. Mas esse não é o método cá do Tobias Gregson. Lembram-se do chapéu alto que estava ao lado do cadáver?

— Sim — respondeu Holmes. — Fabricado por “John Underwood & Sons”. 129, Camberwell Road.

Gregson ficou desiludido.

— Não pensei que o tivesse notado — murmurou. — Esteve lá?

— Não.

— Ah! — exclamou o funcionário com evidente alívio. — Nunca se deve desprezar uma oportunidade, por pequena que seja.

— Para um grande espírito, nada é pequeno — observou Holmes sentenciosamente.

— Pois bem, fui ao “Underwood” e perguntei-lhe se tinha vendido alguma cartola daquele tipo e tamanho. Consultou os seus registros e identificou-a imediatamente. Tinha vendido aquela a um certo Sr. Drebbler, residente na Pensão Charpentier, em Torquay Terrace. Consegui, assim, o seu endereço.

— Astuto... muito astuto! — murmurou Sherlock Holmes.

— Logo a seguir visitei Madame Charpentier — continuou o investigador. — Encontrei-a muito pálida e aflita. A filha também estava

na sala, aliás uma bela moça. Tinha os olhos vermelhos e tremiam-lhe os lábios quando falei. Isso não escapou à minha observação. Sherlock Holmes conhece a sensação que experimentamos diante de uma pista certa... uma espécie de estremecimento que corre pelos nervos. “Já sabe da morte misteriosa do seu último pensionista, Mr. Enoch J. Drebbler, de Cleveland?”, perguntei-lhe. A mãe fez um gesto afirmativo. Parecia incapaz de pronunciar uma palavra. A filha rompeu em pranto. Senti, mais do que nunca, que aquelas pessoas sabiam algo a respeito do assunto.

— A que horas Mr. Drebbler deixou a sua casa? — inquiri.

— Às oito — respondeu engolindo em seco como que para reprimir a agitação. — O secretário dele, o Mr. Stangerson, disse que havia dois trens... um às nove e quinze e outro às onze. Ele ia tomar o primeiro.

— E foi essa a última vez que o viu?

Uma terrível mudança se operou no rosto da mulher quando fiz essa pergunta. As suas feições ficaram inteiramente lívidas. Só alguns segundos depois é que conseguiu pronunciar um “sim” em voz alterada.

Fez-se um momento de silêncio, após o qual a filha disse com voz tranqüila:

— As mentiras não nos servirão para nada. Sejam francas. Realmente vimos Mr. Drebbler outra vez.

— Deus te perdoe! — exclamou madame Charpentier, erguendo as mãos para o céu e deixando-se cair numa cadeira. — Acabas de assassinar o teu irmão.

— Arthur com certeza prefere que digamos a verdade — replicou a moça firmemente.

— Então é conveniente dizerem tudo o que sabem — intervi. — As meias-verdades são piores que as reticências. Além disso, as senhoras ignoram o que já sabemos a respeito deste assunto.

— A culpa será exclusivamente tua, Alice! — exclamou a mãe; e acrescentou, voltando-se para mim: — Não penso que ele tenha participado nessa horrível tragédia. Arthur está inteiramente inocente. O que receio é que, aos olhos dos outros, possa parecer comprometido. Mas, isso é absurdamente impossível. O seu elevado caráter, a sua profissão e os seus antecedentes não o admitem.

— Inicialmente, o que lhe convém é expor todos os fatos — insisti. — Se o seu filho está inocente, isso não piorará a situação.

— Será melhor que nos deixe a sós, Alice — disse ela, e a filha retirou-se. — Eu não tinha a menor intenção de lhe contar tudo isto — continuou ela —, mas desde que a minha pobre filha já o revelou em parte, não me resta outra alternativa. Estou decidida a falar e não omitirei qualquer pormenor.

— A senhora é muito ajuizada — elogiei.

— Mr. Drebber esteve conosco quase três semanas. Ele e o secretário, Mr. Stangerson, andaram em viagem pelo continente. Notei uma etiqueta de Copenhagem numa das malas e, sem dúvida, foi esse o último lugar que eles visitaram. Stangerson era um senhor quieto e reservado, mas o seu patrão, lamento dizer, era inteiramente o contrário. Tinha hábitos grosseiros e gestos inoportunos. Na mesma noite da chegada embriagou-se e, para dizer a verdade, depois do meio-dia nunca estava sóbrio. As suas maneiras para com as criadas eram desagradavelmente íntimas e livres. O pior de tudo é que bem depressa começou a tomar a mesma atitude para com a minha filha, Alice, e falou com ela mais de uma vez de um modo que, felizmente, é muito inocente para entender. Numa ocasião chegou a tomá-la nos braços e abraçá-la, uma afronta que levou o seu próprio secretário a reprová-lo pela conduta indigna.

— Por que motivo tolerou tudo isso? — perguntei. — Suponho que a senhora possa desembaraçar-se de um pensionista quando queira.

Mrs. Charpentier explicou, corando:

— Oxalá eu o tivesse despedido no mesmo dia em que chegou — disse ela. — Mas a tentação era forte. Eles pagavam uma libra por dia cada um... catorze libras por semana, e estamos na estação morta. Sou viúva e o meu filho na Marinha tem-me custado muito. Era difícil renunciar àquele dinheiro. Mas a última proeza de Mr. Drebber ultrapassou os limites, e eu pedi-lhe que saísse da minha casa, por isso foi embora.

— E depois?

— Senti um grande alívio quando o vi pelas costas. Meu filho estava em casa, de licença, mas eu nada lhe dissera porque temia o seu temperamento violento, e sei que ele tem um grande carinho pela irmã. Quando fechei a porta atrás deles, foi como se me tirassem um peso de cima. Ah! Em menos de uma hora ouvi a campainha tocar e soube que Mr. Drebber tinha voltado. Estava muito excitado e era evidente que bebera demais. Entrou sem cerimônia na sala onde eu estava com minha filha, e disse qualquer coisa a

respeito de ter perdido o trem. Voltou-se depois para Alice e, na minha frente, propôs-lhe que fugisse com ele. “Você é maior — disse ele — e legalmente ninguém pode detê-la. Tenho dinheiro de sobra. Não se preocupe com essa velhota e venha comigo agora mesmo. Viverá como uma princesa”. A pobre Alice ficou tão assustada que deu um passo atrás, mas ele tomou-a pelo pulso e tentou arrastá-la para a porta. Dei um grito e nesse momento Arthur entrou na sala. Nem sei o que aconteceu. Eu estava tão aterrorizada que não ousei levantar a cabeça. Quando ergui os olhos, vi Arthur junto à porta rindo com uma bengala na mão. “Não creio que esse distinto cavalheiro torne a incomodar-nos outra vez” — proferiu. Pegou o chapéu e saiu para a rua. Na manhã seguinte, soubemos da misteriosa morte de Mr. Drebbler.

— É emocionante — comentou Sherlock Holmes com um bocejo. — E que aconteceu depois?

— Quando a Sra. Charpentier terminou o seu depoimento — continuou o detetive da Scotland Yard —, vi que todo o caso estava pendente de um único ponto. Encarei-a nos olhos, de um modo que dá sempre resultado com as mulheres, e perguntei-lhe a que horas o filho tinha voltado.

— Não sei — respondeu ela, empalidecendo ainda mais.

— Não sabe?

— Não. Ele tem a chave da porta e não o ouvi entrar.

— E a que horas a senhora foi deitar-se?

— Às onze, talvez.

— Então o seu filho esteve ausente pelo menos duas horas?

— Sim.

— Quem sabe se quatro ou cinco, não?

— Pode ser.

— Que fez ele durante esse tempo?

— Não sei — respondeu, empalidecendo ainda mais.

— Está claro que depois disso não restava mais nada a fazer. Verifiquei onde estava o tenente Charpentier, tomei dois agentes comigo e prendi-o. Quando lhe toquei no ombro, dizendo que nos acompanhasse sem reagir, respondeu-me com o maior descaramento: “Suponho que me prendem como implicado na morte daquele canalha do Drebbler”. Ora, nós não lhe havíamos dito nada a esse respeito, de maneira que essa alusão tinha um carácter muito suspeito.



— Muito — disse Holmes.

— Ele ainda trazia consigo a pesada bengala que, segundo a mãe, levava ao sair atrás de Drebber. É um grosso bastão de carvalho.

— Qual é a sua teoria então?

— A minha teoria é que ele seguiu Drebber até a Brixton Road. Houve uma nova briga entre ambos, durante a qual Drebber recebeu uma bengalada, na boca do estômago, que o matou sem deixar qualquer marca. Chovia tanto que a rua estava deserta, e Charpentier pôde arrastar o corpo da vítima para a casa vazia. Quanto à vela, ao sangue, à escrita na parede e ao anel, podem ter sido outros tantos expedientes para desorientar a polícia.

— Magnífico! — exclamou Holmes num tom encorajante. — Realmente, Gregson, você está fazendo progressos.

— Modéstia à parte, conduzi o assunto com certa precisão — redargüiu com orgulho o investigador. — O rapaz declarou espontaneamente que seguiu Drebber por algum tempo, até que este tomou um coche para se livrar dele. Ao voltar para casa, encontrou um velho camarada a bordo e deu um longo passeio com ele. Interrogado sobre o endereço desse camarada, não soube dar uma resposta satisfatória. Parece-me que todas as circunstâncias se combinam de maneira perfeita. Mas o que me diverte é pensar que Lestrade está seguindo uma pista falsa. Receio que não vá muito longe. Com os diabos, aí está ele em pessoa!

Era realmente Lestrade, que tinha subido as escadas enquanto falávamos e entrava agora na sala. A decisão e a elegância que caracterizavam o seu porte e vestuário tinham, no entanto, desaparecido. O rosto denotava preocupação e a roupa estava amarrotada. Viera sem dúvida com a intenção de consultar Sherlock Holmes, pois ao ver seu colega pareceu embaraçado. Ficou em pé no meio da sala, brincando nervosamente com o chapéu, sem saber o que fazer.

— Este caso é dos mais extraordinários — disse por fim —, dos mais incompreensíveis.

— Acha isso, Mr. Lestrade? — perguntou Gregson, triunfante. — Eu esperava que o colega chegasse a essa conclusão. Conseguiu encontrar o secretário, Mr. Joseph Stangerson?

— O secretário, Mr. Joseph Stangerson — disse Lestrade gravemente —, foi assassinado no Hotel Halliday por volta das seis horas desta manhã.

## VII – UMA LUZ NAS TREVAS

---

A notícia com que Lestrade nos brindou era tão inesperada que nós três ficamos perplexos. Olhei em silêncio para Sherlock Holmes, que tinha os lábios apertados e a testa franzida.

— Stangerson também! — murmurou. — A história complica-se.

— Como se já não fosse bastante complicada — resmungou Lestrade, puxando uma cadeira. — Parece-me que vim interromper uma espécie de conselho de guerra.

— Está certo do que acaba de dizer? — balbuciou Gregson.

— Venho agora mesmo do quarto dele — respondeu Lestrade. — Fui o primeiro a saber o que aconteceu.

— Estávamos ouvindo o ponto de vista de Gregson sobre o assunto — observou Holmes. — Poderia dizer o que viu e fez?

— Não vejo inconveniente — disse Lestrade, sentando-se. — Confesso que julguei que Stangerson estivesse implicado na morte de Drebbler. Este novo fato veio demonstrar-me que andava completamente enganado. Convicto daquela hipótese, tratei de descobrir o que fora feito do secretário. Eles tinham sido vistos juntos na estação de Euston por volta das oito e meia da noite do dia 3. Às duas da madrugada Drebbler fora encontrado na Brixton Road. O meu problema consistia em averiguar de que modo Stangerson tinha ocupado o seu tempo entre as 8:30 e a hora do crime, e para onde fora depois. Telegrafei para Liverpool, dando uma descrição do homem e advertindo os colegas de que vigiassem todos os vapores americanos. Comecei então a visitar todos os hotéis e pensões nas vizinhanças de Euston. O meu raciocínio era que, se Drebbler e o seu companheiro haviam se separado, este logicamente pernoitaria nas imediações e voltaria à estação no dia seguinte.

— Era presumível que tivessem combinado encontrar-se em determinado lugar — observou Holmes.

— E assim foi, realmente. Passei toda a noite de ontem fazendo indagações sem resultado. Esta manhã comecei bastante cedo e, às oito horas, já estava no Hotel Halliday, na Little George Street. Quando perguntei se um certo Mr. Stangerson morava ali, responderam-me afirmativamente sem hesitação.

— O senhor deve ser a pessoa que ele espera — disseram-me. — Há dois dias que espera um cavalheiro.

— Onde está ele agora? — perguntei.

— No quarto, dormindo. Pediu que o acordassem às nove.

— Então vou subir — declarei.

— Supunha que a minha súbita presença no seu quarto o enervasse e o fizesse dizer qualquer coisa involuntariamente. Um rapaz da portaria ofereceu-se para acompanhar-me: o quarto ficava no segundo andar, ao fundo de um pequeno corredor. O rapaz indicou-me a porta e já se dirigia para a escada quando vi uma coisa que me estarreceu apesar dos meus vinte anos de experiência. Corria sob a porta um filete vermelho de sangue, que havia atravessado sinuosamente o corredor e formava uma pequena poça contra o rodapé da parede fronteira. Dei um grito que fez o rapaz voltar imediatamente. Quando viu aquilo, por pouco não desmaiou. A porta estava fechada por dentro, mas nós metemos-lhe o ombro e a derrubamos. A janela do quarto estava aberta e, junto a ela, no maior desalinho, de braços, jazia o corpo de um homem em camisa de dormir. Estava morto, havia já algumas horas, pois os seus membros tinham enrijecido e esfriado. Quando o viramos, o rapaz reconheceu-o imediatamente como sendo o mesmo cavalheiro que alugara o quarto sob o nome de Joseph Stangerson. A morte foi causada por uma profunda punhalada no lado esquerdo, que devia ter penetrado no coração. E agora vem a parte mais estranha do fato. Calculam o que se via em cima do cadáver?

— A palavra RACHE escrita com sangue — disse Holmes.

— Isso mesmo — confirmou Lestrade espantado, e todos ficamos em silêncio por um instante.

Havia qualquer coisa de tão metódico e incompreensível em torno da façanha daquele assassino desconhecido, que parecia acentuar o caráter macabro dos seus crimes.

— O assassino foi visto — continuou Lestrade. — Um leiteiro, ao descer a viela que vai das traseiras do hotel a uma leitaria, quando ia buscar as suas garrafas, notou que uma escada estava encostada contra uma das janelas do segundo andar, e que a janela se achava escancarada. Olhando para trás, viu um homem descendo por ela. Descia com tanta desenvoltura e naturalidade que o rapaz pensou tratar-se de algum carpinteiro ou encanador encarregado de qualquer trabalho no hotel. Não lhe prestou grande atenção,

e apenas achou que era um pouco cedo para ele já estar trabalhando. Ficou com a impressão de que o homem era alto, de rosto um tanto vermelho, e que vestia um comprido sobretudo castanho. Ele deve ter ficado algum tempo no quarto depois do crime, porque encontramos água suja de sangue numa bacia, onde lavou as mãos, e manchas no lençol com que limpou cuidadosamente a sua faca.

Lancei os olhos para Holmes ao ouvir a descrição do assassino, cujo tipo correspondia exatamente ao que ele descrevera. Não havia, contudo, no seu rosto qualquer sinal de alegria ou satisfação.

— Não encontrou nada no quarto que possa fornecer um indício contra o assassino? — perguntou ele.

— Nada. Stangerson tinha consigo a carteira de Drebbler, mas parece que isso era costume, pois ocupava-se de todos os pagamentos. A carteira continha oitenta e poucas libras e estava intacta. Quaisquer que tenham sido os motivos destes crimes extraordinários, o roubo não está certamente entre eles. Não havia papéis nem notas nos bolsos do morto, exceto um único telegrama, de Cleveland, com data de um mês antes, que dizia: “J. H. está na Europa”. Não tinha sequer assinatura.

— E nada mais? — perguntou Holmes.

— Nada de importância. Um romance que o ajudara a dormir estava em cima da cama; e numa cadeira, ao alcance da mão, o seu cachimbo. Havia um copo de água sobre a mesinha e, no rebordo da janela, uma caixinha de lata, contendo duas pílulas.

Sherlock Holmes pulou da cadeira com uma exclamação de júbilo.

— O último elo! — exclamou, exultante. — O meu caso está completo.

Os dois investigadores fitaram-no atônitos.

— Tenho agora nas mãos — disse confiantemente o meu companheiro — todos os fios da meada. Há pormenores que, naturalmente, precisam ser completados, mas estou tão certo de todos os fatos principais, desde o momento em que Drebbler se separou de Stangerson na estação, até a descoberta do corpo deste último como se os tivesse visto com os meus próprios olhos. Eu lhes darei uma prova do que sei. Recolheu essas pílulas, Lestrade?

— Tenho-as comigo — respondeu o policial, tirando do bolso uma caixinha branca. — Trouxe-as, juntamente com a carteira e o telegrama, com a intenção de guardá-las em lugar seguro. No posto policial. Foi por mero acaso que recolhi as pílulas, pois confesso que não lhes atribuo qualquer importância.

— Deixe-me vê-las — pediu Holmes. — Então, doutor — acrescentou ele, voltando-se para mim —, estas pílulas são comuns?

Não o eram certamente. Tinham uma cor cinzenta clara, eram pequenas, redondas e quase transparentes.

— A julgar pela sua leveza e transparência, creio que sejam solúveis em água — observei.

— Precisamente — confirmou Holmes. — E agora quer ter a bondade de ir buscar aquele pobre cachorrinho que está doente há tanto tempo e cujos sofrimentos a dona de casa ainda ontem me pedia para fazer terminar?

Desci as escadas e voltei com o pequeno terrier nos braços. A sua respiração opressa e os olhos vítreos demonstravam que não estava muito longe da morte. Depositei-o no tapete sobre uma almofada.

— Cortarei agora, em duas partes, uma destas pílulas — anunciou Holmes, abrindo o canivete e passando da palavra à ação. — Uma metade voltará à caixa para futuros propósitos. A outra metade ponha-a neste copo que contém algumas gotas de água. Os senhores estão vendo que o doutor tem razão, que a pílula se dissolve prontamente.

— Isso pode ser muito interessante — disse Lestrade, no tom ofendido de quem suspeita ser vítima de uma pilhéria. — Mas não vejo que relação possa ter com a morte de Mr. Joseph Stangerson.

— Paciência, meu caro, paciência! Oportunamente verificará que tem uma íntima relação. Acrescento agora um pouco de leite para dar bom paladar à mistura e vou dá-la ao cão.

Despejou o conteúdo do copo num pires e colocou-o diante do terrier, que rapidamente o lambeu. Contudo, nada sucedeu. O cão continuou deitado na almofada, com a respiração ofegante, mas nem melhor nem pior do que antes de ter absorvido a beberagem.

Holmes tinha tirado o seu relógio e, como os minutos se passavam sem resultado, uma expressão de profundo pesar começou a transparecer-lhe na fisionomia, ao passo que os dois detetives da Scotland Yard sorriam ironicamente, nada descontentes com aquele fracasso.

— Não pode ser uma coincidência! — exclamou Holmes, saltando da cadeira e pondo-se a passear nervosamente pela sala. — É impossível que tenha sido uma mera coincidência. As próprias pílulas de que suspeitei no caso de Drebbler são realmente encontradas após a morte de Stangerson... e parecem inofensivas. Que significará isso? Com toda a certeza a minha

longa série de raciocínio não pode estar errada. É impossível! E no entanto este diabo de cachorro continua na mesma, Ah! Já sei! Já sei!

E com um grito de alegria precipitou-se para a caixinha, cortou a pílula restante em duas partes, dissolveu-a, juntou leite e deu-a ao terrier. A língua do pobre animal apenas pareceu tocar no líquido e uma convulsão lhe sacudiu os membros. Caiu rígido, morto como se tivesse sido fulminado por um raio.

Holmes soltou um longo suspiro e enxugou o suor da testa.

— Eu devia ter tido mais confiança — murmurou. — Nesta altura, já devia saber que quando um fato parece opor-se a uma longa cadeia de deduções, presta-se invariavelmente a qualquer outra interpretação. Das duas pílulas dessa caixa, uma continha um veneno terrível; a outra, era absolutamente inócua. Eu já devia sabê-lo mesmo antes de ter visto a caixa.

Esta última afirmação pareceu-me surpreendente. Mas, lá estava o cadáver do cão para provar que a sua declaração fora correta.

— Tudo isto lhes parece estranho — continuou Holmes — porque no princípio das investigações não apreenderam a importância do único indício verdadeiro que tinham diante dos olhos. É um erro confundir estranheza com mistério. O crime mais banal é muitas vezes o mais misterioso porque não apresenta nenhuma característica nova ou especial da qual possam fazer-se deduções. Este assassinato teria sido infinitamente mais difícil de desvendar se o cadáver da vítima fosse encontrado simplesmente na rua, sem nenhuma dessas circunstâncias insólitas e sensacionais que o tornaram incomum. Esses pormenores estranhos, longe de tornarem o caso mais difícil, contribuíram realmente para a sua solução.

Mr. Gregson, que tinha ouvido este discurso com crescente impaciência, não pôde mais conter-se.

— Mr. Sherlock Holmes, estamos prontos a reconhecer que o senhor é um homem perspicaz e que tem os seus métodos pessoais de trabalhar, mas agora queremos algo de mais positivo do que simples teorias. Trata-se de apanhar o culpado. Já expus a minha hipótese e parece que errei. Evidentemente, Charpentier não pode ser acusado do segundo delito. Lestrade saiu à caça do seu homem, Stangerson, e parece que também estava errado. O senhor tem dado a impressão de saber mais do que nós, mas chegou o momento em que nos sentimos com o direito de perguntar-lhe de modo explícito se sabe o nome do criminoso?

— Devo convir que Gregson tem razão, Mr. Holmes — observou

Lestrade. — Ambos tentamos e falhamos. Desde que estou nesta sala, o senhor afirmou mais de uma vez ter todas as provas que desejava.

Holmes pareceu hesitar. Continuou a passear pela sala, com o queixo metido no peito e o rosto franzido, como era seu hábito quando estava refletindo.

— Não haverá mais assassinatos — disse, por fim, olhando para nós. — Perguntam-me se sei o nome do assassino. Sei, sim. Mas o mero fato de saber o seu nome é pouca coisa comparado à possibilidade de agarrarmos o homem. E é isto que espero fazer muito em breve. Tenho esperanças de consegui-lo com os meus próprios recursos, mas é um assunto que exige tato e delicadeza porque temos pela frente um homem astuto e desesperado, que conta com o apoio, segundo já tive ocasião de provar, de um outro que é tão inteligente como ele. Enquanto o assassino não souber que alguém possui um indício contra ele, há certa esperança de apanhá-lo, mas se tiver qualquer motivo para suspeitas, mudará de nome e desaparecerá num instante entre os quatro milhões de habitantes desta grande cidade. Se eu falhar, arcarei com toda a responsabilidade.

Gregson e Lestrade não pareceram muito satisfeitos com essa promessa, mas não tiveram tempo para falar, pois ouviu-se uma pancada na porta e Wiggins, o porta-voz dos garotos vadios, entrou e anunciou:

— Estou com o carro lá embaixo.

— Bravo, meu rapaz — exultou Holmes. — Por que não adotam este modelo na Scotland Yard? — continuou, tirando de uma gaveta um par de algemas. — Vejam como esta nova mola funciona rapidamente. Fecham-se num instante.

— O modelo antigo ainda é muito satisfatório — replicou Lestrade. — Desde que encontremos o homem para algemar.

— Perfeitamente, perfeitamente... — contemporizou Holmes sorrindo. — o cocheiro poderá ajudar-me a levar as minhas coisas. Peça-lhe que suba, Wiggins.

Fiquei surpreso ao ver o meu companheiro falar como se estivesse pronto para viajar, visto que nada me dissera a tal respeito. Havia na sala uma maleta. Puxou-a para o meio do tapete e começou a afivelar-lhe as correias. Estava ocupado nisso quando o cocheiro entrou.

— Pegue-me aqui nesta fivela, cocheiro — indicou, ajoelhando-se, sem sequer voltar a cabeça.

O homem aproximou-se, com um ar um tanto aborrecido, e estendeu as mãos para ajudar o seu cliente. Nesse instante ouviu-se um estalido seco, o tinir do metal, e Sherlock Holmes levantou-se num pulo.

— Senhores — exclamou ele, com os olhos lampejantes — permitam-me que lhes apresente Mr. Jefferson Hope, o assassino de Enoch Drebbler e de Joseph Stangerson.

Toda a cena ocorrera num segundo. Lembro-me nitidamente desse instante, da expressão triunfante de Holmes, do timbre da sua voz, do rosto furibundo e espantado do cocheiro olhando para as algemas, que pareciam ter surgido nos seus pulsos como por um passe de mágica.

Então, com um rugido de fúria, o prisioneiro libertou-se do braço de Holmes e atirou-se contra a janela. Vidraça e caixilhos cederam ao choque, mas antes que ele fugisse Gregson, Lestrade e Holmes saltaram por cima dele como cães de fila. O homem foi arrastado para a sala e então começou uma luta terrível. Tão robusto e decidido era que, mais de uma vez, arremessou-nos para longe de si. Parecia ter a força convulsiva de quem sofre um ataque epiléptico. Tinha o rosto e as mãos horivelmente machucados pelos vidros da janela, mas a perda de sangue não lhe diminuía a resistência. Somente quando Lestrade pôde segurá-lo pela gravata, quase o estrangulando, é que conseguimos dominá-lo, mas não nos sentimos seguros enquanto não o amarramos de pés e mãos.

— Temos o carro dele à espera — indicou Sherlock Holmes. — Servirá para conduzi-lo à Scotland Yard. E agora, senhores — continuou ele, com um sorriso afável —, chegamos ao fim de nosso pequeno enigma. Terei a maior satisfação em ouvir quaisquer perguntas que queiram fazer-me, e não as deixarei sem respostas.



## SEGUNDA PARTE: O PAÍS DOS SANTOS

### I – NO DESERTO DO COLORADO

---

**N**a parte central do grande continente norte-americano estende-se um árido deserto que durante muitos anos constituiu uma barreira contra o avanço da civilização. Da Sierra Nevada ao Nebraska, e do rio Yellowstone ao norte, até o rio Colorado, tudo é desolação e silêncio. Mas nessa região sinistra a natureza não se apresenta sob um aspecto uniforme, pois abrange altas montanhas cobertas de neve e vales profundos. Há rios impetuosos que correm através dos cânions e há vastas planícies que, no inverno, alvejam de neve e, no verão, ficam cinzentas de areia salitrosa e alcalina. Em tudo, porém, prevalece a característica comum de uma terra nua, inóspita e miserável.

Ocasionalmente uma tribo de Pawnees ou de Blackfeet atravessa-o, a fim de atingir outros campos de caça, mas até os mais bravos e ousados índios se alegram ao perder de vista aquelas horrendas planuras, voltando enfim às suas pradarias. O coioite esgueira-se por entre as ervas secas, o abutre bate pesadamente o ar e o urso pardo arrasta-se pelas grutas sombrias à procura de alimento. São esses os únicos moradores do deserto.

Não pode haver panorama mais tétrico do que aquele que se avista na vertente setentrional da Sierra Blanca. Até onde o olhar alcança estende-se uma planície imensa, salpicada de manchas cinzentas de chaparrales enfezados. No horizonte ergue-se uma cadeia de picos montanhosos cujos picos escarpados estão cobertos de neve. Nessa enorme região não há qualquer sinal de vida. Nada mais que o silêncio mortal e opressivo.

Dissemos que nessa imensa planície nada havia que pudesse lembrar a vida, mas talvez isso não seja exato. Olhando-se do alto da Sierra Blanca divisa-se uma vereda que serpenteia através do deserto até se perder na distância. Está sulcada de rodas e batida pelos pés de muitos aventureiros. Aqui e ali, espalhados ao longo dela, vêem-se objetos esbranquiçados que

brilham ao sol e se destacam contra o cinzento da poeira alcalina. São ossos: alguns grandes e grosseiros, outros menores e mais finos. Os primeiros pertenceram a bovinos, os segundos a seres humanos. Através de três quilômetros pode notar-se a rota macabra das caravanas seguindo os restos esparsos daqueles que tombaram no caminho.

Nesse desolado cenário, encontrava-se a 4 de maio de 1947, um viajante solitário. Tal era o seu aspecto que ele bem poderia ter sido o gênio ou o demônio daquela região. Quem o observasse dificilmente poderia dizer se estava mais perto dos quarenta ou dos sessenta anos. O rosto era sujo e magro; a pele escura, parecendo pergaminho, era repuxada nos ossos salientes; os compridos cabelos castanhos, assim como a barba, estavam mesclados de branco; os olhos, no fundo das órbitas, ardiam com um brilho anormal, ao passo que a mão agarrada à carabina apenas tinha um pouco mais de carne que um esqueleto. Apoiava-se na arma para manter-se de pé, mas a sua elevada estatura e o tórax maciço indicavam possuir uma constituição vigorosa. No entanto, o rosto amaciado e as roupas frouxas sobre os membros mirrados davam-lhe uma aparência senil. O homem estava morrendo de fome e de sede.

Tinha-se arrastado penosamente pelo barranco, e prosseguira até aquela elevação, na vã esperança de avistar algum vestígio de água. Agora a imensa planície salitrosa estendia-se diante dos seus olhos, delimitada por uma remota cadeia de montanhas inóspitas, sem o mínimo indício de vegetação. Em toda aquela vasta paisagem não havia um sinal de esperança. Para norte e leste, para oeste, voltou ele os olhos investigadores e esbugalhados, e então compreendeu que a sua jornada sem rumo tinha chegado ao fim. Que ali, sobre aquele penhasco desnudo, iria morrer. “E por que não aqui, em vez de numa cama, há vinte anos?”, resmungou para consigo, sentando-se ao abrigo de uma rocha.

Sentou-se, pousou a sua carabina inútil e também um volumoso fardo envolto num xale cinzento que carregava no ombro direito. Parecia demasiado pesado para as suas forças e não evitou que batesse no chão. Imediatamente rompeu da trouxa um ligeiro gemido, surgindo um rostinho assustado de olhos castanhos e vivos, seguidos de duas mãozinhas sardentas.

— Magoou-me — queixou-se uma vozinha infantil, em tom de reprovação.

— Magoei? — desculpou-se o homem.

Dizendo isto, abriu o xale e descobriu uma graciosa garotinha de uns cinco anos, cujos sapatos mimosos e um belo vestidinho cor-de-rosa com o

seu pequeno avental branco denotavam cuidados maternos. A criança parecia pálida e abatida. As suas rosadas pernas e braços mostravam que tinha sofrido menos do que o seu companheiro.

— Ainda dói? — perguntou ansioso.

— Dê um beijo que passa — pediu ela, com a maior gravidade, indicando-lhe o lugar dolorido. — É assim que a mamã faz. Onde está a mamã?

— A sua mamã já partiu.

— Já partiu? — perguntou a garotinha. — Por que não me disse adeus? Ela diz-me sempre adeus, até mesmo quando só sai para tomar chá com a tia. E agora, já faz três dias que não vem. Não temos água e comida?

— Não temos nada, minha querida. Encoste a cabeça aqui, assim, e não tenha medo. Que é isso que tem aí?

— Umas coisas bonitas! — exclamou a menina entusiasmada, apertando nas mãos dois pedaços cintilantes de mica. — Quando eu chegar em casa, vou dar estes brilhantes ao mano Bob.

— Daqui a pouco verá coisas mais bonitas do que essas — prometeu o homem com segurança. Lembra-se de quando partimos do rio?

— Lembro-me, sim.

— Pensávamos encontrar outro rio. Mas houve um erro qualquer... na bússola, no mapa, não sei em quê. E o rio não apareceu. A água que trazíamos acabou-se. Ficaram só umas gotas... para você.

— E o senhor não se podia lavar — interrompeu gravemente a pequerrucha, olhando para o rosto sombrio do homem.

— Não, nem beber também. Mr. Bender foi o primeiro a ir para o céu e, depois, o índio Pete e, depois, Mrs. McGregor e, depois, Johnny Hones e, depois, querida, a sua mãezinha.

— Então a mamã também morreu! — exclamou a menina, escondendo o rosto no avental e começando a soluçar.

— Sim, todos se foram, menos eu e você. Depois pensei que pudesse encontrar água nesta direção e vim-me arrastando com você no ombro. Mas não parece que a nossa situação tenha melhorado. Agora não nos resta mais nada!

— Será que também vamos morrer? — perguntou a criança, dominando os soluços e erguendo o rostinho molhado de lágrimas.

— Parece que sim.

— Então, vamos para junto da mamã?

— É verdade, você vai, minha querida.

— E o senhor também. Foi muito bom para mim. Falta muito para irmos?

— Não sei... não muito.

Os olhos do homem estavam fixos no horizonte do norte. No céu tinham aparecido três vultos que aumentavam a cada momento, tão rapidamente se aproximavam. Eram os abutres do Oeste, cujo aparecimento é prenúncio da morte.

— Não quer começar a rezar? — sugeriu o homem, titubeando.

— Mas ainda não é de noite!

— Não importa. Nosso Senhor não repara nisso. Repita as rezas que dizia todas as noites na carreta, quando estávamos nas planícies.

— Por que não reza comigo? — perguntou a criança, arregalando os olhos.

— Já não me lembro — respondeu ele. — Eu não rezo desde o tempo em que era da altura desta arma. Vá rezando que eu repito tudo.

— Então se ajoelhe como eu — replicou a menina, estendendo o xale no chão. — Ponha as mãos assim...

Lado a lado, no xale estreito, ajoelharam-se juntos, a menina e o aventureiro. Terminada a oração, voltaram a sentar-se à sombra da rocha e, pouco depois, a criança adormecia, aninhada no largo peito do seu protetor. O homem ficou a velar-lhe o sono por algum tempo, mas a natureza foi mais forte do que ele. Havia três dias e três noites que não tivera um único momento de repouso. Lentamente as pálpebras desceram-lhe sobre os olhos cansados e a cabeça foi tombando para o peito, até que a sua barba grisalha se juntou às tranças de ouro da pequenina e ambos caíram no mesmo sono profundo e sem sonhos.

Lá longe, no extremo limite da planície arenosa, uma nuvem de poeira, difusa, apenas visível entre as brumas da distância, foi alargando, subindo. À medida que o turbilhão de pó se avizinhava da escarpa solitária, toldos de carroções e figuras de cavaleiros armados começaram a desenhar-se na poeira. Era uma grande caravana em marcha para o Oeste. Quando a vanguarda atingiu o sopé das montanhas, a retaguarda ainda não era visível no horizonte. Através de toda a imensa planura estendia-se o sinuoso cortejo

de carros, de homens a cavalo e homens a pé. Mulheres sem conta cambaleavam sob fardos, crianças marchavam ao lado das carretas ou espreitavam por entre os toldos brancos. Evidentemente não se tratava de um grupo comum de emigrantes, mas antes de um povo nômade que se via obrigado a procurar outras terras. Lá se ouvia no ar límpido um confuso clamor de vozes e de rodas produzido por aquela grande massa humana. Cavalos relinchavam, os carros guinchavam.

À testa da coluna cavalgavam cerca de vinte homens de rostos graves, vestidos de panos sombrios, e armados de carabinas. Ao chegarem ao sopé do monte escarpado fizeram alto e entretiveram um breve conselho.

— Os poços ficam para a direita, meus irmãos — disse um deles, de cabelos grisalhos, barba rapada e lábios duros.

— À direita da Sierra Blanca... depois alcançaremos o Rio Grande — disse um outro.

— Não receiem a falta de água! — exclamou um terceiro. — Aquele que a fez brotar da rocha não abandonará agora o seu povo escolhido.

— Amém! Amém! — respondeu o grupo em coro. Recomeçavam a sua jornada quando um dos mais jovens, que tinha melhor vista, apontou para o penhasco acima deles. Contra a rocha cinzenta, qualquer coisa rosada se recortava com viva nitidez. Vendo-a todos puxaram a rédea dos cavalos e desprenderam as armas, ao passo que outros cavaleiros avançaram a galope para reforçar a vanguarda. A palavra “peles-vermelhas” andava em todos os lábios.

— Não pode haver índios aqui — disse o homem idoso que parecia ser o comandante. — Já atravessamos a região dos Pawnees e não encontraremos outras tribos antes de passarmos às grandes montanhas.

— Posso fazer um reconhecimento, irmão Stangerson? — perguntou um do grupo.

— Eu também, eu também! — gritaram muitas vozes.

— Deixem os cavalos cá embaixo. Ficamos à vossa espera — respondeu o ancião.

Um momento depois os jovens tinham desmontado e subiam o monte íngreme. Avançavam rápidos e silenciosos, com a destreza de exploradores experimentados. Os outros, da planura subjacente, viram-nos saltar de rocha em rocha até que as suas figuras se destacaram contra o céu uniforme. O jovem que primeiro dera o alarme ia à frente. De repente, os que o

acompanhavam viram-no erguer as mãos para o céu, como tomado de espanto, e ao chegarem mostraram a mesma emoção ante o espetáculo que tinham sob os olhos.

A criança dormia, mas o homem levantou-se cambaleando e alongou a vista para a planície que se lhe mostrara tão desolada, antes que o vencesse o sono e que era agora atravessada por aquela enorme massa de homens e animais. O seu rosto assumiu uma expressão de incredulidade e passou a mão ossuda pelos olhos.

— Devo estar delirando — balbuciou.

A criança acordou, agarrada à aba da túnica, e olhando em volta com os olhos atônitos.

Um dos homens da expedição pegou a menina e a colocou nos ombros, enquanto dois outros amparavam o seu exausto companheiro, ajudando-o a descer até às carroças.

— Chamo-me John Ferrier — explicou este. — Eu e a garotinha somos os únicos sobreviventes de uma comitiva de vinte e uma pessoas. Os outros morreram de sede no deserto.

— Ela é sua filha? — perguntou alguém.

— De agora em diante é como se fosse — respondeu o homem em tom de desafio. — É minha porque fui eu que a salvei. A partir de hoje, será Lucy Ferrier. Mas quem são os senhores? — inquiriu, olhando com curiosidade para os bronzeados salvadores. — Parece que não têm conta.

— Quase dez mil — respondeu um dos jovens. — Somos os filhos perseguidos de Deus... os escolhidos do Anjo Merona.

— Nunca ouvi falar nele — disse Ferrier, sorrindo. — Parece-me que Ele escolheu muita gente.

— Não zombe do que é sagrado — replicou o outro gravemente. — Somos aqueles que acreditam nas sagradas escrituras gravadas em letras egípcias em lâminas de ouro batido, e que foram entregues ao santo Joseph Smith em Palmira. Vimos de Nauvoo, no Estado de Illinois, onde tínhamos erguido o nosso templo. Estamos à procura de um refúgio contra os homens violentos e ímpios, ainda que seja no coração do deserto.

O nome de Nauvoo despertou algumas recordações em John Ferrier.

— Compreendo — disse ele. — São mórmones.

— Somos os Mórmones — confirmaram.

— E para onde vão?

— Não sabemos. A mão de Deus guia-nos na pessoa do nosso profeta. Agora o levaremos à sua presença. Ele dirá o que se deve fazer de você.

Já haviam atingido o sopé do monte e estavam cercados por uma multidão de peregrinos... mulheres de rosto polido e aspecto submisso, crianças robustas e sorridentes, homens ansiosos e de olhar sério. Porém a escolta não se deteve e continuou a avançar, acompanhada por uma grande multidão de mórmones, até chegar a uma carreta que se distinguia das outras pelas suas dimensões e pelo seu aspecto suntuoso. Seis cavalos estavam atrelados a ela, ao passo que as outras tinham apenas uma parelha ou duas. Ao lado do cocheiro sentava-se um homem que não poderia ter mais de trinta anos, mas cuja expressão resoluta revelava nele um chefe. Estava lendo um livro, mas largou-o quando a multidão se aproximou, e ouviu atentamente a narração. Depois, voltou-se para os dois recém-chegados.

— Se levarmos vocês conosco — proferiu em tom solene —, só poderá ser como crentes na nossa fé. Não queremos lobos no nosso rebanho. Melhor será que os vossos ossos fiquem a alvejar neste deserto do que serdes o minúsculo ponto de impureza que, mais tarde, virá corromper a fruta. Quereis vir conosco sob estas condições?

— Por mim, vou sob quaisquer condições — respondeu Ferry com tal veemência que os solenes anciãos não puderam reprimir um sorriso. Somente o chefe manteve a sua expressão grave e impressionante.

— Leve-o, irmão Stangerson. Dê-lhe de beber e de comer, e à criança também. Você deverá instruí-los na nossa santa religião. Já nos demoramos demasiado. Avante! Avante para o Sião!

— Avante para o Sião! — repetiu a multidão e as palavras foram ecoando ao longo da caravana, passando de boca em boca, até se perder num confuso murmúrio na distância. Sob o estalo dos chicotes e o rangido das rodas, os grandes carroções puseram-se em movimento e pouco depois toda a caravana recomeçou a serpear pelo deserto. O Ancião levou os recém-chegados para a sua carroça, onde uma farta refeição já os esperava.

— Ficarão aqui — decidiu. — Em poucos dias, recuperarão as forças. No entanto, lembrem-se de que pertencem para sempre à nossa religião. Brigham Young assim o disse e ele falou pela voz de Joseph Smith, que é a voz de Deus.

## II – A FLOR DO UTAH

---

Não cabe aqui evocarmos as fadigas e privações sofridas pelos emigrantes mórmones antes de chegarem ao seu paraíso final. Das margens do Mississipi aos flancos ocidentais das Montanhas Rochosas, lutaram com a fome, sede, cansaço e doenças. Todos caíram de joelhos numa prece, quando avistaram o vasto vale do Utah inundado de sol e ouviram o seu chefe declarar que aquela era a Terra Prometida que seria dos Mórmones, para todo o sempre.

Cedo Brigham Young se revelou tão hábil administrador como chefe resoluto. Foram traçados planos para a construção da futura cidade. As terras foram divididas e doadas a cada um, segundo a sua importância. No campo acomodava-se e plantava-se a terra. E já no verão seguinte, toda a região se cobria do ouro das ceifas. Tudo prosperava na estranha colônia, e o grande templo que tinham erguido no centro da cidade tornava-se mais alto e mais amplo.

John Ferrier e a menina, que fora adotada como filha, acompanharam os mórmones até o fim da sua peregrinação. A pequena Lucy Ferrier deu-se muito bem na carroça de Stangerson, com um dos anciãos, em companhia das suas três mulheres e do seu filho de doze anos. Tendo-se refeito, com a elasticidade da infância, do golpe causado pela morte da mãe, logo se tornou a predileta das mulheres e habituou-se à sua nova vida dentro daquela casa ambulante coberta de lona. Entretanto, Ferrier recuperava as forças e distinguia-se como um guia útil e caçador infatigável. Tão rapidamente conquistou a estima dos seus novos companheiros, que ao chegarem ao fim da sua jornada errante, foi determinado unanimemente que ele receberia um pedaço de terra tão grande e fértil como o de todos os outros pioneiros, com exceção do próprio Young e dos quatro Anciãos, que eram Stangerson, Kemball, Johnston e Drebber.

Na terra assim adquirida, John Ferrier construiu uma sólida casa de troncos de árvores, a qual foi sendo ampliada nos anos sucessivos até se transformar numa espaçosa vivenda. Ferrier tinha senso prático, habilidade manual e sabia tratar dos negócios, de maneira que a fazenda e tudo quanto lhe pertencia prosperou grandemente. Em três anos, era o mais bem instalado dos seus vizinhos; em nove já era rico e, em doze, não havia em toda a Salt Lake City meia dúzia de colonos que pudessem rivalizar com John Ferrier.



Havia um ponto, e somente um, no qual ele ofendia as suscetibilidades dos seus correligionários. Nenhum argumento o convencera a estabelecer um harém à maneira dos seus companheiros. Nunca explicara os motivos da sua obstinada recusa, contentando-se em manter inflexivelmente a sua resolução. Ferrier manteve-se celibatário, mas, de resto, seguia a religião da jovem comunidade e gozava a reputação de um homem reto e ortodoxo.

Lucy Ferrier cresceu na casa de troncos e, quando maiorzinha, começou a ajudar o pai adotivo no seu trabalho. Assim, o botão se transformou em flor e no ano em que seu pai se tornou o mais rico dos fazendeiros já era uma jovem americana muito bela.

Contudo, não foi o pai o primeiro a descobrir que a menina se tornara mulher. Raramente o é.

Numa cálida manhã de junho, os “Santos dos Últimos Dias” afanavam-se como abelhas, cuja colméia, aliás, tinham escolhido por emblema. Nos campos e nas ruas ouvia-se o mesmo burburinho do trabalho humano. Pelas estradas poeirentas desciam longas tropas de mulas sobrecarregadas, todas rumo ao Oeste, visto que a febre do ouro se alastrara na Califórnia e o caminho terrestre passava pela cidade dos eleitos. Havia também rebanhos de ovelhas, manadas de bois que vinham das pastagens distantes e comitivas de emigrantes cansados, de homens e cavalos igualmente exaustos pela longa jornada. Através de toda esta confusão, abrindo caminho com a habilidade de um consumado cavaleiro, galopava Lucy Ferrier, com o belo rosto afogueado pelo exercício e os compridos cabelos castanhos flutuando ao vento. Levava um recado do pai para a cidade. Os aventureiros empoeirados fitavam-na atônitos, e até os índios impassíveis, envoltos nas suas peles, despertavam da costumeira apatia, observando a beleza da jovem cara-pálida.

Lucy chegava à entrada da cidade quando encontrou a estrada impedida por uma grande manada de gado, guiada por meia dúzia de vaqueiros de aspecto rude, vindos das planícies. Na sua impaciência por transpor aquele obstáculo, a moça tentou levar o cavalo por onde lhe parecia haver uma passagem. Mas, apenas o animal dera alguns passos, o gado fechou o estreito trilho e Lucy achou-se em pleno centro daquela torrente de bois de longos chifres e olhos em brasa. Habituada a lidar com o gado, não se alarmou com a situação, mas os chifres de uma rês atingiram a ilharga do cavalo, assustando-o. O animal empinou-se com um relincho de dor. A situação era perigosíssima. Cada pinote do animal excitado lançava-o novamente contra os chifres e exasperava-o ainda mais. A moça fazia tudo para manter-

se firme na sela, mas já sentia a cabeça rodando e começava a afrouxar a rédea. No mesmo instante, uma mão bronzeada e musculosa segurou o cavalo pelo freio e, abrindo caminho entre a manada, libertou Lucy.

— Espero que não esteja ferida — disse o salvador respeitosamente.

Ela fitou o rosto bronzeado e enérgico e riu.

— Levei um grande susto — confessou ingenuamente. — Quem diria que “Poncho” se assustaria com meia dúzia de vacas.

— A sua sorte foi manter-se firme na sela — considerou o rapaz. Era um jovem alto, de aspecto rude, montado num vigoroso cavalo, vestido de couro como um caçador, e trazia uma comprida carabina a tiracolo. — Creio que é a filha de John Ferrier — observou. — Vi você saindo da casa dele a galope. Dê-lhe lembranças da parte de Jefferson Hope, de St. Louis. Se ele é o Ferrier que eu penso, foi muito amigo do meu pai.

— Por que não vem perguntar-lhe pessoalmente?

O jovem pareceu alegrar-se com aquele convite, pois os seus olhos negros brilharam de satisfação.

— Irei com certeza — afirmou. — Mas passamos dois meses nas montanhas e não estamos em condições de fazer uma visita. Ele tem de aceitar-nos como somos.

— O meu pai tem muito que agradecer ao senhor, e eu também — respondeu ela. — Se essa manada me esmagasse, ele nunca mais seria o mesmo homem.

— Nem eu! — Acrescentou o seu companheiro.

— O senhor? Não vejo motivo para isso... Venha visitar-nos. Bem, tenho de ir andando. Até a vista.

— Até a vista — respondeu ele, tirando o largo chapéu e curvando-se sobre a mãozinha dela.

Lucy fez o seu cavalo virar e galopou pela vasta planície no meio de uma nuvem de pó.

O jovem Jefferson Hope continuou a conduzir o gado com os seus companheiros. Ia taciturno. Ele e os demais tinham estado nas montanhas do Nevada em busca de prata e voltavam agora para Salt Lake City esperando conseguir capital suficiente para explorarem alguns veios que haviam descoberto. Tal como os outros, só falava nesse assunto, mas aquele súbito acidente parecia ter desviado o rumo dos seus pensamentos. Quando Lucy se afastou Hope sentiu-se apaixonado.

Nessa mesma tarde foi visitar John Ferrier; e voltou lá muitas vezes, até

que a sua figura se tornou familiar na fazenda. Ferrier, isolado no vale e absorvido no seu trabalho, tivera poucas ocasiões de saber o que acontecia pelo mundo exceto durante aqueles últimos doze anos. E de tudo isso Jefferson Hope podia informá-lo, fazendo-o de tal modo que interessava tanto o pai quanto a filha. Fora um dos pioneiros da Califórnia e tinha muitas histórias estranhas para narrar sobre fortunas acumuladas e perdidas naquela terra onde pululavam aventureiros. Também fora explorador, caçador, mineiro e vaqueiro. Em pouco tempo se tornou o parceiro preferido do velho fazendeiro, que lhe gabava as virtudes. Em tais ocasiões, Lucy ficava silenciosa, mas o rubor das faces e o brilho dos seus olhos demonstravam claramente que se apaixonara por Jefferson.

Numa tarde de verão este anunciou:

— Estou de partida, Lucy. Agora não lhe pedirei que venha comigo, mas para a próxima vez estará disposta a vir?

— Quando será? — perguntou ela ruborizada, rindo.

— Daqui a dois meses. Voltarei para buscá-la, minha querida. Não há ninguém que possa separar-nos.

— E que dirá meu pai?

— Ele já deu o seu consentimento, sob a condição de que as minas produzam alguma coisa. Não tenho o menor receio a esse respeito.

— Então, está tudo bem. Se você e meu pai já trataram de tudo, não há mais nada a dizer — sussurrou —, apoiando a face contra o largo peito do apaixonado.

— Graças a Deus! — exclamou ele com voz um tanto embargada e baixando a cabeça para beijá-la. — Tudo está resolvido. Estão à minha espera lá no canion <sup>(2)</sup>. Adeus, minha querida! Dentro de dois meses nos veremos de novo.

Dizendo isto, pulou para a sela, afastando-se em vertiginoso galope, sem olhar para trás, como se temesse que a sua resolução fraquejasse. Lucy ficou no sótão, acompanhando Jefferson com o olhar até vê-lo desaparecer no horizonte.

Sentia-se a moça mais feliz do Utah.

---

<sup>(2)</sup> *Acidente orográfico, em forma de longo desfiladeiro que os Espanhóis designaram por canion, ou seja, cânhão. (N. do T.)*

### III – JOHN FERRIER FALA COM O PROFETA

---

**T**inham passado três semanas, desde que Jefferson Hope e os seus companheiros haviam partido de Salt Lake City. John Ferrier sentia um nó no coração quando pensava no regresso do jovem e na iminente perda da sua filha adotiva. Mas a expressão radiante de Lucy reconciliavam-no com a idéia de deixá-la partir. De resto, sempre alimentara o firme propósito de não consentir no casamento de sua filha com um mórmon. Aos seus olhos, um matrimônio dessa ordem não era um sacramento, mas vergonha e desonra. No entanto, tinha de selar os lábios, pois naqueles dias era muito perigoso expressar a opinião de um herege na “Terra dos Santos”.

Seria uma coisa muito perigosa... tão perigosa que até os mais piedosos apenas ousavam sussurrar as suas opiniões religiosas em voz velada, por temor de que as suas palavras fossem mal interpretadas e lhes trouxessem um rápido castigo. As vítimas da perseguição tinham-se agora transformado em perseguidores implacáveis. A Inquisição de Sevilha, o Femegericht alemão, as sociedades secretas da Itália... nenhuma organização jamais conseguira pôr em movimento máquina mais formidável do que aquela que estendia a sua sombra sobre o Estado de Utah.

O caráter invisível e misterioso dessa organização tornava-se duplamente terrível. Não admira que os homens andassem apavorados e que nem no coração do deserto ousassem falar sobre as dúvidas que os oprimiam.

A princípio esse vago e terrível poder era exercido somente sobre os desobedientes que, tendo abraçado o credo dos Mórmones, quisessem mais tarde abandoná-lo. A provisão de mulheres adultas escasseava, e a poligamia sem uma população feminina que a viabilizasse tornava-se inviável. Estranhos rumores começaram a circular... falava-se de emigrantes assassinados e de campos devastados em regiões onde nunca se tinham visto índios. Novas mulheres apareciam nos haréns dos Anciãos... mulheres que definhavam e choravam, e traziam no rosto a marca inapagável do terror. Alguns viajantes referiam-se a bandos de homens armados e mascarados que, furtiva e silenciosamente, passavam por eles nas trevas. Ainda hoje, nos ranchos solitários do Oeste, o nome do “Bando de Danite” ou dos “Anjos Vingadores” é sinistro. Ninguém conhecia a identidade dos componentes dessa impiedosa sociedade. O próprio amigo a quem confiassem quaisquer dúvidas, quanto ao Profeta e à sua missão, poderia

ser um dos que à noite viriam buscar uma reparação com ferro e fogo. Por isso, cada homem temia o próximo, e ninguém falava das coisas que abrigava no coração.

Certa manhã John Ferrier dispunha-se a partir para os seus trigais quando ouviu ranger o portão e, pela janela, viu um homem de meia-idade, ruivo e corpulento, que avançava pela vereda do jardim. Era Brigham Young em pessoa. Receoso, pois sabia que semelhante visita não era boa, Ferrier correu, dando as boas-vindas ao chefe mórmon. Este, porém, recebeu friamente os seus cumprimentos e declarou:

— Irmão Ferrier, os verdadeiros crentes têm sido teus bons amigos. Recolhemos-te, quando morrias de fome no deserto; dividimos contigo o nosso pão, levamos-te são e salvo para o Vale Sagrado, demos-te um bom quinhão de terra e permitimos que enriquecesses sob a nossa proteção. Não é assim?

— Assim é — respondeu John Ferrier.

— Em troca de tudo isso, apenas te pedimos que abraçasses a verdadeira fé e respeitasses todos os seus mandamentos. Isso foi o que prometeste fazer, mas parece que não o tens cumprido, se é verdade o que consta.

— E de que modo não o cumpri? — perguntou John Ferrier. — Não tenho contribuído para o fundo comum? Não tenho frequentando o Templo? Não tenho...

— Onde estão as tuas mulheres? — perguntou Brigham Young olhando em torno. — Chama-as para que eu as saúde.

— É verdade que não me casei — respondeu Ferrier. — As mulheres eram poucas e havia muitos que tinham maiores direitos do que eu. Além disso, não estava só: tinha a minha filha que cuidava de mim.

— Pois é a respeito dela que desejo falar-te. Tornou-se a flor do Utah e tem agradado aos olhos de muitos que estão entre os primeiros da nossa terra.

John Ferrier alarmou-se.

— Consta que está noiva de um infiel. Lembra-te do décimo terceiro mandamento do Santo Joseph Smith: “Toda a donzela pertencente à verdadeira fé despose um dos eleitos para que não cometa o pecado mortal de unir-se a um pagão”. Portanto, como professoras a verdadeira religião, não podes permitir que ela cometa um sacrilégio.

John Ferrier não respondeu, agitando distraidamente o chicote.

— Neste único ponto toda a tua fé será posta à prova... assim foi decidido pelo Sagrado Conselho dos Quatro. Tua filha é moça e não queremos que case de cabelos grisalhos, nem desejamos privá-la de fazer uma escolha. Nós, os Anciãos, temos muitas vitelas <sup>(3)</sup>, mas os nossos filhos também precisam ter as suas. Stangerson tem um rapaz e Drebbler, outro. Qualquer deles receberia de bom grado a tua filha em sua casa. São jovens, ricos e pertencem à verdadeira fé. Que respondes?

Ferrier permaneceu em silêncio, com a fronte enrugada.

— Conceda-nos mais algum tempo — propôs, por fim. — Minha filha é muito moça... mal chegou à idade de casar.

— Terá um mês para escolher — impôs Young, levantando-se. — Findo esse prazo, deverá dar-nos a sua resposta.

No momento de transpor o limiar da porta, o profeta voltou-se. Tinha o rosto vermelho e os olhos cintilantes.

— Seria melhor para ti, John Ferrier — acrescentou —, que tu e tua filha fossem agora dois esqueletos perdidos na Sierra Blanca do que se oporem às ordens do Sagrado Conselho dos Quatro!

Com um gesto ameaçador saiu e Ferrier ouviu a areia do jardim ranger sob os seus pesados passos.

Ainda estava sentado, quando a filha se aproximou, declarando:

— Ouvi tudo! Oh meu pai, que podemos fazer?

— Não tenhas medo, pois vamos encontrar uma saída. Não mudou de idéia a respeito de Jefferson Hope?

Um soluço foi a única resposta.

— É um belo rapaz e um bom cristão, coisa que não direi quanto a esta gente daqui, apesar de todas as suas rezas e sermões. Amanhã parte uma expedição para o Nevada e arranjaré uma maneira de mandar-lhe uma mensagem com todos os pormenores da nossa situação. Ele chegará mais depressa que o telégrafo.

Lucy riu-se por entre as lágrimas.

— Quando ele vier, nos aconselhará sobre o que podemos fazer. Mas tenho medo, pelo meu querido pai. Ouvem-se histórias medonhas a respeito daqueles que ousam opor-se ao Profeta.

---

<sup>(3)</sup> *Heber C. Kemball, num dos seus sermões, aludia às suas cem mulheres com esse afetuoso epíteto. (N. do A.)*

— Mas nós ainda não nos opusemos a ele — redargüiu Ferrier. — É inútil nos abrigarmos antes da chuva. Temos ainda um mês pela frente, mas, antes de findar esse prazo, teremos de fugir daqui.

— Deixar o Utah!

— Não vejo outra solução.

— E a fazenda?

— Reuniremos todo o dinheiro que pudermos e abandonaremos o resto. Para dizer a verdade, Lucy, não é a primeira vez que penso nisso. Não gosto de andar rastejando diante de um homem. Sou um cidadão livre. Se esse profeta dos diabos começar a meter-se nesta fazenda, é bem provável que encontre uma carga de chumbo pela frente.

— Mas não nos deixará ir embora — observou Lucy.

— Espera até que Jefferson chegue e então trataremos disso. Por enquanto, não te aflijas, minha querida. Não há que ter medo e ainda não existe perigo algum.

John Ferrier pronunciou essas consoladoras palavras num tom confiante, mas Lucy notou que, nessa noite, ele dispensou maior atenção às trancas das portas e limpou cuidadosamente a velha carabina pendente da parede do quarto.

## IV – UMA FUGA DESESPERADA

---

**N**a manhã seguinte, John Ferrier foi a Salt Lake City, encontrou-se com um seu conhecido que partia para as Montanhas Nevadas, e confiou-lhe uma mensagem para Jefferson Hope. Nessa mensagem expunha ao jovem o iminente perigo que os ameaçava e a urgência do seu regresso. Depois, voltou para casa com o ânimo mais sereno.

Ao aproximar-se da fazenda viu com surpresa um cavalo amarrado a cada argola da portaria. Ainda mais surpreso ficou quando, ao entrar em casa, encontrou dois jovens na sala de visitas. Um deles de rosto pálido e comprido, estava recostado na sua cadeira de balanço, com os pés apoiados sobre a lareira. O outro, de pescoço taurino, feições congestionadas e grosseiras, achava-se de pé junto à janela e assobiava uma canção popular. Ambos saudaram Ferrier com um aceno de cabeça, e o que estava sentado iniciou a conversa.

— Talvez o senhor não nos conheça. Este é o filho do Ancião Drebber e eu sou Joseph Stangerson. Viajamos juntos, no deserto, quando o Senhor estendeu a sua mão e o acolheu no verdadeiro rebanho.

— Como fará com todas as nações quando soar a Sua hora — interveio o outro numa voz nasal. — Ele mói devagar mas a Sua farinha é finíssima.

Ferrier inclinou a cabeça com frieza. Já tinha uma idéia de quem eram os seus visitantes.

— Viemos aqui — prosseguiu Stangerson — a conselho dos nossos pais a fim de pedir-lhe a mão de sua filha para aquele de nós que pareça preferível a ela ou ao senhor. Como eu tenho apenas quatro esposas e o irmão Drebber tem sete, creio ter mais direito.

— Nada disso, irmão Stangerson! — replicou o outro. — O importante não é o número de mulheres que tenhamos, mas quantas podemos sustentar. Meu pai acaba de dar-me os seus moinhos e eu sou mais rico do que você.

— Mas as minhas perspectivas são melhores — objetou Stangerson. — Quando o Senhor levar meu pai, herdarei o seu empório de couros. Além disso, sou o mais velho e tenho um cargo mais alto na Igreja.

— Deixaremos a escolha para a jovem — concluiu Drebber, sorrindo afetadamente diante do espelho.

Durante este diálogo, John Ferrier ficara a ouvi-los no limiar da porta, contendo a custo a vontade de chicoteá-los.

— Ouçam bem — disse por fim, avançando para eles. — Quando minha filha os mandar chamar, podem vir, mas, antes disso, não quero ver suas caras.

Os dois mórmones fitaram-no atônitos.

— Há duas maneiras de sair desta sala — acrescentou Ferrier. — Pela porta ou pela janela. Qual preferem?

Tão feroz era a sua expressão, que os visitantes bateram em rápida retirada. O velho fazendeiro seguiu-os até a porta.

— Avisem-me quando tiverem resolvidos qual dos dois será o noivo — terminou ironicamente.

— Pagarás caro — gritou Stangerson, pálido de raiva.

— Desafias o Profeta e o Conselho dos Quatro. Vai se arrepender até o fim dos seus dias.

— A mão do Senhor cairá sobre você — gritou Drebber.

— Ela se erguerá e o destruirá.

— Pois eu começo a destruição! — exclamou Ferrier furioso. E teria corrido para buscar a carabina, se Lucy não o impedisse.



Antes que o velho pudesse desvencilhar-se dela, o tropel dos cavalos indicou que ambos já estavam fora do seu alcance.

— Hipócritas! — exclamou, enxugando o suor da testa. — Prefiro ver minha filha morta do que casada com um deles.

— E eu também, meu pai — respondeu Lucy com firmeza. — Mas Jefferson voltará.

— Sim, não tardará muito a chegar. Quanto mais cedo, melhor, pois não sabemos o que farão agora.

Ferrier sabia que a sua riqueza e posição de nada lhe valeriam. Outros, tão conhecidos e ricos como ele, já tinham sida suprimidos, e os seus bens entregues à Igreja Mórmon.

Esperava receber uma mensagem ou admoestação da parte de Young, quanto à sua conduta; e realmente recebeu-a mas de modo imprevisto. Ao levantar-se na manhã seguinte, encontrou um pequeno retângulo de papel preso por um alfinete na coberta da sua cama, à altura do peito. Em letras de imprensa rústicas, podia ler-se:

“Restam vinte e nove dias para que te emendes, antes de...”

As reticências eram uma ameaça explícita. De que maneira aquela advertência chegou ao seu quarto, eis o que deixava Ferrier grandemente perplexo, pois os seus criados dormiam numa construção exterior e todas as portas e janelas tinha sido trancadas. O velho amassou o papel e jogou-o fora, nada dizendo à filha, mas o incidente preocupou-o. A mão que colocou aquele alfinete ali, poderia assassiná-lo.

Ainda mais abalado ficou na manhã seguinte. Mal tinham sentado à mesa, Lucy apontou para o teto onde tinham gravado, talvez com a ponta de um tição, o número 28. No dia seguinte, um grande 27 apareceu pintado no lado exterior da porta.

Todas as manhãs ele verificava que os seus inimigos invisíveis mantinham o registro, assinalando quantos dias de graça lhe restavam. Às vezes os números fatais apareciam nas paredes, outras no soalho, ocasionalmente em pequenos cartazes enfiados no portão do jardim ou nas grades da cerca. Apesar de toda a sua vigilância, John Ferrier não conseguia surpreender o autor das advertências diárias. Um terror quase supersticioso o invadia à vista de cada uma delas. Tornou-se pálido, inquieto, e os seus olhos tinham a expressão desorientada do animal perseguido. Restava-lhe apenas a esperança da chegada do jovem caçador do Nevada.

Quando um cavaleiro galopava pela estrada, ou um carreteiro gritava às suas parelhas, o velho fazendeiro corria até o portão, pensando que chegava finalmente o auxílio esperado. Por fim, quando só faltavam três dias, perdeu o ânimo.

Sozinho, mal conhecendo as montanhas que cercavam a colônia, pouco podia fazer. As mais freqüentadas eram severamente vigiadas e guardadas, e ninguém conseguia passar sem uma ordem do Conselho.

Na manhã seguinte o número 2 aparecera na parede da casa. Deixando cair a cabeça sobre a mesa, sentiu-se desesperado por sua impotência.

Mas que era aquilo? No silêncio da noite, ouviu então um leve rumor, como se alguém arranhasse a porta. Ferrier esgueirou-se pelo corredor e apurou o ouvido. Alguém estava evidentemente a bater muito de mansinho no batente da porta. Seria um assassino para executar as ordens do tribunal secreto? John Ferrier sentiu que a morte instantânea seria melhor do que semelhante ansiedade. De um salto, tirou a tranca e abriu a porta.

Lá fora tudo estava quieto e silencioso. Com um suspiro de alívio, Ferrier olhou para a direita e para a esquerda, sem nada avistar, até que viu a seus pés um homem estendido no chão, com braços e pernas abertos.

O seu primeiro pensamento foi de que a figura prostrada era de um homem ferido ou moribundo, mas logo notou que se arrastava no chão e entrava na casa com a rapidez e o silêncio de uma serpente. Sob o seu teto, o homem pôs-se de pé e fechou a porta. Era Jefferson Hope.

— Deus do Céu! — exclamou John Ferrier. — Por que motivo entrou dessa maneira?

— Dê-me de comer — pediu Jefferson, em voz rouca.

— Faz quarenta e oito horas que não como.

Dizendo isto, atirou-se ao pão e à carne fria que, desde o jantar ainda estavam sobre a mesa, e devorou-os vorazmente.

— Lucy tem-se mostrado corajosa? — perguntou ele, depois de saciar a fome.

— Tem, sim — respondeu Ferrier.

— Melhor. A casa está vigiada por todos os lados. Foi por isso que vim rastejando. Eles podem ser muito espertos, mas não o bastante para apanharem um caçador washoe.

John Ferrier sentia-se outro homem ao ver que contava agora com um aliado. Tomando a mão do jovem apertou cordialmente.

— Que devemos fazer?

— Amanhã é o último dia e, se não agirmos esta noite, estaremos perdidos. Tenho uma mula e dois cavalos à nossa espera no Barranco da Águia. De quanto dinheiro dispõe?

— Dois mil dólares em ouro e cinco mil em papel.

— Isso é suficiente. Eu tenho outro tanto comigo. Podemos alcançar Carson City através das montanhas. É melhor acordar Lucy. É uma sorte os criados não dormirem dentro de casa.

Enquanto Ferrier foi chamar a filha, Jefferson Hope fez um volume com toda a comida que pôde encontrar e encheu um garrafão de água, pois sabia que os mananciais da montanha eram poucos e distantes. Mal tinha feito estas provisões, já o fazendeiro estava de volta com a sua filha, vestida e pronta para partir. Os enamorados trocaram cumprimentos calorosos mas breves, porque os minutos eram preciosos e havia muito o que andar.

Jefferson Hope falou em voz baixa:

— As portas da frente e de trás estão vigiadas, mas podemos sair pela janela do lado e atravessar o campo. Chegando à estrada, estaremos apenas a três quilômetros do barranco onde se encontram os cavalos. Ao romper do dia já nos acharemos em plena montanha.

— E se formos detidos? — perguntou Ferrier.

Hope bateu no cabo do revólver.

— Se forem muitos para nós, levaremos dois ou três conosco — declarou com um sorriso sombrio.

As luzes no interior da casa tinham sido apagadas e Ferrier, pela janela escura, espreitou para os campos que tinham sido seus e que ia agora abandonar para sempre. Todavia, já estava preparado para aquele sacrifício.

Ferrier levava a bolsa com o dinheiro em ouro e papel; Jefferson, as escassas provisões e a água, e Lucy, uma trouxa na qual reunira os seus objetos mais valiosos. Abrindo a janela e com o maior cuidado, esperaram até que uma nuvem cobrisse mais o céu e depois, um por um, desceram à horta. Curvados, com a respiração suspensa, atravessaram-na abrigados pelos arbustos, até alcançarem uma abertura que dava para os campos de trigo. Estavam neste ponto quando o jovem, segurando os seus dois companheiros, os puxou para a sombra, onde permaneceram calados.

Por sorte, a vida nas pradarias tinha dado a Jefferson um ouvido apurado. Ouviu-se a poucas jardas o pio melancólico de um mocho da montanha,

que foi imediatamente seguido de outro, não muito distante. No mesmo instante, um vulto escuro e indefinido emergiu da abertura para a qual momentos antes, eles se dirigiam e emitiu novamente aquele grito. A este sinal, um segundo homem surgiu da escuridão.

— Amanhã, à meia-noite — avisou o primeiro, num tom de quem está habituado a mandar. — Quando o mocho piar três vezes.

— Está bem — respondeu o outro. — Aviso o irmão Drebber?

— Passe-lhe a senha, assim como aos outros. Nove por sete!

— Sete por cinco! — respondeu o primeiro, e as duas sombras desapareceram em direções opostas.

As últimas palavras eram uma espécie de senha e contra-senha. Assim que os seus passos se perderam na distância, Jefferson Hope pôs-se em pé, auxiliou os companheiros a passar pela abertura da cerca de arbustos e, correndo, guiou-os através dos campos, auxiliando e quase carregando a jovem quando as forças pareciam lhe abandonar.

— Depressa, depressa! — repetia. — Estamos passando a linha das sentinelas. Tudo depende da rapidez.

Chegando à estrada, puderam prosseguir mais rapidamente. Só uma vez avistaram vultos, mas conseguiram se esconder no trigal, evitando ser reconhecidos. Pouco antes da cidade, o caçador entrou por um desvio que conduzia às montanhas. Por entre dois picos negros, passava o desfiladeiro que levava ao Barranco da Águia, onde tinham ficado os cavalos. Jefferson Hope dirigiu-se pelo leito seco de um rio, até chegar ao desvão onde as montarias os esperavam. A jovem foi içada para a mula, o velho Ferrier montou num cavalo com a sua bolsa de dinheiro e Jefferson Hope pulou para a sela do outro, tomando a dianteira.

Bem cedo tiveram uma prova de que ainda se encontravam dentro da jurisdição dos Santos. Havia alcançado a parte mais inóspita e desolada do desfiladeiro quando Lucy, sufocando um grito de surpresa, apontou para cima. Num rochedo que dominava a passagem e se recortava contra o céu, via-se um sentinela solitário. E como este também os avistara gritou: “Quem vem lá?”

— Viajantes para o Nevada — respondeu Jefferson Hope, com a mão na carabina que lhe pendia da sela.

Os três viram nitidamente que o sentinela apontava a arma, olhando-os como se a resposta não o tivesse satisfeito.

— Com licença de quem? — perguntou ele.

— Dos Quatro Santos — replicou Ferrier.

— Nove por sete! — gritou o sentinela.

— Sete por cinco! — respondeu Jefferson prontamente, lembrando-se da contra-senha que ouvira no jardim.

— Passem, e que o Senhor seja convosco. Para além do pasto, a vereda alargava-se e os cavalos puderam disparar a trote. Olhando para trás, os fugitivos viram o guarda solitário inclinado sobre a sua carabina, e assim tiveram a certeza de que haviam passado o último posto do Povo Eleito e que a liberdade estava à sua frente.

## V – OS ANJOS VINGADORES

---

**D**urante toda a noite viajaram por veredas irregulares. Quando rompeu a manhã, um panorama selvagem e maravilhoso surgiu ante os seus olhos. Em todas as direções os picos nevados, que lhes limitavam os quatro horizontes, erguiam-se, sucessivamente até se perderem nas brumas da distância. E tão abruptas eram as suas vertentes rochosas, de um e outro lado, que os pinheiros e abetos pareciam suspensos acima das cabeças dos viajantes.

Quando o sol se ergueu, os picos das altas montanhas começaram a iluminar-se gradualmente.

Junto a uma nascente impetuosa que jorrava de um barranco, pararam e deram água aos cavalos, aproveitando a oportunidade para uma breve refeição. Lucy e Ferrier queriam descansar um pouco mais, mas Jefferson Hope não o consentiu.

— Nesta altura, já devem vir no nosso encalço. Tudo depende da nossa rapidez. Depois de sãos e salvos em Carson City, poderemos descansar o resto da vida.

Na metade do segundo dia de fuga, as suas poucas provisões começaram a escassear. Encontrando um local seguro, Jefferson reuniu uma pilha de ramos secos e fez uma fogueira para que se aquecessem, porque estavam agora a quase cinco mil pés acima do nível do mar e o ar era frio e cortante. Depois de amarrar os cavalos e despedir-se de Lucy, pôs a arma no ombro e partiu à caça do que pudesse achar naquelas alturas.

Andou muito através das ravinas sem nada encontrar, embora notasse marcas nas cascas das árvores e outros indícios de que havia numerosos ursos pela vizinhança. Finalmente, após três horas de busca, quando já

pensava em regressar avistou um animal parecido com um carneiro. Um chifrudo, como é chamado nessa região. Deitando-se ao abrigo de uma rocha, Jefferson apontou a carabina e atirou. O animal deu um salto, contorceu-se um instante à beira do precipício e rolou para o vale.

A caça era pesada demais para ser posta ao ombro, por isso o caçador contentou-se em cortar-lhe uma perna e parte do flanco. A noite chegou rapidamente, e estava quase escuro quando finalmente atingiu o desfiladeiro que lhe era familiar. Sobrecarregado com a peça, exausto pela jornada, Jefferson Hope avançava cambaleante.

Chegou enfim à boca do desfiladeiro onde os tinha deixado. Apesar da escuridão, reconhecia perfeitamente o local. Com as mãos em concha junto à boca, soltou um grito prolongado, que ecoou no vale anunciando a sua chegada. Deteve-se um instante à espera da resposta. Mas apenas ouviu o seu próprio grito, devolvido pelo eco dos barrancos profundos. Tornou a gritar, mais alto ainda sem que os amigos lhe respondessem.

Quando chegou ao lugar onde tinha acendido a fogueira, não encontrou ninguém: os animais, o velho, a jovem, todos tinham desaparecido. Era evidente que, durante a sua ausência, algo terrível acontecera.

Então pegando num tição da fogueira, soprou-a até que chamejasse e começou a examinar o pequeno acampamento. O chão estava pisado por cascos, mostrando que um grande número de homens montados havia raptado os fugitivos. O rumo das pegadas indicava claramente que eles tinham voltado para Salt Lake City. Pouco mais adiante, a um lado do acampamento havia um monte recente de terra avermelhada. Não era possível imaginar outra coisa senão uma sepultura. Aproximando-se, o jovem caçador encontrou uma forquilha cravada à cabeceira do túmulo e presa nela uma folha de papel.

JOHN FERRIER,  
QUE FOI DE SALT LAKE CITY  
FALECIDO A 04 DE AGOSTO DE 1860

Lucy fora levada a fim de cumprir o seu destino, como uma das mulheres no harém do filho de um Ancião.

Juntamente com a sua paciência e perseverança, Jefferson Hope sabia alimentar um espírito de vingança, aprendido talvez na convivência com os índios. Pálido e triste, regressou ao lugar onde deixou cair a caça e,

avivando o fogo, preparou alimento suficiente para alguns dias. Após esse descanso, pôs o fardo ao ombro e regressou pelo caminho da montanha, no rastro dos Anjos Vingadores.

Durante cinco dias, com os pés feridos, exausto, arrastou-se pelos desfiladeiros que havia atravessado a cavalo. No sexto dia, chegou ao Barranco da Águia. Dali o seu olhar podia alcançar toda a Terra dos Santos.

Fixando a vista, notou que havia bandeiras em algumas das ruas principais e outros sinais de festa. Ouviu um tropel de cascos e viu que um homem montado se dirigia na sua direção. Mais de perto o reconheceu como sendo um mórmon chamado Cowper, a quem tinha prestado mais de um favor.

— Sou Jefferson Hope — saudou. — Lembra-se de mim?

O mórmon olhou-o com espanto. Com efeito, era muito difícil reconhecer naquele vagabundo sujo, de rosto espectral, o caçador dos dias passados. Mas mal o mórmon se deu por satisfeito quanto à identidade de Hope, a sua surpresa transformou-se em consternação.

— É uma loucura vir aqui! — advertiu. — Há uma ordem de captura vinda dos Quatro contra o homem que ajudou os Ferrier a fugir.

— Não os receio, nem à sua ordem — respondeu Hope. — Você deve saber alguma coisa a esse respeito, Cowper. Peço-lhe que me responda a algumas perguntas. Sempre fomos bons amigos. Pelo amor de Deus, não se negue a me responder.

— De que se trata? — perguntou o mórmon, contrafeito. — Seja breve. As próprias rochas têm ouvidos.

— Que aconteceu a Lucy Ferrier?

— Casou-se ontem com Drebbler.

— Casou-se?

— Sim, casou-se ontem... É por isso que a Casa das Esmolas está embandeirada. Houve uma disputa entre Drebbler e Stangerson sobre quem fica com ela. Os dois faziam parte da patrulha que perseguiu os Ferrier, e Stangerson julgava-se com mais direito por ter matado o pai dela. Mas a coisa foi discutida no Conselho e o partido de Drebbler mostrou-se mais forte, de forma que o Profeta entregou-lhe Lucy. Mas ninguém a terá por muito tempo, porque ainda ontem vi a morte no seu rosto. Mais parece um fantasma do que uma mulher. Já vai andando?

— Adeus — despediu-se Jefferson Hope, levantando-se.

— Para onde vai?

— Pouco lhe importa — respondeu o jovem e, enfiando a arma no ombro, meteu-se por uma garganta estreita e rumou para o interior da montanha.

A profecia do mórmon não demorou a acontecer. Lucy morreu e as mulheres, na véspera do enterro, velaram o seu corpo, como é costume entre os mórmones. Estavam reunidos em torno do caixão, às primeiras horas da manhã, quando viram a porta abrir-se violentamente e um homem andrajoso, de aspecto sinistro, entrar na sala. Sem olhar nem falar com ninguém, deixando as mulheres estarecidas, encaminhou-se para o caixão que continha o corpo de Lucy Ferrier e, inclinando-se sobre ela, deu um beijo na face da morta e depois lhe tirou a aliança do dedo.

— Não será enterrada com isto — rugiu. E antes que dessem alarme, desceu as escadas e desapareceu.

Durante alguns meses, Jefferson Hope andou pelas montanhas, levando uma vida estranha e selvagem e nutrindo no peito o intenso desejo de vingança que o dominava. Certa vez, uma bala assobiou pela janela de Stangerson e foi alojar-se na parede, um palmo acima dele. Noutra ocasião, quando Drebbler passava sob um penhasco, uma enorme pedra caiu de grande altura e o teria esmagado, se ele não tivesse saltado para o lado. Os dois mórmones não tardaram a descobrir o motivo desses atentados e organizaram repetidas expedições às montanhas, na esperança de matar o seu inimigo, mas nunca tiveram êxito. Passaram então a tomar cuidado e nunca saíam sozinhos, além de colocarem sentinelas nas suas casas. Algum tempo depois, como o seu adversário não mais fosse visto, abandonaram essas precauções, pensando que com o tempo tivesse se acalmado aquela sede de vingança.

Mas Jefferson compreendeu que estava fazendo o jogo dos seus inimigos. Portanto, embora contra a sua vontade, voltou às velhas minas do Nevada, para recuperar a saúde e juntar o dinheiro suficiente a fim de, sem privações, prosseguir no seu objetivo.

Tinha planejado morar lá apenas um ano, mas uma série de imprevistos impediu-o de deixar as minas durante cinco anos. Contudo, mesmo após tanto tempo, a memória do que sofreu e a sua sede de vingança eram tão vivas como naquela noite inesquecível em que estivera junto à sepultura de John Ferrier. Disfarçado e usando um nome falso, voltou a Salt Lake City, não se importando com o que pudesse lhe acontecer, contanto que



conseguisse executar a sua justiça. Porém, más notícias o esperavam na Terra dos Santos. Poucos meses antes, houve um desentendimento entre o Povo Eleito e alguns dos membros mais jovens da Igreja se rebelaram contra a autoridade dos Anciãos, o que causou o afastamento de um certo número de descontentes que logo deixaram o Utah. Entre estes se encontravam Drebber e Stangerson, mas ninguém sabia do seu paradeiro. Dizia-se que Drebber conseguiu converter em dinheiro uma grande parte das propriedades, ao passo que o seu rival, Stangerson, ficou relativamente sem recursos. Não havia, contudo, o menor indício do rumo que haviam tomado.

Jefferson Hope não hesitou um momento sequer. Com o pouco dinheiro que possuía, aumentados com pequenos trabalhos esporádicos, viajou pelos Estados Unidos, de cidade em cidade, à procura dos seus inimigos. O tempo passou, os seus cabelos negros já haviam se tornado grisalhos, mas ele continuava a vagar, com o pensamento fixo no único objetivo da sua vida: vingar-se. Por fim, a sua perseverança foi recompensada. Viu apenas de relance um rosto numa janela, mas isso lhe bastou para saber que ali, em Cleveland, na Estrada de Ohio, estava um dos homens que ele perseguia. Voltou ao seu refúgio com um plano de vingança perfeitamente estruturado. Porém Drebber, olhando casualmente pela janela, tinha reconhecido o vagabundo que passava na rua. Ele e Stangerson, que se tornara seu secretário particular, correram ao juiz e declararam que as suas vidas estavam ameaçadas pelo ódio de um antigo rival. Nessa mesma noite Jefferson Hope foi preso e, não tendo quem o afiançasse, ficou algumas semanas detido. Quando foi finalmente posto em liberdade, soube que Drebber e o seu secretário tinham partido para a Europa.

Jefferson voltou a trabalhar, acumulando pacientemente o dinheiro necessário para a viagem. Por fim, tendo reunido o estritamente indispensável, partiu para a Europa e começou a perseguir seus inimigos de cidade em cidade. Quando chegou a São Petersburgo já eles tinham partido para Paris e, quando lá chegou, soube que acabavam de ir para Copenhagem. Também chegou à capital dinamarquesa com alguns dias de atraso, pois eles tinham ido para Londres, onde finalmente conseguiu encontrá-los.

Quanto ao que sucedeu nesta última cidade, convém transcrever a própria narrativa de Jefferson Hope tal como foi devidamente registrada no “Diário” de Dr. Watson.

## VI – CONTINUAÇÃO DAS MEMÓRIAS DO DR. JOHN WATSON

---

A furiosa resistência do cocheiro não parecia indicar qualquer animosidade para conosco, tanto que, ao ver-se dominado, sorriu afavelmente e disse esperar que não nos tivesse magoado durante a luta.

— Suponho que queiram levar-me ao posto de polícia — declarou a Sherlock Holmes. — O meu coche está lá embaixo. Se me desamarrarem as pernas, posso descer sozinho. Já não sou tão leve como antes.

Gregson e Lestrade entreolharam-se, mas Holmes aceitou e afrouxou a toalha que o ligava pelos tornozelos. Hope levantou-se e estendeu as pernas. Era um homem de constituição atlética. O rosto queimado pelo sol tinha uma expressão resoluta e enérgica, tão intimidante quanto a sua força física.

— É melhor virem comigo — sugeriu Holmes aos dois investigadores.

— Eu posso guiar o carro — propôs Lestrade.

— Ótimo! Gregson virá comigo. E você, Watson, já que está interessado no caso, pode vir também conosco.

Aceitei gostosamente e descemos juntos. O nosso prisioneiro não fez qualquer tentativa de fuga e entrou calmamente no coche. Lestrade subiu para a boléia, fustigou o cavalo e conduziu-nos ao nosso destino. Fomos levados a um pequeno gabinete, onde um inspetor registrou a identidade do preso e os nomes dos homens de cuja morte era acusado. O inspetor de serviço era um homem de rosto pálido, fleumático, que cumpria a sua obrigação como um autômato.

— O detido comparecerá perante os magistrados no decurso desta semana — determinou. — Entretanto, Mr. Jefferson Hope, tem alguma coisa a declarar? Devo adverti-lo de que as suas palavras serão registradas e poderão ser usadas contra o senhor.

— Tenho muita coisa a dizer — respondeu o preso. — Quero contar a vocês toda a história.

— Não prefere deixar isso para o julgamento? — perguntou o inspetor.

— Talvez eu não seja julgado — respondeu Hope. — Não precisa se alarmar. Não estou pensando em suicídio. O senhor não é médico?

Ao fazer esta pergunta, tinha se voltado para mim.

— Sou médico, sim — respondi-lhe.

— Então ponha a mão aqui — convidou com um sorriso, indicando o peito com as suas mãos algemadas.

Assim fiz e, imediatamente, notei uma alarmante palpitação cardíaca. No silêncio da sala, ouvíamos distintamente um sopro constante que procedia da mesma fonte.

— Diacho! — exclamei. — Você tem um aneurisma da aorta.

— É o que os médicos dizem. Ainda na última semana fui informado de que esta coisa estava para rebentar, dentro de poucos dias. Nestes últimos anos tenho piorado muito. Apanhei-a vivendo como um animal selvagem nas montanhas do Lago Salgado. Mas o meu trabalho está concluído. E não me importo se morrer. Contudo gostaria de deixar um relato do que aconteceu. Não quero ser recordado como um assassino comum.

— O doutor acha que há perigo imediato? — perguntou o inspetor.

— Sem a menor dúvida — respondi.

— Nesse caso, é nosso dever, no interesse da justiça, aceitar o seu depoimento. Autorizo-o, Mr. Hope, a fazer as suas declarações, mas torno a avisá-lo de que as suas palavras serão registradas.

— Com a sua permissão, vou sentar-me — pediu Jefferson Hope. — Este meu aneurisma me deixa cansado e a luta não melhorou o meu estado. Estou à beira da cova, e não tenho nenhum interesse em mentir.

Jefferson Hope recostou-se na cadeira e começou a sua extraordinária narrativa. Falava de maneira calma e metódica, como se os acontecimentos fossem comuns. Posso garantir a exatidão do que transcrevo, porque tive na mão o caderno de notas de Lestrade, no qual as palavras de Hope foram escritas.

— Pouco interessa quanto eu odiava aqueles homens — começou. — Basta saber que eram culpados da morte de dois seres humanos... pai e filha... e que conseqüentemente deviam pagar por esse crime com as suas vidas. Como já havia muito tempo que o tinham cometido, eu não poderia conseguir que algum tribunal os condenasse. Sabia, no entanto, que eram culpados, e resolvi ser o juiz, os jurados e o carrasco ao mesmo tempo. No lugar, como homens de brio, os senhores fariam o mesmo.

Há vinte anos, essa jovem ia casar-se comigo, mas foi obrigada a desposar Drebbler e morreu de desgosto. Tirei-lhe a aliança do dedo quando estava no caixão e jurei que Drebbler morreria olhando para esse mesmo anel, que os seus últimos pensamentos seriam para o crime pelo qual era punido. Trouxe-o sempre comigo e segui Drebbler e o seu cúmplice através de dois continentes até que os apanhei. Se eu morrer amanhã, como é muito provável, morro na convicção de que cumpri o meu dever na Terra. Foram mortos pelas minhas mãos. Já nada mais tenho a esperar nem desejar.

Eram ricos e eu pobre, de modo que não foi fácil segui-los. Quando cheguei a Londres, eu estava com os bolsos vazios, e vi que precisava trabalhar em qualquer coisa para viver. Guiar cavalos ou montá-los foi sempre tão natural para mim como andar a pé, por isso me apresentei ao dono de uma cocheira e logo consegui emprego. A minha obrigação era entregar todas as semanas uma certa quantia ao proprietário, e o que excedesse ficaria para mim. Quase nunca sobrava grande coisa, mas consegui manter-me. O mais difícil era orientar-me nas ruas de Londres. Tinha, contudo, o mapa da cidade, e, depois de conhecer os principais hotéis e estações, saía-me bastante bem.

Levei bastante tempo para descobrir onde moravam aqueles dois patifes. Mas continuei a investigar e encontrei-os. Estavam numa pensão, em Camberwell, no outro lado do rio. Eu tinha deixado crescer a barba e não conseguiriam me reconhecer. Iria segui-los como um cão, farejando por toda à parte, até que surgisse a minha oportunidade.

Aonde quer que fossem pelas ruas de Londres, eu estava sempre no seu encalço. Às vezes, seguia-os com o meu carro, outras a pé.

Acontece que eram muito espertos. Devem ter percebido, pois nunca saíam sozinhos, nem depois de anoitecer. Durante duas semanas andei no seu encalço e nunca se separaram. Drebber andava quase sempre bêbado, mas Stangerson não descansava. Eu continuava a vigiá-los de manhã à noite, sem encontrar uma oportunidade. Mas não desanimei, porque qualquer coisa me dizia que a hora tinha chegado. O meu único receio era a minha doença cardíaca.

Finalmente, uma noite, quando eu subia e descia a Torquay Terrace, a rua onde eles moravam, vi um coche parar à porta da pensão. Dali a pouco trouxeram uma bagagem e logo a seguir apareceram Drebber e Stangerson e entraram nele. Chicoteei o cavalo e não os perdi de vista. Pararam na Euston Station e eu também. Deixei um garoto tomando conta do meu cavalo e os segui até a estação. Ouvi perguntarem pelo trem de Liverpool e o guarda respondeu-lhes que tinha partido naquele instante e só dentro de algumas horas haveria outro. Stangerson parecia aborrecido com esse contratempo, mas Drebber dava a impressão de ter ficado satisfeito. Aproximei-me dissimulado pelo movimento de passageiros e pude ouvir as palavras que trocaram. Drebber disse que tinha um pequeno assunto particular a tratar e pediu ao outro que o esperasse na estação. Stangerson protestou, lembrando-lhe que tinham resolvido andar sempre juntos. Drebber respondeu que se tratava de um assunto delicado, e que precisava ir sozinho.

Não pude ouvir o que Stangerson respondeu, mas Drebber começou a praguejar, lembrando-lhe que ele não era mais do que um empregado, pago para servir e não para dar ordens. O secretário acabou se conformando e combinou que o outro que, se por acaso perdesse o último trem, iria encontrá-lo no Hotel Holliday. Drebber garantiu que estaria de volta antes das onze e retirou-se da estação.

Chegou o momento pelo qual eu tanto esperava. Eu tinha os meus inimigos nas mãos. Juntos, podiam proteger-se, mas separados estavam à minha mercê. Contudo, não agi precipitadamente. Os planos já estavam feitos. Por acaso, dois dias antes, um cavalleiro que usava o meu coche para ir ver algumas casas na Brixton Road tinha esquecido a chave de uma delas. Na mesma tarde reclamou-a e eu lhe devolvi, mas já aproveitei o intervalo para tirar uma cópia. Dessa maneira, eu contava pelo menos com um lugar nesta grande cidade onde não correria o risco de ser interrompido. Como levar Drebber àquela casa era o único problema que tinha de resolver.

Ele desceu a rua a pé e entrou em dois ou três bares, demorando-se cerca de meia hora em cada um. Ao sair do último, tinha, evidentemente, bebido demais porque já não caminhava muito firme. À frente do meu coche ia uma carruagem fechada e Drebber mandou-a parar. Segui-o pela ponte de Waterloo, percorrendo várias ruas, até pararmos diante da pensão de Camberwell. Eu não podia imaginar por que Drebber voltaria ali. Avancei mais um pouco e parei o meu coche a uns cem metros da casa. Drebber entrou, despedindo a carruagem.

Esperei cerca de quinze minutos e, a certa altura, ouvi barulho de luta no interior da casa. Em seguida, a porta se abriu e apareceram dois homens, um dos quais era Drebber, e o outro, um rapaz que eu nunca tinha visto. Trazia Drebber pelo colarinho e, quando chegou ao patamar da escada, deu-lhe um empurrão que o projetou quase no meio da rua. — Canalha! — gritou o rapaz, brandindo a bengala.

— Não voltes a insultar uma moça honesta! — estava tão furioso que teria moído Drebber a bengaladas, se este não tivesse fugido. Correu até a esquina e, vendo o meu coche, chamou-me e entrou. — Leve-me ao Hotel Holliday — indicou.

Quando o tive finalmente dentro do coche, o coração pulou-me no peito com tal alegria, que, por um instante, receei que este aneurisma rebentasse. Andei lentamente pela rua, refletindo sobre qual tática seguiria. Podia conduzi-lo aos arredores da cidade, e aí, num lugar deserto, ter o nosso acerto de contas. Estava quase decidido a isso, quando ele próprio

resolveu o problema. O desejo de beber dominou-o novamente e me mandou esperá-lo. Ali ficou até a hora de fechar e, quando saiu, estava tão bêbado que não podia me escapar.

Não pensem que eu pretendia matá-lo a sangue-frio. Há muito tempo tinha decidido dar-lhe uma oportunidade de salvar a sua vida. Entre os muitos ofícios que tive na América, durante a minha existência errante, fui ajudante do laboratório da Universidade de Iorque. Um dia o professor, no decurso de uma aula sobre venenos, mostrou aos estudantes certo alcalóide que tinha extraído do veneno de flechas da América do Sul, dizendo ser tão potente que a mínima dose causava morte instantânea. Marquei o frasco onde essa preparação estava guardada e, quando todos se retiraram, recolhi uma pequena porção. Preparei o alcalóide em duas pílulas solúveis em água. Pus cada uma delas numa caixinha igual, juntamente com outra pílula sem veneno. Resolvi então que, quando chegasse a ocasião, Drebber e Stangerson escolheriam uma pílula e eu tomaria o restante. Era um meio igualmente fatal e menos ruidoso que um revólver disparado através de um lenço. Desde esse dia trouxe sempre comigo as duas caixinhas com as pílulas, e agora tinha chegado o momento de utilizá-las.

Era quase uma hora. A noite estava tempestuosa, fazia uma ventania dos diabos e chovia muito. Acendi um charuto e tirei umas baforadas para acalmar os nervos, mas as minhas mãos tremiam e as têmporas latejavam. Na escuridão da noite, parecia-me ver o velho John Ferrier e a doce Lucy, sorrindo para mim. Diante da casa da Brixton Road, não se via ninguém e tudo estava silencioso. Só a chuva não parava, quando olhei pela portinhola do carro, vi Drebber encolhido e bêbado.

— Já chegou — anunciei, sacudindo-o por um braço.

— Tá bem, cocheiro — resmungou.

— Com certeza pensava que tínhamos chegado ao hotel por ele indicado, porque desceu sem uma palavra e seguiu-me pelo jardim. Tive de caminhar a seu lado, amparando-o, já que não se mantinha bem em pé. Quando chegamos à porta, abri-a e conduzi-o até a sala da frente.

— Está escuro como o diabo — protestou, arrastando os pés.

— Já teremos luz — sosseguei-o, riscando um fósforo e acendendo uma vela que trazia comigo. — E agora, Enoch Drebber — continuei, voltando-me para ele, quem sou eu?

Olhou-me com os olhos turvos de bêbado e uma expressão de terror contorceu-lhe as feições. Tinha-me reconhecido. Recuou cambaleante, com o rosto lívido, o suor a brotar-lhe na testa. Encostei-me à porta e ri às gargalhadas.

— Cão maldito! — exclamei. — Andei no seu rasto desde Salt Lake City até São Petersburgo, e sempre me escapou. Agora as nossas viagens chegaram ao fim, porque um de nós não verá o dia de amanhã. Lembra-se de Lucy Ferrier? — gritei fechando a porta e sacudindo a chave. — O castigo tardou mas chegou.

A boca tremia-lhe, vilmente. Teria suplicado que lhe poupasse a vida se não soubesse que isso seria inútil.

— Vai me assassinar? — balbuciou.

— Não se assassina um cão raivoso? Por acaso teve piedade de Lucy quando a arrancou de junto do túmulo do pai para levá-la para o seu harém imundo?

— Não fui eu que matei o pai dela — gritou.

— Mas foi você que lhe despedaçou o coração! — repliquei, tirando a caixinha do bolso. — Deus será o nosso juiz. Tira uma e engole. Eu engolirei a que ficar. Vejamos se há justiça na Terra ou se tudo é obra do acaso.

Drebber tentou fugir covardemente, mas peguei a faca e aponte-lhe à garganta até que ele me obedeceu. Engoli a pílula restante e os dois ficamos face a face, em silêncio, esperando ver quem morreria e quem sobreviveria. Jamais esquecerei a sua expressão, quando as primeiras dores anunciaram que o veneno estava no seu corpo e não no meu. Comecei a rir e coloquei sob os seus olhos a aliança de Lucy. Foi apenas um breve instante, porque a ação daquele alcalóide é rápida. Um espasmo de dor contraiu-lhe as feições; estendeu as mãos para frente, cambaleou e, com um grito rouco, caiu pesadamente no chão. Virei-o com o pé e pus a mão no coração. Drebber estava morto!

Então, subitamente, o sangue começou a escorrer do meu nariz. Não sei como me veio a idéia de usá-lo para escrever na parede. Talvez a tentação de deixar uma pista falsa que confundisse a Polícia. Lembrei-me de um alemão encontrado morto em Nova York com a palavra RACHE escrita no peito. Os jornais diziam que o crime fora cometido sem dúvida por uma sociedade secreta. Pareceu-me que o que havia desorientado os novaiorquinos bem podia desorientar os londrinos, de modo que molhei o dedo no meu sangue e escrevi a tal palavra na parede. Depois voltei para o coche e não encontrei ninguém na rua. A noite estava horrível. Já tinha percorrido uma certa distância quando, levando a mão ao bolso, onde guardava a aliança de Lucy, não a encontrei. Sofri um golpe tremendo, porque era a única lembrança que tinha dela. Julgando que talvez a tivesse deixado cair quando me inclinei sobre o cadáver de Drebber, regressei àquela casa e

estacionei o coche numa travessa, pois estava disposto a tudo, menos a perder o anel. Quando lá cheguei, deparei com a polícia que vinha saindo e só consegui afastar as suas suspeitas fingindo-me bêbado.

Restava-me agora liquidar Stangerson. Sabia que estava hospedado no Hotel Holliday, e rondei o lugar durante todo o dia, mas o homem não apareceu. Talvez tivesse ficado desconfiado vendo que Drebber não regressara. Descobri logo qual era a janela do seu quarto e, na manhã seguinte, muito cedo, subi por uma escada que estava no fundo do hotel. Acordei-o e anunciei-lhe que havia chegado a hora de responder pela vida que tinha roubado há tantos anos. Conte-lhe como Drebber morreu e ofereci-lhe as pílulas para que escolhesse uma. Em vez de aproveitar a oportunidade de salvação que eu lhe concedia, pulou da cama e agarrou-me pelo pescoço. Em legítima defesa, matei-o com uma punhalada no coração.

Pouco me resta dizer. Continuei a trabalhar, pretendendo juntar dinheiro para regressar à América. Encontrava-me hoje na minha parada habitual, quando um garoto maltrapilho perguntou por um cocheiro chamado Jefferson Hope. Explicou que um cavalheiro desejava o meu serviço no 221-B da Baker Street. Fui lá, sem suspeitar de nada e, antes que eu tivesse tempo para pensar, este jovem algemou-me. E esta é a minha história. Talvez me considerem um assassino, mas fui apenas um instrumento da justiça.

Quando Jefferson Hope terminou, ainda permanecemos alguns minutos em silêncio, apenas interrompido pelo correr do lápis de Lestrade, que dava um toque final às suas anotações.

— Há apenas um ponto sobre o qual eu desejava obter esclarecimentos — solicitou Sherlock Holmes. — Quem era o seu cúmplice que veio procurar o anel por mim anunciado?

O prisioneiro piscou o olho ao meu amigo.

— Posso revelar os meus segredos, mas não ponho ninguém em dificuldades. Vi o seu anúncio e receei que se tratasse de uma cilada. Mas, também, podia ser mesmo o anel. Um amigo meu ofereceu-se para ir ver. E não diga que ele não fez um bom serviço.

— Esplêndido — respondeu Holmes com entusiasmo.

— Agora, cavalheiros — observou gravemente o inspetor —, devemos cumprir as formalidades legais. Na quinta-feira o detido será conduzido ao tribunal onde a sua presença será necessária. Até então serei responsável por ele.



— Sacudiu uma sineta e Jefferson Hope foi levado por dois guardas enquanto o meu amigo e eu nos retirávamos do posto policial e tomávamos um coche para voltar a Baker Street.

## VII – CONCLUSÃO

---

**T**odos fomos citados para comparecer na quinta-feira perante os magistrados, mas nesse dia não chegamos a fazer quaisquer depoimentos. Um juiz mais elevado ficou sabendo da tragédia e Jefferson Hope fora chamado a um tribunal onde seria julgado com a mais estrita justiça. Na mesma noite em que foi capturado, o aneurisma rebentou e encontraram-no no chão da cela, com um plácido sorriso nos lábios, como se, durante a agonia, tivesse considerado que cumprira a sua missão.

— Gregson e Lestrade ficarão furiosos com a morte de Hope — observou Holmes, quando a comentávamos na noite seguinte.

— Lá se foi a publicidade que esperavam.

— Não vejo onde tenham contribuído para desvendar o mistério — repliquei.

— Neste mundo, o que vale não é o que se faz — retorquiu asperamente —, mas o que os outros pensam que se fez. Não tem importância — prosseguiu mais tranqüilo. — Por coisa alguma eu teria renunciado a esta investigação. Embora simples, teve alguns pontos muito instrutivos.

— Simples! — exclamei.

— Francamente, seria difícil classificá-lo de outra maneira — prosseguiu Sherlock Holmes, sorrindo do meu espanto. — A prova da sua simplicidade é ter caçado o criminoso em três dias.

— Lá isso é verdade — admiti.

— Já lhe expliquei que as circunstâncias fora do comum constituem mais uma orientação do que um obstáculo. Ao resolver um problema desse gênero, o essencial é saber raciocinar retrospectivamente. Nos assuntos quotidianos é mais útil raciocinar para diante, na direção do tempo, de maneira que o processo inverso vai sendo esquecido.

— Confesso que não compreendi muito bem...

— Já esperava. Vejamos se me faço entender melhor. A maioria das pessoas, depois de você descrever uma série de acontecimentos, dirá a você quais as conseqüências. São capazes de deduzir o que provavelmente se

passará. Mas há alguns que, conhecendo apenas as consequências, são capazes de deduzir os acontecimentos que as provocaram. Refiro-me a essa capacidade quando falo em raciocinar retrospectivamente, ou analiticamente.

— Compreendo agora.

— Tentarei agora lhe expor as fases do meu raciocínio. Começemos pelo princípio. Como sabe, aproximei-me da casa, a pé e com o espírito livre de qualquer suposição. Naturalmente, comecei por examinar a rua e, como já lhe expliquei, vi nitidamente as marcas de um carro. A julgar pelo que me informaram, deveria ter estado ali, durante a noite. Tratava-se de um carro de aluguel e não uma carruagem particular, devido à espessura da roda. O coche londrino tem rodas mais estreitas do que a carruagem.

Era o primeiro ponto esclarecido. Depois, caminhei vagarosamente pelo jardim, cujo terreno argiloso é ótimo para reter marcas ou pegadas. Aquilo parecia um lameiro espezinhado, mas a meus olhos cada marca continha um significado. Não há nenhum ramo da investigação tão importante e tão negligenciado como a ciência de identificar pegadas. Reconheci as pegadas profundas dos policiais, mas também notei as marcas deixadas por dois homens que ali tinham passado antes daqueles. Antecediam as outras porque em certos pontos estavam completamente apagadas pelas subseqüentes. Dessa maneira, compreendi que os visitantes noturnos eram, um de grande estatura (segundo calculei pela largura dos seus passos) e outro elegantemente vestido, a julgar pela marca nítida dos seus sapatos.

Ao entrar na casa, esta última suposição foi confirmada. O homem bem calçado estava diante de mim. Portanto, fora o alto quem cometera o crime. Não havia nenhum ferimento no cadáver, mas a expressão dramática do seu rosto mostrou-me que ele previra o seu destino.

As pessoas que morrem de um ataque cardíaco, ou por qualquer outra causa natural e súbita, nunca apresentam as feições contraídas. Cheirando os lábios do defunto notei um leve cheiro de azedo e concluí que foi obrigado a tomar veneno, devido às suas feições que denotavam ódio e pavor. A administração compulsória do veneno não é coisa nova nos anais do crime. Os casos de Dolsky, em Odessa, e de Leturier, em Montpellier, não deixariam de ocorrer imediatamente a um toxicologista.

E agora vinha o problema central: o motivo do crime. Não foi roubo, visto que nada fora tirado do morto. Seria política, ou uma mulher? Desde o início, senti-me inclinado para a segunda hipótese. Assassinos políticos fazem o que têm a fazer e afastam-se logo. Este crime foi cometido com a

maior deliberação e o seu autor deixou indícios por toda a sala, demonstrando que ali permanecera muito tempo. Devia ser um caso pessoal, e não político, por se tratar de uma vingança tão metódica. Quando se descobriu a inscrição na parede, fiquei ainda mais inclinado para essa hipótese. Aquilo era evidentemente um falso indício. E quando se achou o anel, não me restavam mais dúvidas. Era evidente que o assassino o tinha usado para lembrar à sua vítima alguma mulher morta ou ausente. Foi nesta altura que perguntei a Gregson se no seu telegrama a Cleveland tinha pedido informações sobre algum ponto determinado da vida passada de Mr. Drebber. Como deve estar lembrado, ele respondeu-me negativamente.

Então realizei um cuidadoso exame na sala, o que confirmou a minha opinião quanto à estatura do assassino e forneceu-me pormenores adicionais sobre o charuto Trichinopoly e o comprimento das suas unhas. Eu já havia chegado à conclusão de que, por não haver sinais de luta, o sangue que manchava quase todo o soalho tinha jorrado do nariz do assassino em consequência da sua excitação. Observei que o rasto de sangue coincidia com as suas pegadas. É raro um homem, não tendo problemas sanguíneos, sofrer de hemorragia num momento de grande tensão, por isso admiti a hipótese de que o criminoso era uma pessoa robusta e de rosto vermelho. Os acontecimentos provaram que a minha dedução estava correta.

Ao deixar a casa, fui imediatamente fazer o que Gregson tinha esquecido. Telegrafei ao chefe de Polícia de Cleveland, pedindo informações sobre as circunstâncias relacionadas com o casamento de Enoch Drebber. A resposta foi conclusiva. Dizia-me que um antigo rival, chamado Jefferson Hope, se encontrava na Europa. Nada mais restava senão localizar o assassino.

Convenci-me de que o homem com quem Drebber entrara na casa não era outro senão o cocheiro. As marcas das rodas demonstravam que o cavalo tinha caminhado aos ziguezagues como se ninguém tivesse ficado na boleia. Conseqüentemente, onde poderia estar o cocheiro senão no interior da casa? Também era absurdo supor que alguém fosse cometer um homicídio quase sob os olhos de uma terceira pessoa, que facilmente poderia denunciá-lo. Finalmente, admitindo-se que um homem quisesse seguir outro através de toda a cidade de Londres, que outro ofício melhor encontraria do que se transformar em cocheiro de praça? Todas estas considerações me levaram à conclusão definitiva de que Jefferson Hope devia ser procurado entre os cocheiros de Londres.

E continuaria sendo. Não havia razão para supor que tivesse deixado de ser. Pelo contrário, sob o seu ponto de vista, qualquer mudança súbita de

atividade com certeza chamaria a atenção sobre ele. Provavelmente, por algum tempo, continuaria a exercer essa profissão. Não havia razão para imaginar que tivesse mudado de nome. Por que fazê-lo num país onde ninguém conhecia a sua verdadeira identidade? Mobilizei, portanto, o meu grupo de detetives composto por garotos vadios, e mandei-os sistematicamente a todos os cocheiros de Londres até encontrarem o homem. Cumpriram perfeitamente a sua missão e rapidamente tirei partido disso. O assassinato de Stangerson foi um incidente inteiramente inesperado, mas, de qualquer modo, teria sido muito difícil evitá-lo. Em consequência deste segundo crime, vieram parar nas minhas mãos as pílulas de cuja existência eu já suspeitava.

— É maravilhoso! — exclamei. — Os seus méritos deviam ser reconhecidos publicamente. Você devia publicar um relato do caso. Se não o fizer, eu o farei.

— Pode fazer o que quiser, doutor — respondeu Holmes. — Mas veja isto! — e passou-me um jornal. — Leia o que estão dizendo!

Era o último exemplar do Echo:

O público perdeu a ocasião de assistir a um julgamento sensacional devido à morte súbita de Hope, o autor dos homicídios de Enoch Drebbler e Joseph Stangerson. Os pormenores do caso provavelmente nunca serão divulgados, embora estejamos informados de que o crime foi consequência de uma antiga disputa na qual o amor e o mormonismo eram causas diretas. Consta que as vítimas pertenceram, na mocidade, à religião dos Santos dos Últimos Dias, e o acusado Hope, que morreu na prisão, era oriundo de Salt Lake City. Se o caso não teve maior repercussão, serviu ao menos para evidenciar a eficiência da nossa organização policial, além de constituir uma lição para os estrangeiros, que, doravante, tratarão de liquidar as suas desavenças fora do solo britânico. Não é segredo que o mérito desta brilhante captura cabe inteiramente a dois conhecidos investigadores da Scotland Yard, Mr. Lestrade e Mr. Gregson. O homem foi capturado no apartamento de um certo Mr. Sherlock Holmes, que, como amador, mostrou algum talento para a função de detetive e que, com tais instrutores, poderá talvez se aperfeiçoar, adquirindo, com o tempo, parte da sua consumada habilidade. Espera-se que alguma distinção especial seja conferida aos dois funcionários como justo reconhecimento pelos seus serviços.

— Não foi isso o que eu lhe disse desde o princípio? — observou Sherlock Holmes rindo. — Foi esse o resultado do nosso Estudo em Vermelho: arranjar-lhes uma distinção especial!

— Pouco importa — retorquiu. — Registre todos os fatos no meu diário e o público tomará conhecimento deles. Entretanto, contente-se com a íntima certeza de que venceu, podendo parafrasear o romano avaro.

*Populus me sibilat, at mihi plaudo*

*Ipse domi simul ac nummos contemplar in arca*<sup>(4)</sup>

Fim

---

---

<sup>(4)</sup> “Apupam-me na rua, mas, em minha casa, aplaudo-me ao contemplar o dinheiro no cofre.”

# ÍNDICE

## UM ESTUDO EM VERMELHO

---

### PRIMEIRA PARTE

Memórias do Doutor John H. Watson, ex-Oficial Médico do Exército de Sua Majestade Britânica .....	7
I – Mr. Sherlock Holmes .....	7
II – A Ciência da Dedução .....	14
III – O Mistério de Lauriston Gardens .....	23
IV – A Versão de John Rance .....	32
V – O Anúncio Atrai um Visitante .....	38
VI – A Investigação de Tobias Gregson .....	44
VII – Uma Luz nas Trevas .....	52

### SEGUNDA PARTE

O País dos Santos .....	59
I – No Deserto do Colorado .....	59
II – A Flor do Utah .....	66
III – John Ferrier Fala com o Profeta .....	70
IV – Uma Fuga Desesperada .....	73
V – Os Anjos Vingadores .....	79
VI – Continuação das Memórias do Dr. John Watson .....	84
VII – Conclusão .....	91